



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A CASA DUAL : DA CIDADE AO PARQUE

A Propósito do Parque Natural do Rio Seco

Filipa Costa Jorge Nogueira Breia

Trabalho Final de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Co-Orientador Científico: Professor Doutor José Duarte Gorjão Jorge

Júri:

Presidente: Professor Doutor Nuno Arenga

Vogal: Professora Doutora Madalena Cunha Matos

Vogal e Orientador: Professor Doutor Nuno Mateus

Lisboa, Novembro 2014

Agradecimentos

Ao Professor Nuno Mateus pelo empenho, dedicação e ajuda a todos os níveis.

Ao Professor Gorjão Jorge pelo apoio e entrega a este trabalho.

Ao Professor José Luís Crespo.

À minha Mãe e ao meu Pai.

À minha família.

Aos meus amigos.

Resumo

(314 palavras)

Trabalho focado no tema da cidade *Construir no Construído*. Foi a partir deste, da grande escala, que surgiu a pequena, *A Casa Dual: da Cidade ao Parque*. Após a análise do lugar a intervir, chegou-se ao objecto de estudo mais específico (*A Casa Dual*). O lugar estende-se como abrangendo o território que vai desde o vasto Monsanto até ao grande Rio Tejo. É ainda de notar a linha condutora do projecto, aquilo que interliga a montanha ao rio e vice-versa: a construção do Parque Natural do Rio Seco.

Deste grande parque será objecto de estudo uma pequena parcela onde o parque, como massa verde, e a cidade, como massa cinzenta, vão ser representados.

O teor do trabalho centra-se na habitação, assunto que nos tem colocado diversas questões ao longo da existência humana. Algumas vão ser abordadas aqui, tal como “a nossa casa natal” e a casa arquitectónica. Esta casa múltipla irá espelhar o frenesim da cidade, por um lado, e a quietude do parque, por outro.

O parque, elemento novo que se vê espelhado numa casa, incorpora diversos elementos importantes que o constituem e que dão forma à casa. O Rio Seco, por um lado, sendo o grande esqueleto de todo este parque, e a massa verde, por outro lado, que comporta a ideia de parque natural. Estes dois elementos naturais serão incorporados na casa, a fim de a tornar uma habitação única e possibilitando dois modos de vida distintos.

Ao tratar-se de uma *casa dual*, também a sua matéria é importante, porque tem de distinguir aquilo que diferencia as suas faces. De um lado a casa cidade que se irá revestir de pedra e azulejo, e do outro, a casa parque que se irá cobrir de cortiça, elemento sustentável extraído da natureza.

Um dos principais objectivos do trabalho é desenhar a casa como elemento singular perfeitamente enquadrado quer na cidade quer no parque.

Palavras-chave

Casa, Parque, Rio, Vegetação, Cortiça

Abstract

(323 words)

The essay that follows is focused on the theme of the “build on an already built city”. The Dual House, from the City to the Park, emerged from the large scale to the small one. After analyzing the place intended to be intervened, the decision to go ahead with this project became clear. The site itself extends as far as the enormous Monsanto and the great Tagus River. The construction of the Rio Seco Natural Park, which strongly connects the mountain to the river and vice versa, is the guideline of this project.

Just a small area of this huge park will be the target of this study. The Park will be represented as green mass while grey stands for the City.

The content of this paper is the housing issue, a controversial one that has been challenging Humankind ever since. It will be addressed here as “our native home” and the architectural house. This multiple home, our study case, the Dual House, will mirror on one hand the hustle and bustle of the city, and on the other, the stillness of the park.

The park, the new element to be mirrored in the house, incorporates in itself several important features that will undoubtedly shape the house. The Rio Seco, the large backbone throughout this park, and the green mass, synonymous with the natural park. These two elements will then be incorporated into the house in order to make it quite unique so as to enable two distinct ways of life.

Since it is a dual house, the building materials are important as well. They are expected to stress what differentiates its facades. The town house will be covered with stone and tile whereas cork, an ecofriendly sustainable element, will cover the park house.

One of the main goals of this project is to design this house as a singular element so that it can merge both with the city and the park.

Key-words

Home, Park, River, Vegetation, Cork

Introdução	1
- Tema	3
- Objectivos	4
- Metodologias	5
 Capítulo 1	 9
O Parque e a Cidade	11
- Os conceitos de Parque e de paisagem global	11
- O corredor verde na cidade de Lisboa	12
- O Parque Natural do Rio Seco	13
A Água	20
- Semântica e Pragmática da Água	20
- A Água no Parque	23
- A Água na cidade	24
- A Água na habitação	27
A Casa	31
- Casa como conceito	31
- Casa e "morada"	32
- A arquitectura da casa	34
- Um Parque habitado (neste caso)	35
 Capítulo 2	 39
A Concepção do Parque Natural do Rio Seco	41
- Desenho urbano	41
- Desenho do Parque	44
A Concepção da Casa	50
- A Arquitectura	50
- Os Detalhes	59
O uso da Maquete e do Desenho como ferramenta de projecto	64

- A Maquete que formaliza o conceito.....	64
- O Desenho que traduz a eficácia do conceito.....	65
- A Maquete como percepção do espaço.....	65
- A Maquete material.....	70
- O Desenho nas várias escalas.....	72
Conclusão.....	75
- Consequências da intervenção.....	77
- Pretensas inovações arquitectónicas e urbanísticas.....	77
- Vantagens da proposta.....	78
Bibliografia.....	81
Índice de Ilustrações.....	89
Peças Desenhadas.....	106

Construir no construído, é a expressão que nos coloca perante o conceito da natureza sedimentar dos lugares, da sua construção por camadas sucessivas e sobrepostas. Poder-se-á argumentar que se trata da conjunção de temas aparentemente opostos: *construir* (novo) sobre o existente (velho), mas coloca de forma evidente a necessidade de uma mais profunda reflexão sobre a inter-relação entre estes dois conceitos. Lisboa é a cidade que se apresenta como pano de fundo para a realização desta inter-relação destes dois conceitos, e que numa primeira análise mais abrangente, podemos afirmar que se trata de uma cidade com um tecido urbano bastante consolidado na sua zona nuclear e que tem assistido ao despovoamento progressivo do seu centro nas últimas décadas e a uma migração da população para as periferias, que alastraram territorialmente, colocando as pessoas em longos movimentos pendulares diários. Para contrariar esta dinâmica, é necessário adoptar uma nova atitude e ponderar a intervenção sobre o tecido já *construído*, reorganizando-o, percebendo o potencial dos seus usos, da qualidade dos seus lugares, vivências, formas e histórias, aos quais as novas construções vêm dar consistência e simultaneamente ampliar possibilidades de cidadania qualificada.

O trabalho que nos propomos desenvolver incide mais especificamente no tratamento de toda a zona envolvente ao Rio Seco, da qual fazem parte as freguesias da Ajuda e de Alcântara, procurando qualificar este vale como um parque natural urbano. O Rio Seco é hoje uma linha de água oculta no subsolo de um vale que desenha um percurso desde o Monsanto até ao Rio Tejo. Mas a sua ocupação foi caótica e heterogénea negando o vale enquanto suporte natural da cidade. Assim, toda a zona de intervenção tem como pólos principais a naturalização deste vale e da linha de água e a sua relação com o Parque Florestal de Monsanto, a norte e o Rio Tejo a sul, num *continuum* natural interligado.

Neste contexto, e a propósito do Rio Seco, o projecto assentará as suas linhas estruturantes na criação de um Parque Natural urbano na envolvente da linha de água, onde o Rio será novamente colocado a descoberto, como a coluna vertebral deste novo território de usufruto público. Esta estratégia tem como intenção primordial que este território venha a tornar-se uma extensão da massa verde de Monsanto sobre o Tejo, delimitando todo o território edificado, que se consolida e articula com o território que lhe dá suporte numa nova frente, acabando de alguma forma propor uma inversão das práticas das últimas décadas e por se constituir agora como o “*construir* do verde sobre o *construído*”. A definição das fronteiras deste “novo” Parque passará ainda pela demolição de alguns edifícios existentes que comprometem a implantação deste desígnio colectivo e sua substituição por

outros de configuração que se pretende mais adequada à definição desta estratégia.

De todo o vasto Parque, será objecto de estudo uma parcela onde o rio continua a ser estruturante de toda a área. Ele é parte integrante e geradora do próprio projecto enquanto elemento-base para pensar e organizar o desenho dos novos espaços. Assim, e com este enquadramento circunscrito, fundamentamos o tema a desenvolver ao longo deste trabalho, propomos que seja a *Casa Dual*.

E este conceito de casa que aqui se refere, não se traduz apenas no objecto-casa mas sim numa acepção de casa mais alargada, ou seja, em que todos os espaços que o homem pode habitar, desde o mais público ao mais privado. Assim, aquilo que nos propomos projectar começa pela reorganização do espaço urbano, redesenhando novos quarteirões, novos espaços públicos e novos edifícios de usos mistos. Para o conjunto dos novos espaços criados, investigaremos possibilidades de referenciação da água e do próprio rio como elementos arquitectónicos estruturantes, que propomos como organizadores das principais características dos espaços que se pretendem criar através do projecto.

O Rio Seco, principal veículo e elemento desenhador do espaço a intervir, cria lugares que registam movimentos de erosão, gestos e sensações dinâmicas, que podemos observar na própria água. As casas e o próprio desenho do parque natural nascem em simbiose com estes ritmos criados, interligando estas com o verde, percursos públicos e a respectiva água, bem como com a cidade consolidada.

Pretendemos assim recriar um novo contexto, misto de elementos naturais e construídos que se interligam e complementam.

Objectivos

Um dos primeiros objectivos do trabalho que nos propomos desenvolver é estudar e interpretar a história do lugar e consequentemente, perceber como essa mesma história tem influência nos dias de hoje e no próprio desenho urbano e de arquitectura.

Outra questão de algum relevo são os temas que vão ser aprofundados: *a água, o parque e a cidade*. Em primeiro lugar, sabemos que o clima está a mudar e traz com ele novos efeitos na paisagem urbana, sendo importante perceber quais são estas alterações e o que podem provocar ao urbano e à arquitectura. Dentro do domínio da água, e constituindo-se ela como estrutura organizativa de todo este parque e respectivo projecto, é útil entender como a sociedade vê e interpreta esta questão como elemento lúdico, cultural e natural, que certamente condicionará benevolmente a construção de novos espaços para a comunidade. A água irá então fazer parte do interior e do exterior das construções, optimizando as suas

polivalências. De igual modo, o parque é um elemento estruturante deste projecto, pelo que terá de se perceber e analisar qual a sua escala na cidade de Lisboa e entender, a nível da parcela urbana, o que faz parte desse parque.

Este parque vai então sujeitar-se, nalguns casos e noutros não, ao pré-existente, incluindo dentro dos seus limites, os limites da própria construção projectada. Tal como a água, o parque irá também participar no aparato formal que distingue o público do privado, assumindo diferentes formas.

Certamente influenciando as decisões projectuais, será útil estudar e perceber o que simboliza a rua, o espaço público e a casa para a população residente, tanto a nível de significados como a nível de usos e apropriações de espaço. Deste mesmo modo, terão que ser entendidos a rua e o espaço público como diferentes espaços de apropriação, o que novamente acarreta decisões a nível projectual.

Quanto às questões relacionadas com a habitação, será útil compreender todos os espaços da domesticidade e relacionar as novas habitações ao existente. Será relevante investigar as pré-existências e confrontá-las com novas formas de desenho de casa onde o elemento água e parque vão também participar.

Metodologia

A metodologia adoptada neste estudo pressupõe uma abordagem de carácter qualitativo, em que se irá trabalhar uma diversidade de técnicas de recolha e análise de informação para perceber o fenómeno na sua totalidade e múltiplas dimensões.

Recorreu-se a um levantamento bibliográfico, onde os autores foram escolhidos tendo em conta os temas principais do projecto, apesar de alguns terem maior relevância para o desenvolvimento do trabalho.

Ao nível dos casos de estudo, vários projectos serão estudados e comparados para ajudar na concepção da proposta urbana e arquitectónica.

Ao nível de projecto, quanto ao existente, será feito um levantamento tanto fotográfico como da sua arquitectura. Para tal, recorrer-se-á ao Arquivo da CML, onde plantas, cortes e alçados dos edifícios existentes serão fornecidos, para mais tarde, merecerem compreensão e integração na proposta urbana e arquitectónica.

O projecto em si, engloba diversas fases. Inicialmente pôr-se-á em prática uma estratégia de intervenção, à qual, a proposta urbana responde. Segue-se a proposta arquitectónica, onde várias tipologias vão ser estudadas, bem como o espaço público. Passando da arquitectura ao mais específico, ou seja, aos materiais e aos sistemas construtivos, consideramos que estes últimos terão de ser estudados com algum pormenor e integrados de modo a constituírem também o projecto de execução. Para finalizar, o desenho e a maquete culminarão todos estes

levantamentos e estudos como ferramenta do projecto de arquitectura e simultaneamente, como objectos de estudo e trabalho.

O PARQUE E A CIDADE

O conceito de Parque e a Paisagem Global

O Parque apresenta-se como elemento principal estruturante de todo o projecto. É nele e através dele que todas as decisões são tomadas e é a sua paisagem que modificará a cidade à qual o parque pertence.

O termo "Paisagem" significa "porção de território que se abrange num lance de olhos; vista; panorama".¹ " A "invenção" da paisagem é uma consequência da apropriação."² A partir destas constatações, ambas muito distintas, percebemos que estas imagens de paisagens são muito diferentes, no entanto ambas culminam num conceito de parque/território, seja um parque inserido numa cidade e fazendo parte do seu tecido urbano, seja um parque rural/verde, no qual a natureza encontra o seu suporte.

Sendo este parque que se pretende projectar, um parque na cidade de Lisboa é necessário "promover a formulação duma paisagem global que inclua as diferentes formas e funções das paisagens rural e urbana."³ Estas formas e funções de ambas as paisagens têm de se "interligar de tal maneira que, sem que percam as suas características próprias e funcionamento autónomo, não deixem de servir os interesses comuns da sociedade, quer digam mais respeito ao mundo rural, quer à vida urbana."⁴ Esta ligação entre os dois mundos distintos, terá que, acima de tudo, "estabelecer o continuum naturale no espaço urbano e no espaço rural, como elo entre as respectivas paisagens, permitindo a aproximação dos dois modos de vida e das pessoas."⁵, ou seja, permitir que se construa uma paisagem fluida, singular e integrada tanto quanto possível, uma paisagem, já sabemos, irrepetível.

A criação deste novo Parque, irá então permitir a inclusão de dois mundos distintos, trazendo, para a cidade de Lisboa, mercê disso, um claro benefício.

A imagem e cor do Parque, como em qualquer parque, são o verde, e por isso surgirá como uma mancha verde, uma nova mancha na cidade de Lisboa. E esta massa verde cumprirá diferentes funções, ocupações, não esquecendo que se trata de um parque de uma cidade. Para Aníbal S. A. Vieira, "os espaços verdes são usufruídos pelas pessoas em função da sua área"⁶ e "as áreas verdes urbanas para serem bem utilizadas, devem (...) ser um espaço orgânico, com finalidade, integrado na espinha de actividades comunitárias, e contribuindo para o bom

¹ Disponível em www: <URL: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/paisagem>>

² RIBEIRO TELLES, Gonçalo - *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 2011. p.476.

³ Idem. p.482.

⁴ Idem. p.482.

⁵ Idem. p.483.

⁶ VIEIRA, Aníbal S. A. - *Binário: Arquitectura, Construção e Equipamento*.142-143. Julho/Agosto 1970.p.10.

funcionamento dela.”⁷ Integrado na cidade, o parque deve fazer parte dela, e ser visto como um elemento participante das actividades cidasinas e não como um elemento à parte do mundo urbano.

O corredor verde na cidade de Lisboa

A cidade de Lisboa é a cidade que se apresenta como pano de fundo à realização deste Parque. É agora vez de retratá-la, de perceber como ela funciona, e especificamente no caso de Lisboa.

Para Cullen a “cidade é algo mais do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem (...) viver em comunidade a viverem isoladas.”⁸ E cada cidade tem as suas características próprias: “a sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza.”⁹, tornando cada uma como única e diferente. É bastante interessante perceber quais os padrões que a cidade de Lisboa apresenta que a tornam tão distinta, como, por exemplo, da cidade do Porto. Simples detalhes, materiais e processos de construção devem ser observados minuciosamente para percebermos o que torna a cidade algo de irrepetível. Resumindo, cada cidade “é caracterizada por um seu próprio e particular aspecto, por ser aquela precisa arquitectura; mas por outro lado, é reportável a um desenho geral.”¹⁰, e este desenho geral também a define e individualiza. As cidades são identificáveis desde o geral até ao particular, como num projecto de arquitectura.

“A cidade (...) é aqui entendida como uma arquitectura. Ao falar de arquitectura não entendo referir-me apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto das suas arquitecturas, mas, de preferência, à arquitectura como construção. Refiro-me à construção da cidade no tempo.”¹¹ O tempo é então, também, um participante na construção da imagem de uma cidade.

Esta arquitectura que caracteriza as cidades é “carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de factos novos e antigos.”¹² A cidade é feita de arquitectura viva, que conta histórias do povo que habita a cidade.

Rossi fala-nos da imagem das cidades, de como elas se apresentam e como através da arquitectura isso se concretiza. Esta arquitectura tanto se pode dividir enquanto

⁷ VIEIRA, Aníbal S. A. – *Binário: Arquitectura, Construção e Equipamento*.142-143. Julho/Agosto 1970.p.10.

⁸ CULLEN, Gordon – *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2010. p.9.

⁹ Idem. p.13.

¹⁰ ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. p.16.

¹¹ Idem. p.31.

¹² Idem. p.33.

matéria como enquanto forma e Rossi apoia isso mesmo. "A individualidade depende certamente mais da sua forma do que da sua matéria, embora esta tenha um papel importante; mas depende também do facto de a sua forma ser organizada e tornada complexa no espaço e no tempo."¹³

Todas estas características (arquitectura, forma, matéria e tempo) fazem parte da paisagem urbana e como consequência esta, "surge na maioria das vezes, como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas."¹⁴

A cidade de Lisboa, como qualquer outra, é caracterizada por estas questões, acabando elas por torná-la única numa paisagem global. Esta paisagem global, como já foi referido anteriormente, é composta por paisagem urbana e rural. Lisboa comporta isso mesmo: com a sua paisagem "rural" que constitui todos os verdes e os lugares peculiares que sustentam a nossa cidade. Esta cidade abraça todo o Rio Tejo e ele é um dos argumentos da cidade, que explica muitas das decisões urbanas. Tendo o rio a sul e o céu como um pano de fundo contínuo, cria-se uma atmosfera azul, à qual, o verde dos Parques se contrapõe. Este verde, acaba por ser uma grande massa na zona central de Lisboa. O Parque Florestal do Monsanto é o grande pulmão da cidade de Lisboa, onde a sua forma, matéria, tempo e arquitetura o distinguem e o tornam único à imagem de outros parques. Para esta grande massa verde ganhar presença na paisagem urbana, tem de ser alargada e para isto, o Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles propõe a ligação de Monsanto ao Parque Eduardo VII. Com isto, Monsanto ganha novo dinamismo e agora esse dinamismo terá de ser dado também ao Rio Tejo, um dos grandes argumentos da cidade como do projecto a desenvolver.

Parque Natural do Rio Seco

Sendo a imagem de Parque urbano uma imagem bastante antiga nas cidades, justifica-se a proliferação deste tipo de equipamento em todo o planeta. Assim, o parque urbano está ligado a três conceitos fundamentais, como Ribeiro Telles aponta: "é um conjunto em que domina a árvore com um sentido próximo da mata; é uma superfície mais ou menos extensa e é essencialmente destinada ao recreio, embora possa ter aproveitamento lucrativo nalguns aspectos, como a caça ou a pastagem."¹⁵

A partir daqui, podemos apresentar várias referências de parque, tanto a nível nacional como internacional.

¹³ ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. p.45.

¹⁴ CULLEN, Gordon – *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2010. p.11.

¹⁵ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.133.

Parque Florestal do Monsanto (Lisboa):



Fig. 1 – Forma Parque Florestal do Monsanto



Fig. 2 – Percurso Pedonal no Monsanto



Fig. 3 – Inter-relação entre a água e o verde no Monsanto



Fig. 4 – Caminho Campestre no Monsanto

Parque Eduardo VII (Lisboa):



Fig. 5– Forma Parque Eduardo VII



Fig. 6 – Desenho do Parque



Fig. 7 – Convívio no Parque



Fig. 8 – Relação entre vários elementos naturais

Central Parque (Nova Iorque):



Fig. 9 – Forma Central Parque



Fig. 10 – Vista aérea Central Parque



Fig. 11– Percursos Pedonais no Parque



Fig. 12– Cor da Natureza no Parque



Fig. 13– Convívio e Lazer no Parque



Fig. 14– Zona Central do Parque



Fig. 15– Zona de Água no Parque



Fig. 16– Ciclovias no Parque

Hyde Parque (Londres):



Fig. 17 – Forma Hyde Parque



Fig. 18 – Relação entre a Água e o Verde no Hyde Parque



Fig. 19 – Cores da Natureza no Parque



Fig. 20 – Zonas de Lazer no Parque

Através das imagens percebemos muitas das polivalências de um parque e quais os modos de apropriação, de vivências, de mobiliário, de árvores que proporciona. Todos esses modos de apropriação foram estudadas para se perceber o que é um parque e o que se pode fazer através dele.

Com base nisto, o Parque Natural do Rio Seco é o suporte de todo o projecto e ergue-se no seio da cidade de Lisboa, entre paisagens urbanas e rurais e no contexto do Parque Florestal de Monsanto e do Rio Tejo. A partir do projecto do Arquitecto Ribeiro Telles, o Parque Natural nasce no seguimento da massa verde alargada, tentando criar um anel verde possível de percorrer em toda a cidade. Com este novo anel, a cidade de Lisboa vê agora a sua paisagem campestre alargada e a sua massa urbana reestruturada.

Este Parque, além do anel verde de que participa, liga o Monsanto ao Rio Tejo, acabando por se tornar num corredor verde que suporta e sustenta a cidade, mais especificamente, as freguesias da Ajuda e de Alcântara. Estas duas freguesias, nos seus limites, desenharam um vale de um rio, o Rio Seco, e este rio é estruturante de todo o Parque Natural. Hoje, o Rio Seco encontra-se desactivado e sobre ele, existe uma acumulação de edificações dispostas numa aparente desordem. Em termos de edificado não percebemos qual foi a ordem que determinou a sua localização, no entanto as suas potencialidades em termos de localização na cidade são óbvias. Hoje, fazem parte do vale do Parque diversas habitações, equipamentos, comércio, pequenas zonas verdes e habitações clandestinas. É, neste contexto e dentro dele que o novo Parque nasce e se desenha sobre o existente, onde é feita uma análise das potencialidades da massa edificada. Após esta análise, seleccionam-se os edifícios e os usos a manter, com o propósito de ajudar na definição do parque.



Fig. 21 - Anel Verde



Fig. 22 - Lisboa e o Parque Natural do Rio Seco

Enquanto parque, muitas valências fazem parte dele e a principal será a árvore e todo o conjunto de massa verde, senão não poderíamos estar a falar de um parque ou de na paisagem natural, nesta acepção do termo.

A árvore, elemento vital na vida humana, está presente desde há muito tempo nas paisagens tradicionais portuguesas.¹⁶ "Também nas cidades, [a árvore] desde ensombrando as carreiras dos terrenos de feira, as avenidas e alamedas, os jardins e parques públicos, os quintais e jardins privados, está presente desde há muito."¹⁷ Hoje, a árvore, enquanto elemento singular é considerada "uma presença viva que habita entre nós. Isso possibilita novas relações entre a nossa arquitectura orgânica e as estruturas naturais."¹⁸ Podemos ainda constatar que o valor da árvore, "quer como matéria-prima da economia industrial, quer como elemento fundamental do espaço natural, ou melhor, daquele onde impera a vida em toda a sua complexidade de formas e relações"¹⁹, é fundamental à paisagem e é reconhecido por todos.

Outra questão importante, quando se fala de uma árvore, é o tempo, que actua nela da mesma forma que actua na cidade. O tempo é um interveniente na imagem da árvore e consequentemente na imagem do parque. Esta imagem não poderá nunca ser vista como um quadro mas antes como uma paisagem em constante mudança, porque os seus intervenientes assim o permitem. "Ao ciclo do dia sucede o da noite, à pradaria coberta pela neve sucede a chuva e a florescência das árvores, depois a queda das folhas, e assim sucessivamente, num espectáculo interactivo, preparado por esta cenografia em que o céu e o jardim - a natureza -

¹⁶ "A árvore, isolada ou constituindo matas, montados, olivais, sebes e debruçando as margens de rios e ribeiras, está presente em todas as paisagens tradicionais portuguesas." - CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro - *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.11.

¹⁷ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro - *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.11.

¹⁸ CULLEN, Gordon - *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2010. p.84.

¹⁹ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro - *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.10.

aparecem como uma matéria ao tempo cíclico.”²⁰ Esta poderia ser uma descrição do tempo a actuar no Parque Natural do Rio Seco. Ribeiro Telles também apoia este facto e diz que “a árvore, para além de exprimir os ritmos do tempo e o correr das estações, é o símbolo da vida e como tal exaltada por poetas, sinal de lugares e ambientes.”²¹ Tendo em conta isto, os elementos que constituem o parque, têm de ser seleccionados a ponto de permitirem o compassar do tempo. Assim, as árvores são elementos fundamentais, e no plano do projectivo acabam por se escolher árvores de folha caduca, árvores de fruto e árvores com vários tons cromáticos. Todas estas escolhas de árvores culminam também na ideia dos cinco sentidos: a audição, o olfacto, a visão, o paladar e o tacto. Na audição é onde o parque tem o seu principal papel, de que a água faz parte, todos os seus movimentos, estados, ritmos, velocidades, o barulho suave das folhas das árvores que mexem ao saber do vento e todos os seres voadores que irão habitar o parque. O olfacto está presente no parque pelas consecutivas árvores, flores e frutos. A visão, de fácil apreensão, cativa o olhar do homem quando visita ao parque em contraposição com a cidade consolidada adjacente. O paladar acaba por estar muito relacionado com o olfacto, verificando-se a possibilidade de colher frutos e degustá-los em pleno parque. Por fim, é através do tacto que podemos sentir todos os participantes da vida natural e que acabam por cativar o nosso toque e interação connosco. A ideia base é dar um dinamismo forte à massa arbórea que acontece nas margens do rio seco, existindo assim, maior expressão da vida natural entre Monsanto e o Rio Tejo.

Ainda dentro do âmbito da árvore, e o que ela representa, consideramos que as suas funções são fundamentais para o desenvolvimento de um ecossistema sustentável.²² “Hoje muitas destas funções são primordiais no desenvolvimento das áreas metropolitanas e do próprio espaço urbano das grandes cidades onde se fazem sentir a necessidade da existência de vários tipos de agricultura: hortas sociais, jardins privados de produção e recreio, espaços colectivos de produção, quintas pedagógicas e sistemas agrícolas tradicionais.”²³ Além disto, o elemento árvore é ainda um compositor activo nas paisagens arquitectónicas, tal como nos diz Ribeiro Telles: “Também na composição arquitectónica dos espaços da grande

²⁰ ÁBALOS, Iñaki – *A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade*. Lisboa: GG, 2013. p. 26-27

²¹ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.11.

²² “As funções da árvore, mata e sebe viva na paisagem, considerando tanto os espaços rurais e naturais como os espaços urbanos e industriais, ou ocupados por infra-estruturas, são as de garantir a presença de vida silvestre, promover a mais conveniente circulação da água e do ar, manter o equilíbrio dos ecossistemas, assegurar a fertilidade dos campos, contrabalançar com a sua presença, o artificialismo do meio urbano que tanto afecta a saúde psicossomática das populações, e ainda a de valorizar a escala e a proporção dos volumes edificados.” - CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.10.

²³ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.10.

paisagem e nos que dizem respeito ao quotidiano, quer naqueles onde domina a natureza viva, quer nos limitados por edifícios, a árvore desempenha um importante papel estético”²⁴.

Resumindo, toda esta ideia de parque que se irá aplicar no Parque Natural do Rio Seco apresenta-se como um “ambiente calmo e repousante sob a protecção do arvoredo, sol e a frescura do relvado, a pureza do ar no meio da cidade”²⁵, sendo eles fundamentais e tornando “o parque indispensável para a vida da urbe.”²⁶

George Simmel, numa simples frase, retracta toda a vida num ambiente florestal: “Acontece-nos vezes sem conta atravessar a livre natureza e percepção com os mais diversos graus de atenção árvores e cursos de água, prados e searas, colinas e casas e todos os mil variados cambiantes da luz e das nuvens.”²⁷

²⁴ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.12.

²⁵ Idem. p.137.

²⁶ Idem. p.137.

²⁷ SIMMEL, George - *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 2011. p.42.

A ÁGUA

Água, é um dos outros principais intervenientes no Parque Natural do Rio Seco, caracterizando-o de maneira muito singular. O seu papel deve ser aqui ressaltado devido à sua importância enquanto elemento gerador de todas as decisões de projecto, porque ele (rio e água) são a base para todo o Parque e toda a intervenção a nível particular.²⁸

Semântica e Pragmática da Água

Fundamentado no explicado anteriormente, pode-se afirmar que, a água é a base da concepção do espaço interior e do espaço exterior e perceber qual o seu papel nas várias apropriações e na tradição primordial torna-se, por essas razões, fundamental.

Para tal, é necessário perceber a semântica e a pragmática da água, por assim dizer. Aprofundá-las-emos aqui a partir dos seguintes temas: a água enquanto vida, a água enquanto matéria, a poética da água, a água no lugar e aquilo a que podemos chamar a água na sua essência.

A água enquanto vida

"A água é um dos quatro elementos fundamentais reverenciados desde a Antiguidade e uma fonte de vida essencial para o mundo vivo. As suas múltiplas qualidades, os seus valores e atributos têm inspirado a Humanidade na criação de artefactos, que procuram utilizar, reproduzir e recriar muitas das suas potencialidades e dos seus recursos." ²⁹

São vários os autores que apoiam e defendem a ideia de que a água é o elemento que nos sustenta a todos, visto que, sem ela, a vida não existe e não se desenvolve. Logo a água no seu primeiro estado simboliza a vida (é simples perceber isto, quando nos deparamos que no planeta terra $\frac{3}{4}$ são água). Assim, "a água cria a vida, e a sua falta, condiciona a existência." ³⁰

Sendo a água um elemento participante da "paisagem rural e do mar, únicas fontes de alimentos, (...) [de que depende] a sobrevivência da humanidade" ³¹. Da gestão e organização da paisagem rural "depende também a qualidade e a melhor utilização

²⁸ "O interesse em estudar a água surge no momento do nascimento de um projecto nela alicerçado" – CAMPOS, Mafalda F. L. T. – *A Água como matéria e como elemento de concepção de um espaço interior. O projecto de um Spa para um Hotel de Charme*. Lisboa: FAUTL, Dezembro 2010. p.1.

²⁹ SARAIVA, Maria Graça A. N. – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005. p.21.

³⁰ CAMPOS, Mafalda F. L. T. – *A Água como matéria e como elemento de concepção de um espaço interior. O projecto de um Spa para um Hotel de Charme*. Lisboa: FAUTL, Dezembro 2010. p.1.

³¹ RIBEIRO TELLES, Gonçalo - *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 2011. p.478.

da água potável e dos recursos.”³² Leonel Fadigas acrescenta ainda que a incorporação da água na paisagem tem extrema relevância: além do carácter poético que lhe está subjacente, ela representa todo o simbolismo da vida, sendo a sua fonte e origem.³³

Gaston Bachelard é outro dos autores que apoia esta ideia, a de a água ser o elemento vida que nos sustenta a todos. No entanto é a dimensão poética da água que neste autor é enfatizada. Ele reconhece na água e na sua própria substância “um tipo de intimidade, intimidade bem diferente das que as “profundezas” do fogo ou da pedra sugerem.”³⁴ O autor vê ainda a água como pureza³⁵ e como sendo o destino do ser humano.³⁶

A água enquanto matéria

No campo da matéria, a água é compreendida “como geradora de formas, e por isso um elemento de concepção espacial e, simultaneamente, como algo possível de ser moldado a um recipiente que a contenha.”³⁷ Assim, a água é um elemento gerador de espaço interior como de espaço exterior, acabando por se poder materializar e pesar, como quase de matéria sólida se tratasse. A forma dessa matéria não se traduz no objecto que ela simboliza, mas no espaço que ela ocupa. Ou seja, a água é aqui entendida como volume criador de lugares e espaços. Bachelard comprova isto afirmando que “na experiência das massas, a água surgirá claramente como a matéria dominadora. (...) A fim de mostrar a aptidão da água para compor-se com outros elementos, (...) devemos lembrar que o verdadeiro tipo da composição é, para a imaginação material, a composição da água com a terra.”³⁸

³² RIBEIRO TELLES, Gonçalo - *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 2011. p.478.

³³ FADIGAS, Leonel - *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005. p.36.

³⁴ BACHELARD, Gaston - *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.6.

³⁵ “A água é objecto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza.” - BACHELARD, Gaston - *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.15.

³⁶ “O ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório.” - BACHELARD, Gaston - *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.6-7.

³⁷ CAMPOS, Mafalda F. L. T. - *A Água como matéria e como elemento de concepção de um espaço interior. O projecto de um Spa para um Hotel de Charme*. Lisboa: FAUTL, Dezembro 2010. p.1.

³⁸ BACHELARD, Gaston - *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.15.

A poética da água

"A poética da água na arquitectura pode ser entendida no sentido originário produtivo, nas suas distintas asserções: enquanto elemento vital, utilitário e terapêutico, como elemento arquitectónico ambientador climático e enquanto elemento estético-poético."³⁹

Nesta dimensão, a água apresenta-se como um elemento poético, dinâmico, podendo criar diferentes ambientes. A água poética é aquela, que à semelhança das palavras conjugadas, cria diferentes sentidos, estados e retratos abstractos. Tanto podemos analisar a água como calma e maternal⁴⁰ como uma água agreste e selvagem.⁴¹ Isto é consequência de que a água "quando se desloca, cria formas sinuosas perante os obstáculos que vai encontrando pelo caminho."⁴² A água conjugada com a arquitectura torna-se poética significando diferentes coisas.

O espaço no lugar

"A arquitectura começa quando o nómada acampa junto de um riacho ou de uma nascente."⁴³ e sendo a água um elemento natural, sempre que está em contacto com a arquitectura, relaciona-se com esta de um modo único.

Através da obra arquitectónica, a água surge "como elemento de ligação entre a natureza e a criação humana."⁴⁴

A água, incorporada em projectos de arquitectura, torna-os diferentes, porque além de pôr à prova todos os nossos sentidos e provocar a nossa interacção com ela, cria lugares, espaços de diferentes formas e diferentes simbologias, tirando sempre partido dos seus estados e propriedades. Tendo em conta todas as polivalências da água, a arquitectura só ganha em incorporá-la.

A água na sua essência

A água encarada na sua essência apresenta-se como um elemento "físico".

³⁹ PINTO, Jorge Cruz – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005. p.114.

⁴⁰ BACHELARD, Gaston - *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁴¹ "Como elemento modelador de paisagens, o percurso da água condiciona tanto os processos de desenvolvimento como todos os modos de ocupação humana. Pela presença e pela ausência. Pela tranquilidade e pela violência." - FADIGAS, Leonel – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005. p.35.

⁴² CAMPOS, Mafalda F. L. T. – *A Água como matéria e como elemento de concepção de um espaço interior. O projecto de um Spa para um Hotel de Charme*. Lisboa: FAUTL, Dezembro 2010. p.21.

⁴³ CONCEIÇÃO, Luís – *A consagração da água através da arquitectura*. Lisboa: FAUTL, 1997. p. 767.

⁴⁴ SARAIVA, Maria Graça A. N. – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005. p.21.

João Pedro Costa dá especial atenção ao comportamento da água no território.⁴⁵ São abordadas questões relacionadas com inundações por *tsunami*, por cheia rápida, por situações de *flash flood*, pela subida do nível médio do mar e ainda pela subsidência dos solos. O autor afirma que pelo facto do “elemento água ser em regra instável, (...) a projecção de cenários territoriais corresponde sempre à produção de um ‘instantâneo’ na relação, sempre dinâmica, entre a frente ribeirinha e o rio.”⁴⁶ São desenvolvidas soluções de inovação relativas ao urbano e à arquitectura, onde “no que se refere às frentes de água, a inovação e criatividade convergem no objecto da resiliência. Trata-se (...) de desenvolver soluções de desenho urbano, de projecto de arquitectura, de novos materiais e tecnologias construtivas, capazes de acomodar impactos como (...) a subida do nível médio do mar, as inundações ou fenómenos de flash flood.”⁴⁷ Este autor acrescenta: “em zonas urbanas consolidadas, o espaço público ganha novas dimensões multifuncionais, associadas à retenção de águas pluviais, abrindo horizontes criativos.”⁴⁸

A Água no Parque

A água é o elemento base de todo este parque que propormos criar. A sua concepção é sustentada por ela.

Hoje, o Rio Seco encontra-se desactivado, logo a primeira coisa a fazer será reactivá-lo para assim ser o suporte natural de todo o vale que o abraça.

“É imprescindível mantermos os cursos de água, com todos os atributos de utilidade biológica e estabilidade física, como componentes fundamentais da paisagem.”⁴⁹ Fazendo parte desta paisagem verde que se pretende criar, o rio irá propor diversas actividades: lúdicas, culturais e de lazer. O rio irá ser apresentado e disposto na paisagem de diferentes maneiras a fim de potenciar e proporcionar diversas apropriações do lugar e interacções com a água.

Tal como Ribeiro Telles nos diz, “no parque também devemos aproximar-nos quanto possível da paisagem natural. A isso obrigam três aspectos principais:

O respeito pela paisagem circundante.

A despesa da conservação e instalação da flora exótica.

A própria estabilidade da obra.”⁵⁰

⁴⁵ COSTA, João Pedro – *Urbanismo e adaptação às alterações climáticas. As frentes de água*. Lisboa: Livros Horizonte, 2013.

⁴⁶ Idem. p.107.

⁴⁷ Idem. p.131.

⁴⁸ Idem. p. 131.

⁴⁹ RIBEIRO TELLES, Gonçalo - *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 2011. p.483.

⁵⁰ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999. p.133.

A partir da análise feita aos vários parques, como podemos ver no subcapítulo anterior, todos os parques seleccionados tinham água na sua composição, podendo-se agora afirmar, com toda a certeza, que a água é um elemento útil e fundamental na paisagem verde e na paisagem rural.

A Água na Cidade

Tal como a água é um elemento caracterizador das paisagens rurais e verdes, também ela é fundamental na concepção de uma cidade. No parque, ela está no seu *habitat* natural, mas na cidade, para contrariar isso mesmo e construir uma paisagem global, a água deve estar presente dentro da cidade e de várias maneiras. As cidades do litoral têm como horizonte a água, logo estas urbes vivem disso: estes grandes espaços são por ela potenciados. “Para a cidade do litoral, o mar é a sua razão de ser.”⁵¹

Incorporar a água em diferentes espaços da vida urbana é um potencial benefício para a revitalização da zona urbana envolvente ao Parque Natural do Rio Seco. Percebendo-se que este elemento modifica a organização do espaço público, dada a sua inconstância (formal) pelo menos, novos usos e novas apropriações ao mesmo espaço vão surgir. A inclusão do elemento água numa praça ou numa zona pública convida a uma mais intensa apropriação e vivência das pessoas e estimula o desenvolvimento de vários tipos de actividades. Assim a água é um benefício nas cidades visto ser um “elemento estético e decorativo que, pelo movimento, pela reflexão, pelo som, pela luz e pela imagem, introduz variedade, diversidade e beleza, contribuindo para a identidade e carácter do espaço urbano.”⁵²

Num contexto global, ou seja, juntando a água e a arquitectura (base de todas as cidades), verificamos que estas influenciam “de forma intensa a paisagem urbana, desde a localização e implantação da cidade até ao desenho dos seus elementos.”⁵³

“A valorização da água no meio urbano pode, assim, assumir um carácter identitário e referencial, e expressar também a formalização de outras valências e atributos inerentes ao conceito de sustentabilidade, como a adequação ecológica e ambiental, o interesse social.”⁵⁴

Já percebemos que a água é definidora de cidades e organizadora de espaços públicos. São múltiplos os exemplos, de como a água foi incorporada no espaço urbano e como o próprio tempo determina o tipo de uso a que ela convida.

⁵¹ CULLEN, Gordon – *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2010. p.192.

⁵² SARAIVA, Maria Graça A. N. – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005. p.24.

⁵³ Idem. p.24.

⁵⁴ Idem. p.30.

Friburgo (Alemanha):



Fig. 23 – Eléctrico em Friburgo



Fig. 24 – Percursos de Água na cidade



Fig. 25 – A Água e o Verde na cidade de Friburgo

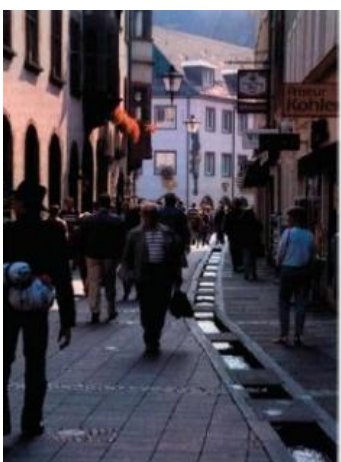


Fig. 26 – Percursos de Água definidores de ruas na cidade



Fig. 27 – A Água e o seu caudal



Fig. 28 – A Água e a sua inter-relação

Banyoles (Espanha) intervenção do Arquitecto Josep Miàs:



Fig. 29 – A presença da Água numa Praça na cidade de Banyoles



Fig. 30 – A Água na definição de ruas



Fig. 31 – Pequenas bacias de retenção de Água



Fig. 32 – A Água contemporânea e a Água antiga (chafariz)



Fig. 33 – A Água e a Comunidade



Fig. 34 – A Água na Praça e a sua relação com o Homem



Fig. 35 – A Água e o Lazer

Praça de Água (Roterdão) projecto do atelier De Urbanisten:



Fig. 36 – Praça de Água na Primavera



Fig. 37 – Praça de Água no Verão



Fig. 38 – Praça de Água no Outono



Fig. 39 – Praça de Água no Inverno

Hoje, a incorporação da água no domínio da habitação é um dado adquirido. No entanto, ela começou por ser um simples elemento por servir tarefas da confecção à higiene e só posteriormente passou a ser vista como um elemento de composição da própria casa e como marca de riqueza. Em qualquer habitação corrente conseguimos ter o acesso à água através do equipamento presente nos espaços, onde a sua presença está prevista (cozinha, casa-de-banho, etc.). Porém, hoje, são muitas já as casas, de um extracto social mais privilegiado, em que a água nos surge noutros espaços, como elemento ostentatório.

O banho e o seu equipamento de suporte, as piscinas, existem desde a antiguidade. Ainda presentes no dias de hoje, no entanto o modo como se inscrevem no espaço doméstico, foi-se alterando ao longo do tempo. Para além dos espaços em que a água se utiliza, naquelas funções acima apontadas, vemo-la hoje presente em coberturas, em pátios com espelhos de água, em pátios que contêm percursos desenhados pela água e ainda em situações de piscina (até eventualmente com árvores, tentado construir um ambiente tropical e exótico, por exemplo).

Alhambra, um exemplo a nível mundial de grandiosa e bela arquitectura, incorpora a água em muitos dos seus espaços e de diferentes maneiras. Para a civilização islâmica, "el agua es un elemento fundamental (...) objeto de simbolismos y tradiciones."⁵⁵ A utilização da água no mundo islâmico tem "múltiples significados: es origen de la vida; símbolo de pureza como purificadora de cuerpo y alma; es considerada piadosa limosna en la medida en que se facilita su acceso a personas y animales; es el utensilio de limpieza para el cuidado, tanto personal como doméstico; y además tiene connotaciones poéticas."⁵⁶

São várias as situações de espaços no Alhambra, onde a água serve com felicidade como elemento compositivo.

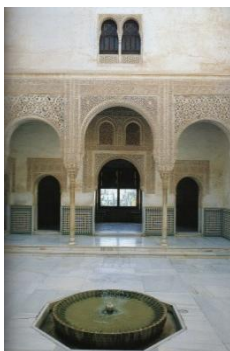


Fig. 40 – El Cuarto Dourado



Fig. 41 – Patio de Comares

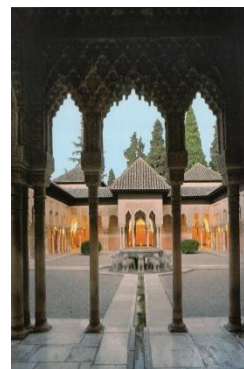


Fig. 42 – Palacio de los Leones

⁵⁵ LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guía Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucía: TF Editores. p.272.

⁵⁶ Idem. p. 272-273.

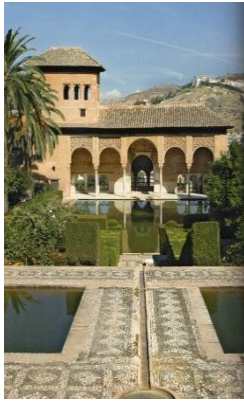


Fig. 43 - El Partal



Fig. 44 - El Generalife



Fig. 45 - Patio de la Acequia

A presença da água empresta sempre um carácter muito particular a todo o edificado que ela por assim dizer, banha: pode penetrar por pátios e varandas das casas. Nestas situações, é o tempo, como factor essencial na modelação do espaço, que participa, na criação de ambientes.

É significativo o caso do atelier De Urbanisten, onde as habitações dão directamente para o rio que, assim, serve de diferentes modos.

Iseldoks (Doetinchem, Holanda):



Fig. 46 - Relação entre o Rio e as Habitações na Primavera



Fig. 47 – Relação entre o Rio e as Habitações no Outono



Fig. 48 – Relação entre o Rio e as Habitações no Inverno

A CASA

O termo a casa é outro principal ponto do trabalho. Tal como o mesmo indica, o trabalho incide sobre a temática da casa dual: da cidade ao parque e, uma vez que já foram tratados tanto a cidade como o parque e os elementos que os constituem, é agora a vez de tratar a questão da casa. Esta vai ser tratada em vários domínios, nunca esquecendo o que é e o que representa uma casa na sociedade ocidental.

Casa como conceito

Um dos grandes autores de sempre, Gaston Bachelard, fala-nos da casa como “o nosso canto do mundo. Ela é (...) o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos em toda acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela.”⁵⁷ A casa cruza-se então com o nascimento do homem, porque é através da casa e só da casa que “a vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada.”⁵⁸ “O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso”⁵⁹, ou seja, a casa rege a vida do homem, é o primeiro factor para a nossa existência enquanto seres humanos.

A casa como conceito relaciona-se muito com a ideia que está subjacente ao conceito de abrigo. Não obstante, o termo abrigo relaciona-se com o de acolher, o de proteger do exterior, mas não tem depositado nele a ideia de casa, de poder realizar-se o “em casa”. Vejamos as seguintes situações: uma rocha e uma árvore podem ser vistos como um abrigo, porque, de certo modo, nos protegem do exterior e das suas agressões, nos acolhem e o nosso corpo adapta-se às suas formas até um tempo limite. No entanto, não têm capacidades nem estrutura de neles se realizar o acto de habitar nas suas perfeitas condições. Uma árvore e uma rocha não podem ser chamadas “casa” mas uma casa pode ser chamada “abrigo”, visto que ela, tal como a árvore e a rocha, nos abriga. Então o que distingue uma situação da outra? Acontece que, uma casa além de nos acolher tem depositada nela um conjunto de valências que a rocha e a árvore não têm. É a partir da casa e só assim se deve reconhecê-la como tal, que o “seu espaço é sempre um espaço qualificado, é um espaço que acolhe a domesticidade de quem o utiliza.”⁶⁰ E esta domesticidade só se pode realizar em casa e é através dela que nos sentimos “verdadeiramente abrigado[s] e que [se] define aquilo a que se poderá chamar «a

⁵⁷ BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Coleção Tópicos, 2008. p. 200.

⁵⁸ Idem . p. 201

⁵⁹ Idem . p. 201

⁶⁰ JORGE, Gorjão – *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007. p. 94.

minha privacidade».⁶¹ Bachelard também é desta opinião e diz-nos que “todo o espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa.”⁶² A casa, sendo uma estrutura qualificada, é diferente da árvore e da rocha, porque “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz.”⁶³

Esta casa de que se fala, além de se relacionar com o conceito de abrigo, “é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”⁶⁴, e estas lembranças e sonhos relacionam-se com a nossa casa de infância, a nossa casa natal.

Esta casa natal é evocada como ponto de partida das lembranças, porque é nesta específica casa que elas estão guardadas.⁶⁵ Sendo assim, e através das nossas memórias, podemos afirmar que a “casa natal está fisicamente inscrita em nós”⁶⁶, ela é o nosso termo de comparação para qualquer casa daí em diante. “Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança, é viver na casa desaparecida como nós sonhamos.”⁶⁷ Esta casa natal de que se fala tem um carácter muito importante em todos nós, porque ela permanece para sempre nos nossos ideais de casa. Além de ser “um protótipo de casa, é um corpo de sonhos”⁶⁸ e “inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa e todas as outras não são mais que as variações de um tema fundamental. A palavra hábito é uma palavra usada demais para explicar essa ligação apaixonada de nosso corpo que não esquece a casa inolvidável.”⁶⁹

Além de esta casa natal guardar em nós todas as suas lembranças e ser o elemento-base de comparação, “quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da infância Imóvel, imóvel como Imemorial.”⁷⁰, ou seja, a casa natal é também um transporte nos nossos sonhos.

Casa e “morada”

“Habitar um espaço define uma relação essencial do ser humano com o território: estabelecer nele a sua casa. É a ideia de casa, de morada, de alojamento, de

⁶¹ JORGE, Gorjão – *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007. p. 93.

⁶² BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Colecção Tópicos, 2008. p. 200.

⁶³ Idem. p. 201.

⁶⁴ Idem. p. 201.s

⁶⁵ “É graças á casa que um número de nossas lembranças estão guardadas.” - BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Colecção Tópicos, 2008. p. 202.

⁶⁶ BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Colecção Tópicos, 2008. p. 206.

⁶⁷ Idem. p. 207.

⁶⁸ Idem. p. 207.

⁶⁹ Idem. p. 207.

⁷⁰ Idem. p. 201.

apartamento, que traduz as suas diversas formas.”⁷¹ Assim, casa e morada estão automaticamente relacionadas visto que a morada só se materializa se existir uma casa, e essa morada está também em relação com o homem: a morada humana. Aquilo que define a “minha” morada humana é onde o “em casa” de que se falava anteriormente se realiza, ou seja, onde o homem se pode “totalizar”. Naturalmente, o “em casa” exige uma série de condições que lhe estão subjacentes: “Em primeiro lugar, a “casa” deve ser reconhecida como tal. O seu espaço é sempre um espaço qualificado, é um espaço que acolhe a domesticidade de quem o utiliza.”⁷²

Além da minha casa me definir e consequentemente me identificar com ela e ela se ajustar à minha maneira de viver, a casa ganha uma nova valência. Poder-se-á dizer que a casa se apresenta como uma segunda pele de mim mesmo, é um espelho da minha alma e da minha personagem. É nela e a partir dela que me exponho ao mundo. A casa, fazendo parte do meu ser, “põe em relação o *eu*, o *aqui* e o *agora*”⁷³ e consequentemente torna a minha morada como única. É a partir da minha casa e da minha morada que me oriento no universo. “A partir dela, oriento-me no espaço: parto todos os dias da minha casa para, depois, a ela regressar.”⁷⁴ O longe e o perto são subjectivos mas a minha morada existe para isso mesmo, para distinguir o que está perto do que está longe. Estas duas equações (longe e perto) são “o primeiro dado do meu juízo tipológico: a localização da minha casa constitui um pólo atractivo no mapa das minhas deslocações. Não a casa como coisa, mas a casa como morada, como *construção simbólica* no espaço.”⁷⁵ Eu “visto” a minha casa e a minha morada, elas são o meu espelho, a minha segunda pele. Neste âmbito, a minha casa torna-se uma moldura do meu espaço. “Tenho de poder e devo querer identificar-me com ela, já que ela se torna uma expressão de mim. Nela, aliás, deposita-se a minha *imagem social*.”⁷⁶ A minha localização e a minha imagem social é o que me distingue da localização do *outro*. A minha casa simboliza o meu esconderijo e por outro lado a minha exibição. Esta é, no final de contas, “o principal documento da minha história pessoal e, ao mesmo tempo, o seu arquivo.”⁷⁷ Como meu arquivo, ela tem sempre de responder, “como dispositivo de uso, aos meus hábitos, aos meus desejos, às minhas expectativas de modo eficaz.”⁷⁸

⁷¹ FISCHER, Gustave-N. – *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d. p.119.

⁷² JORGE, Gorjão – *Retóricas da Casa*. Policopiado. p. 1.

⁷³ Idem. p.1.

⁷⁴ Idem. p.1.

⁷⁵ Idem. p.1

⁷⁶ JORGE, Gorjão – *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007. p. 94.

⁷⁷ JORGE, Gorjão – *Retóricas da Casa*. Policopiado. p. 1.

⁷⁸ JORGE, Gorjão – *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007. p. 95.



Fig. 49 – Os diversos domínios do Habitat

Como já constatámos, o nosso habitat representa uma função vital, tendo de “responder à necessidade essencial de viver num espaço que protege dos perigos exteriores e ao mesmo tempo está protegido contra os riscos naturais e as violências alheias.”⁷⁹ Para tal, e através do que foi analisado anteriormente, o habitat terá de se representar como um espaço privado e organizado para a vida dos seus habitantes se desenrolar. É como espaço privado que ele se apresenta e, ao mesmo tempo, é a arquitectura que lhe oferece as várias premissas para ser um espaço concretamente habitável, ou seja, onde a própria domesticidade se pode realizar nas suas perfeitas condições.

Uma das premissas que caracteriza a arquitectura é a forma. A forma dá consistência ao espaço. Por outro lado, as formas que a arquitectura oferece relacionam-se com aquilo que acontece na casa, ou seja, a escolha de formas para um *habitat* é muito importante, visto determinar o modo de viver e consequentemente as relações entre os diversos habitantes. “A casa torna-se (...) a forma onde se desenvolve a habitação (enquanto acto de habitar)”⁸⁰ e “por isso, a casa «actualiza-se» ao servir de cenários aos actos de apropriação do espaço onde evoluem e se exercem os poderes dos seus diferentes habitantes,”⁸¹ “e, eventualmente, onde, também, esses poderes se modificam.”⁸² O discurso relatado pela conjugação das diversas formas sustenta a narrativa da casa. É a partir da forma que se desenvolvem diversos modos de habitar, porque elas implicam isso mesmo.

⁷⁹ FISCHER, Gustave-N. – *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d. p.119.

⁸⁰ JORGE, Gorjão – *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007. p. 96.

⁸¹ Idem. p. 96.

⁸² JORGE, Gorjão – *Retóricas da Casa*. Policopiado. p. 1.

Estas mesmas formas, que sustentam a arquitectura da casa, permitem diferentes modos de apropriação, onde “o habitante [se apropria] do espaço definido pela sua habitação, usando-a tecnicamente de acordo com determinadas finalidades.”⁸³

A apropriação exprime-se em “modificações físicas, de ocupação, de transformação ou simplesmente de utilização”.⁸⁴ É um processo psicológico que relaciona acções sobre um espaço, com o objectivo de o personalizar e transformar. A partir daqui qualquer habitante pode modificar o seu espaço a fim de o tornar só seu. E, com isso, enceta-se um diálogo entre o espaço a habitar e quem o habita.⁸⁵ Os modos de apropriação traduzem-se em estilos “de ocupação do espaço próprio de um indivíduo ou de um grupo.”⁸⁶

As diferentes apropriações gerem diferentes usos e existe uma co-relação entre apropriação e uso. Os usos são distintos dependendo de cada habitante, e são importantes, “na medida em que revelam no seu conjunto as posições e os movimentos do nosso corpo num dado ambiente.”⁸⁷ É através deles que se podem analisar tanto a experiência vivida como a função exercida.

A partir das várias variantes que caracterizam a arquitectura (formas, apropriações e usos), uma outra questão nos surge, a da intimidade. É um bem, ao qual todos deveríamos ter acesso, e é através da própria conjugação de diversas arquitecturas que o íntimo se pode realizar. A questão do íntimo é uma questão de elevado relevo na arquitectura, porque ele mesmo se altera dependendo da cultura, ou seja, a intimidade organiza o *habitat* nas diferentes culturas, e na sociedade ocidental tem espaços que acolhem essa intimidade com maior eficácia. Não é o quarto de dormir que desempenha o papel mais íntimo da casa, na sociedade ocidental? No extremo do significado o habitat revê-se como um “lugar construído essencialmente com vista a preservar a intimidade”⁸⁸ e é através dela que o ser humano se pode abrigar e proteger.

Um Parque habitado (neste caso)

O Parque Natural do Rio Seco é nas habitações tratado como cenário. Logo é importante trazê-lo para a casa, implicando-o no próprio acto de habitá-la. “Wright interpretava lo natural como uma nueva classe de vida informal, en contacto com

⁸³ JORGE, Gorjão – *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007. p. 101.

⁸⁴ FISCHER, Gustave-N. – *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d. p. 82.

⁸⁵ “A apropriação é uma maneira de materializar uma parte do seu universo mental no espaço físico ambiente, para o fazer nosso.” - FISCHER, Gustave-N. – *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d. p. 82.

⁸⁶ Idem. p. 82.

⁸⁷ FISCHER, Gustave-N. – *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d. p. 37.

⁸⁸ Idem. p. 125.

materiales naturales, com artefactos sencillos y escuetos y, en la medida de lo posible, com un entorno natural.”⁸⁹

Esta casa que este autor fala, engloba todas as valências tratadas anteriormente. É uma casa “morada”, é uma casa arquitectónica e além disso tudo é uma casa parque.

A casa surge então “como mediador entre o natural e o artificial, na procura de um equilíbrio “paradisiaco”.”⁹⁰ Nasce na simbiose entre a cidade consolidada e o parque desafogado. É ela que faz a ponte entre estes dois mundos tão distintos. Nada melhor, do que ser uma habitação que comporta em si, tanto a cidade, por um lado, como o parque, por outro. Trata-se então de um parque habitado, ao qual pertence a ideia de casa, casa que o sustenta. Podemos então afirmar que com a presença do natural se pode viver e habitar de forma mais equilibrada.⁹¹

São várias as habitações que dão para o parque ao longo de todo o vale do Rio Seco, no entanto existirão vários tipos de habitar, e referimo-nos aos vários extractos sociais, porque uma cidade é assim composta, por extractos económicos todos diferentes. No entanto, e como se trata de uma nova situação na cidade de Lisboa, um parque habitado, será composto por moradias unifamiliares que existirão em maior número, fazendo a ponte entre as duas paisagens. “O maior ganho em viver numa moradia privada é o contacto e a proximidade com a natureza e a grandiosa saúde corporal e espiritual que daí advém. Até a moradia na cidade, pelo menos, possui conexão com o chão e permite respirar ar fresco.”⁹²

⁸⁹ SHCULZ, Christian Norberg – *Los Principios de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Reverté, 2005. p.98.

⁹⁰ COSTA, Pedro Campos – *HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER*. Lisboa: EDIUAL, 2011/2012. p.15.

⁹¹ “Poderemos habitar de forma mais equilibrada com o natural?” - COSTA, Pedro Campos – *HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER*. Lisboa: EDIUAL, 2011/2012. p.18.

⁹² COSTA, Pedro Campos – *HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER*. Lisboa: EDIUAL, 2011/2012. p.27.

CAPÍTULO 2

A CONCEPÇÃO DO PARQUE NATURAL DO RIO SECO

O desenho urbano



Fig. 50 - Parque Natural do Rio Seco e respectiva Zona de Intervenção

De todo este parque, a zona de intervenção que propomos trabalhar, a nível mais aprofundado, são três quarteirões, que tem também o Rio Seco como esqueleto e gerador do espaço urbano e verde, centrando-nos nas seguintes ruas: Rua Alfredo da Silva (a noroeste), Calçada da Boa-Hora (a nordeste/sudeste), Rua Quinta do Almargem (a noroeste), Rua Pinto Ferreira (a sudoeste), Travessa Artur Lamas (a sul) e Rua Artur Lamas (a sudoeste).



Fig. 51 - Vista Sudoeste da Parcela de Intervenção



Fig. 52 - Vista Sudeste da Parcela de Intervenção

Estas parcelas englobam desde parte da Universidade Lusíada, habitações nos anos 40, habitações dos anos 80, comércio típico, a casa do Embaixador de Inglaterra, uma pequena casa de arquitectura campestre estrategicamente colocada junto ao vale do rio. Após várias visitas ao local e a um levantamento fotográfico muito detalhado, foi necessário recorrer à CML para que nos fossem fornecidos os desenhos de vários edifícios a ponto de percebermos se eram úteis e se fariam parte integrante do novo desenho do Parque. Com isto, percebeu-se que as únicas coisas que iriam ser conservadas seriam as habitações dos anos 40, visto terem um carácter arquitectónico muito forte, a casa do Embaixador de Inglaterra, onde o seu jardim privado irá fazer parte integrante do novo Parque Natural do Rio Seco, e a pequena casa de carácter campestre, por onde o vale/rio passam.



Fig. 53 – Situação Actual por onde o vale do rio passa

Dentro de todo o carácter urbano ("um espaço denso onde se concentra um certo número de funções e actividades"⁹³), foram prolongadas duas ruas existentes, de maneira a não fechar o espaço urbano sobre si mesmo mas abrir novos espaços de carácter privado e público.



Fig. 54 – Situação Actual Urbana (demolições a verde)

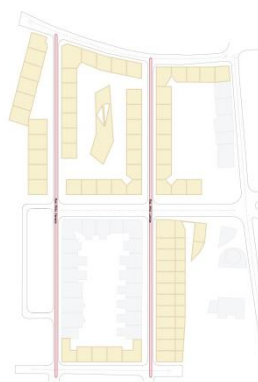


Fig. 55 – Nova situação Urbana e prolongamento de ruas existentes (novos edifícios a bege)

⁹³ FISCHER, Gustave-N. – Psicologia Social do Ambiente. Lisboa: Instituto Piaget, s.d. p. 120.

Foram construídos novos seis edifícios destinados ao comércio e à habitação, onde as casas se desenvolveram em uma família por piso (T0 e T1) ou em duplex (T2 e T3). No quarteirão central, os dois edifícios em L foram uma praça e esta foi desenvolvida através do conceito de água na cidade, apresentado no capítulo anterior. Aqui, nasce todo um espaço destinado ao comércio, composto por uma grande pala perfurada na sua zona central, por onde se erguem várias árvores, a ponto de tornar este espaço um espaço natural. Todo este espaço central existe sobre uma plataforma de água, a fim de criar uma possível imagem de paisagem global, onde rio se poder prolongar, metaforicamente falando. Tenta-se, pois criar um parque, de pequeno porte, à semelhança da imagem do Parque Natural.

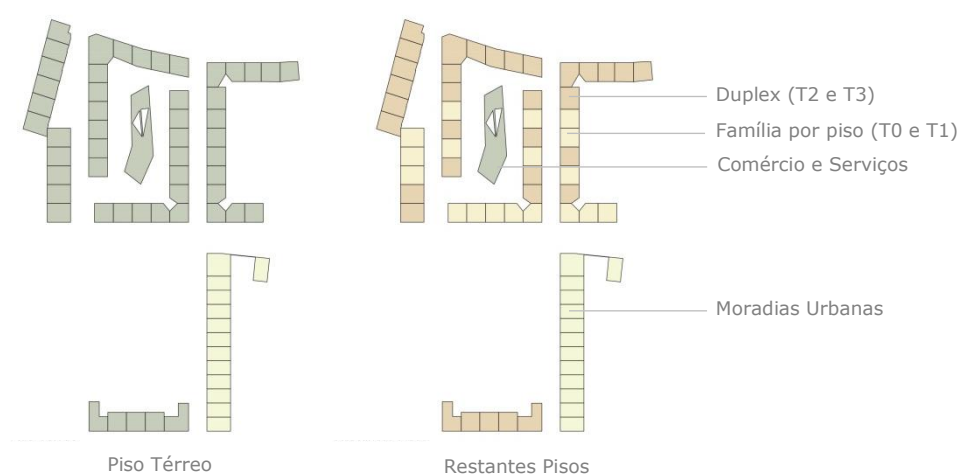


Fig. 56 – Organização Tipológica

São vários os autores que falam de questões relacionadas com os elementos que constituem a cidade. Lynch refere que a rua se afirma como um espelho de si mesma, ou como um espelho de outras partes da cidade. Para ele, “as ruas podem não ser identificáveis e contínuas, mas ter, no entanto, qualidades direccionais.”⁹⁴ Cullen, outro autor que nos fala destas questões, afirma que “a ocupação de determinados espaços ou linhas privilegiadas no exterior, os recintos, pontos focais, paisagens interiores, etc., são outras tantas formas de apropriação do espaço.”⁹⁵ e que o “abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes da apropriação do espaço.”⁹⁶

⁹⁴ LYNCH, Kevin – A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 58.

⁹⁵ CULLEN, Gordon – A Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2010. p.23.

⁹⁶ CULLEN, Gordon – A Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2010. p.25.

Do desenho urbano, aquela parcela que propomos desenvolver é a que engloba a casa do Embaixador de Inglaterra e a casa campestre, onde, aqui o Rio Seco é o principal estruturante do parque e das habitações que o circundam. Cria-se um ambiente misto, onde existe uma gradação do Parque Natural para a cidade consolidada, e como Cullen afirma “de um lado, o assobiar do vento por entre as árvores, do outro o ressoar oco das passadas na calçada.”⁹⁷

Aquilo que se pretende criar é um jardim vertical, ou seja, estando presente nas imediações do rio, que suba e se prolongue até ao céu.

Para isso, fez-se um estudo para perceber se tal seria possível. Assim, são vários os projectos que tratam do jardim como vertical, através de desníveis, com o propósito de criar movimentos e dinamismos.

O primeiro caso de estudo para a realização do projecto foram os Jardins Suspensos da Babilónia, datados do século III a. C., no qual, presumivelmente, o Rio Eufrates participa. O rio age como um participante da paisagem criada e sustenta todo aquele ambiente tropical. Os jardins nascem em simbiose entre o rio e a acção do homem, podendo afirmar-se que os Jardins Suspensos da Babilónia são a primeira obra de território com a intervenção do homem.



Fig. 57 – Construção Ostentativa na Babilónia



Fig. 58 – Patamares que constituem o Jardim



Fig. 59 – Espécies Arbóreas que ornamentam o Jardim



Fig. 60 – Percursos de Água pelos Jardins Suspensos da Babilónia

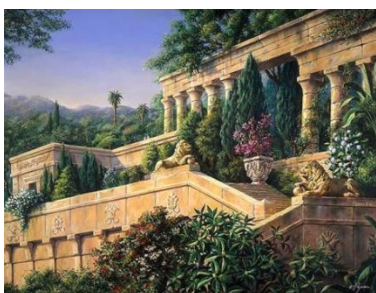


Fig. 61 – Vida nos Jardins



Fig. 62 – Rio Eufrates

Além desta grande referência de estudo, são vários os ateliers de arquitectura e urbanismo que tratam esta metáfora de jardins suspensos, de jardins que participam na argumentação da arquitectura vivida.

⁹⁷ CULLEN, Gordon – *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2010. p.62.

O atelier dos arquitectos BIG, tem esta temática muito presente no projecto 8 Tallet, na qual a água se apresenta como um espelho que reflecte e sustenta a sua arquitectura envolvente. O verde nasce no seio do edificado e sobe pela massa construída, tornando o edifício como uma manta verde. A cobertura do mesmo, gere um percurso, um corredor verde, que, visto de cima se liga com a água.



Fig. 63 – Relação entre a água e o edificado



Fig. 64 – Vista superior do quarteirão



Fig. 65 – Vista do interior do quarteirão



Fig. 66 – Maquete que relaciona o dinamismo das varandas

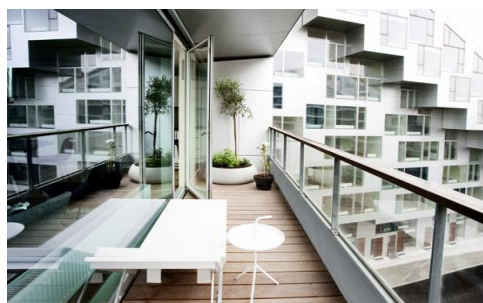


Fig. 67 – Varanda de uma habitação



Fig. 68 – Percursos que interligam os vários níveis do edifício



Fig. 69 – O quarteirão visto da rua



Fig. 70 – Vivência no interior do quarteirão

Também o atelier JDS, trabalha o verde como lâminas, lâminas essas que se empilham e criam uma imagem geral e única do edifício. O projecto intitula-se de Kagithane Gardens e engloba, da mesma maneira do projecto anterior, a temática da água e o verde como participantes da imagem do edifício.



Fig. 71 - Vista Global de Kagithane Gardens



Fig. 72 - Vista superior de Kagithane Gardens

Como se trata de verde empilhado, também o atelier PROAP (arquitectos paisagísticos) desenha jardins dinâmicos, onde o verde cobre toda a paisagem e o edificado surge como pano de fundo. Existem dois exemplos disto, o caso de Lea River Park em Londres, criando-se um ambiente mais de floresta e o caso de Riverside Park of Barcelos, no qual o ambiente é semelhante ao do Parque Natural do Rio Seco.



Fig. 73 - Lea River Park (Londres)

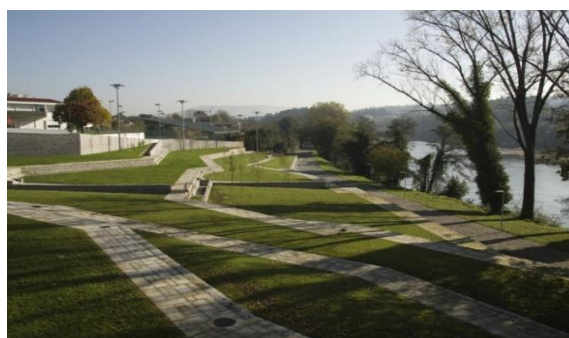


Fig. 74 - Riverside Park of Barcelos (Barcelos)

Com base nos casos de estudo apresentados, e a partir deles, desenhar o parque foi simples, visto que já estava na ideia um desenho que se agarrasse ao movimento do rio. São então criadas layers de jardim, que se submetam ao desenho da primeira layer, o rio. Estas layers seguintes irão subir e cruzar-se com o desenho das casas, com o propósito, de as mesmas terem as dinâmicas do parque e consequentemente os movimentos da água do rio. No seu limite,

podemos afirmar que as linhas geradoras do desenho dos desníveis do parque, são metáforas dos movimentos que a água tem e faz ao correr.

Do desenho do parque fazem parte várias valências. Além das árvores, do rio e das casas que o sustentam, este parque é desenhado para as pessoas e, conseqüentemente, existem zonas destinadas às mesmas. Como meios de transporte do Parque, o eléctrico é o principal, tendo várias paragens ao longo de todo o seu percurso, e este acaba por acompanhar o vale do rio, através de um traçado que respeita a propriedade. Além deste, existem caminhos pedonais e ciclovias, de modo a permitir várias experiências e diversas actividades por todo o parque. A árvore, tal como vimos no capítulo anterior, é um elemento fundamental para a compreensão do parque. Assim, são criadas “promenades”, onde a sombra é essencial e através da qual se criam pontos de paragem. É também necessário dar cor ao parque e para tal, irão ser escolhidas diversas árvores (Tília, Laranjeira e Jacarandá), de diversas cores e tamanhos, tornando-o interactivo, tal como vimos no capítulo anterior.

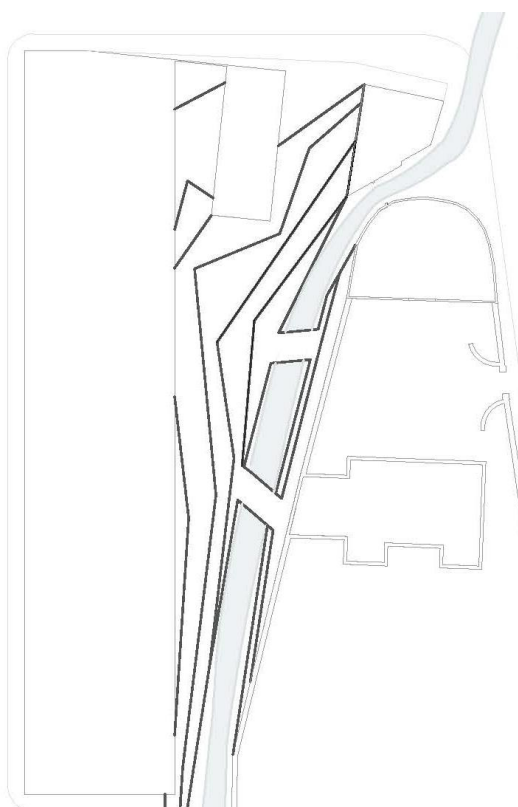


Fig. 75 - O desenho do Parque



Fig. 76 - Zonas Verdes



Fig. 77 - Promenade

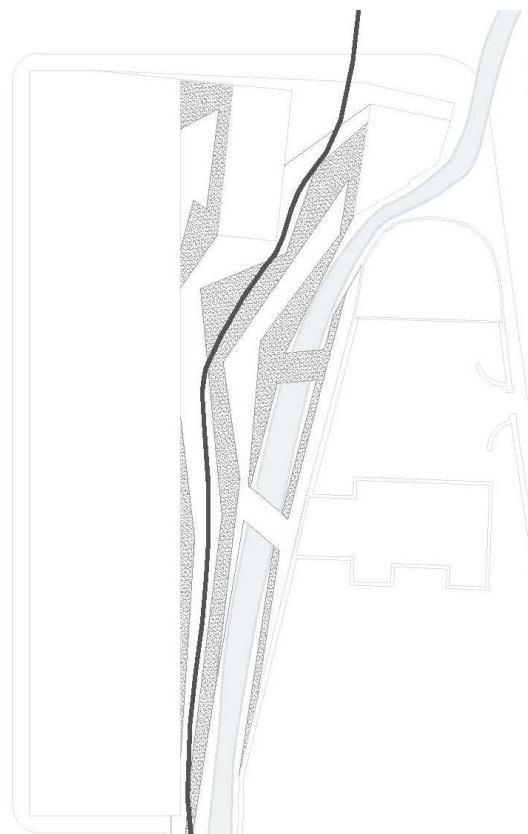


Fig. 78 - Eléctrico e Zonas Pedonais

A CONCEPÇÃO DA CASA

A Arquitectura

A partir do desenho do parque e de todas as suas layers, seguiu-se o desenho da casa e consequentemente o desenho do edifício. Este edifício é composto por treze casas. Nestas treze casas, o interior é sempre o mesmo, com excepção da casa grande, no entanto, a parte exterior parque é diferente em todas permitindo, que cada casa tenha as suas próprias vivências e apropriações.

Dentro do domínio do edifício parque, o atelier demm Architects no projecto Living Foz (Porto), apresenta o conceito do verde empilhado formando uma imagem contínua, onde as linhas geradoras do verde são incorporadas no desenho da arquitectura, transformando o edifício em layers sobrepostas. Este projecto, aproxima-se bastante do edifício a desenvolver, no que toca à imagem exterior da casa que dá para o parque.



Fig. 79 – Planta de Implantação do edifício

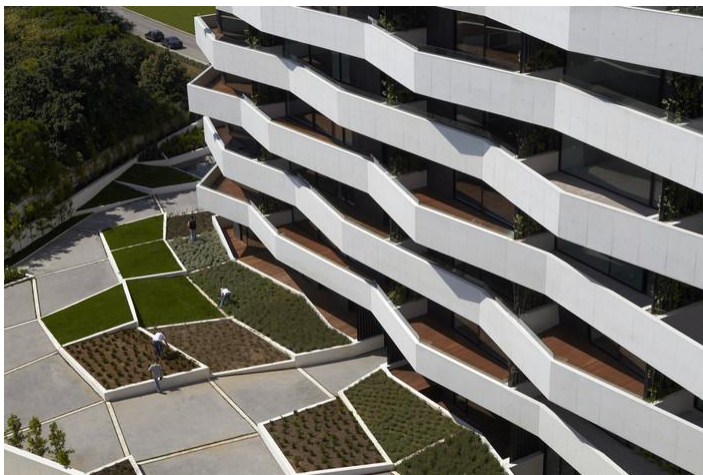


Fig. 80 – Relação entre os dinanismos das varandas e o jardim



Fig. 81 – Movimento das varandas

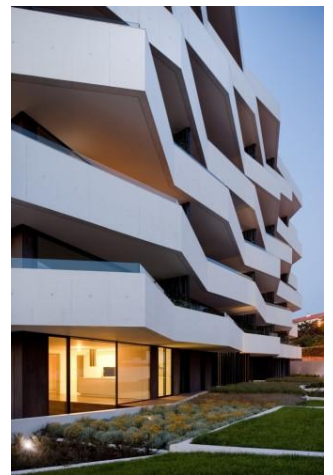


Fig. 82 – Relação de uma habitação com o edifício

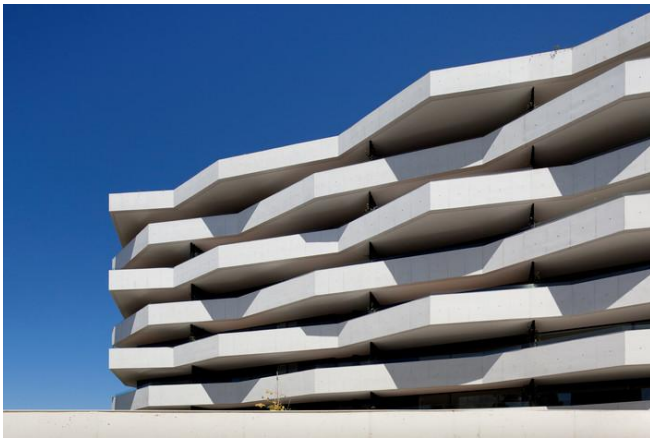


Fig. 83 – Relação luz/sombra no edificado



Fig. 84 – Vista sobre a cidade do Porto

A partir do caso de estudo apresentado, o desenho completo do edifício nasce, o qual é influenciado pelo desenho do parque, tal como no projecto acima.

Assim cada casa tem as suas zonas exteriores, todas diferentes e algumas com comunicação entre elas. As separações das casas são feitas através de diferentes perfis metálicos, as quais se agarram as trepadeiras, formando a ideia do jardim que sobe pelas paredes das casas.

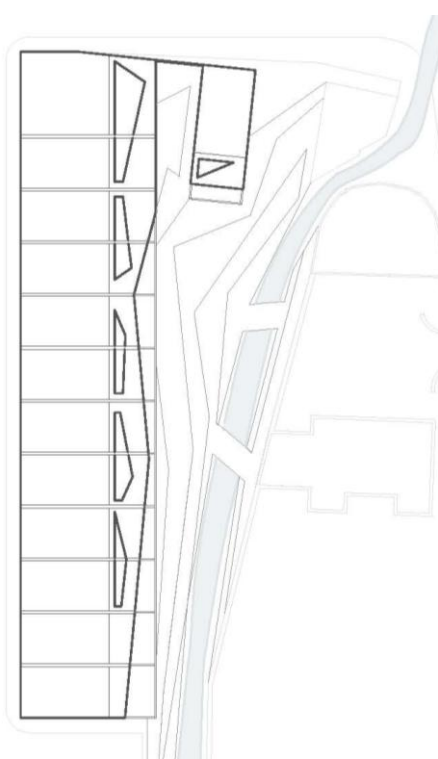


Fig. 85 - Layer 1

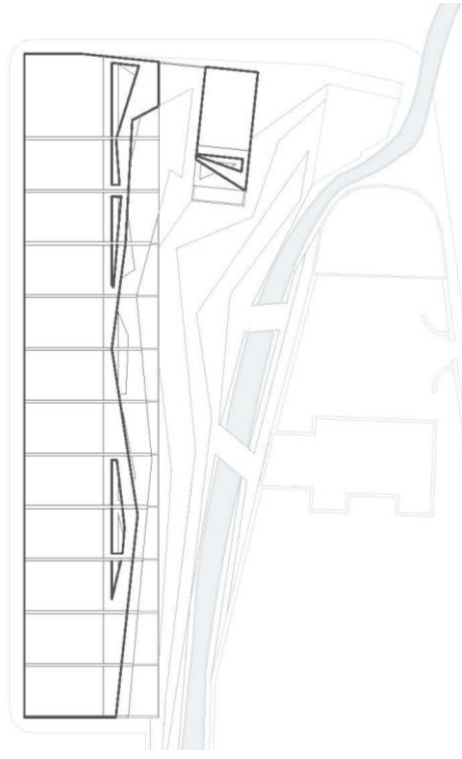


Fig. 86 - Layer 2

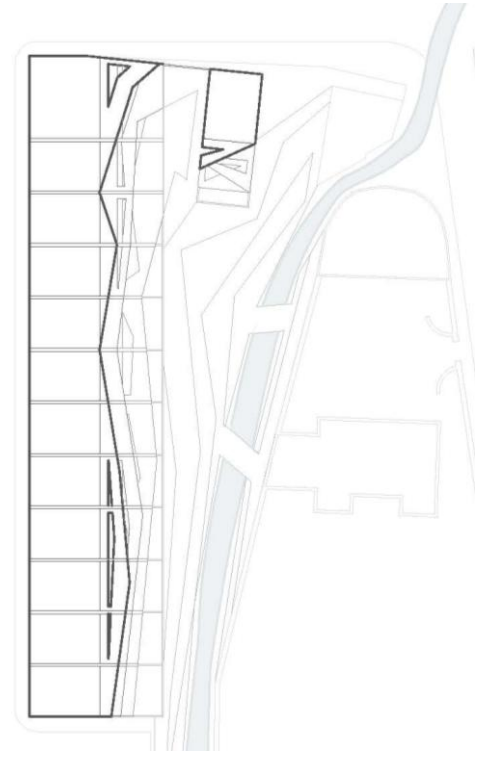


Fig. 87 -Layer 3

A partir dos desenhos apresentados, percebemos que se trata de uma imagem geral, onde cada linha implica a seguinte e a anterior. Estas, foram tratadas como um conjunto e só mais tarde, se seleccionaram as layers que faziam parte do

parque e as layers que desenhavam as varandas e consequentemente as dinâmicas do edifício.

Dentro de um domínio mais privado, e porque assim o projecto de arquitectura o exige (e visto serem precisas várias escalas de trabalho para completar e entender o projecto), parte-se para uma representação de escalas diferenciadas que pormenorizam o edificado. Para desenhar esta *casa dual* é necessário partir de várias premissas. Por um lado, é uma casa, cuja repetição cria uma frente sob a forma de rua que, como imagem urbana, contrasta com a imagem “natural” do parque. Por outro lado a repetição dessa casa permite a criação de uma espécie de jardim vertical através dos movimentos das diversas varandas. Por aqui se obterá um ambiente natural e saudável.



Fig. 88 - Vista Rua



Fig. 89 - Vista Parque

Uma outra questão leva-nos ao facto de termos de desenhar moradias urbanas, que vão estabelecer a ponte entre estes dois mundos distintos (cidade e parque) e que são o cenário que sustenta o parque na sua essência. Sendo então uma casa o pano de fundo de um parque que nela se reflecte, esta tem de se representar nele, onde todos os domínios da casa são trabalhados a fim de alcançar o parque.

Como ponto de partida do desenho da casa em si, é feita uma análise e pesquisa até se conseguir encontrar a base da sustentação da organização que se pretende criar no interior da *casa dual*. É na cidade de Lisboa que se encontra a principal referência que nos permite construir uma argumentação consistente em relação à lógica do espaço desta casa: o projecto dos arquitectos ARX, intitulado “Moradia em Lisboa”, onde o edifício é constituído por cinco pisos, tendo uma tipologia de lote longo, o que faz com que a casa se desenvolva na vertical. Faz parte dela um pequeno jardim nas traseiras, que permite uma vivência rústica, em que os moradores não sentem o frenesim da cidade. Em termos de concepção dos

espaços, em todos os pisos, existe um bloco orientador de funções e dois vãos, que ao abrirem-se e fecharem-se modelam o espaço. Estes dois elementos, repetem-se e apropriam-se de diferentes maneiras, em conjugação com as funções e necessidades de cada espaço da casa, o que permite o “andar à volta”.



Fig. 90 – Alçado principal do edifício



Fig. 91 – Alçado tardoz do edifício

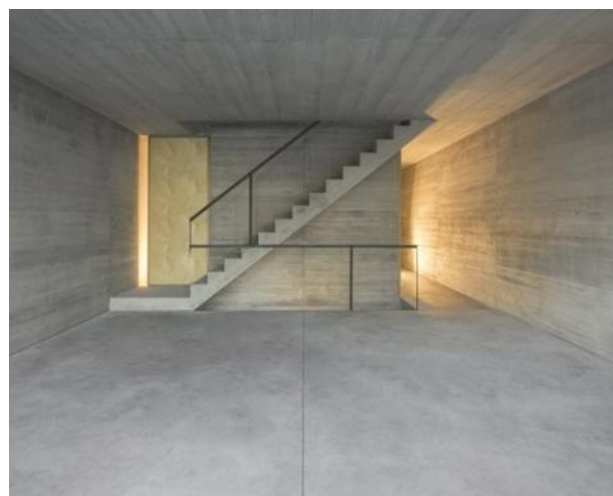


Fig. 92 – Relação entre pisos no interior da habitação



Fig. 93 – Relação interior/exterior



Fig. 94 – Espaço compartimentado e fechado



Fig. 95 – Espaço amplo e aberto

A partir de todas estas premissas, a *casa dual* nasce naturalmente, ou seja, é uma casa vertical de seis pisos, que nos seus extremos (cobertura e cave) trabalha a luz e estabelece relação com a natureza. Tal como Bachelard nos dizia “a casa é imaginada como um ser vertical. Ela se eleva. Ela se diferencia no sentido de sua verticalidade. É um dos apelos à nossa consciência de verticalidade.”⁹⁸ É uma casa que tem de dimensões 9mX15m, sendo esta condicionante um benefício, porque, mercê disso, nos aproximamos cada vez mais do parque.

⁹⁸ BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Colecção Tópicos, 2008. p. 208.

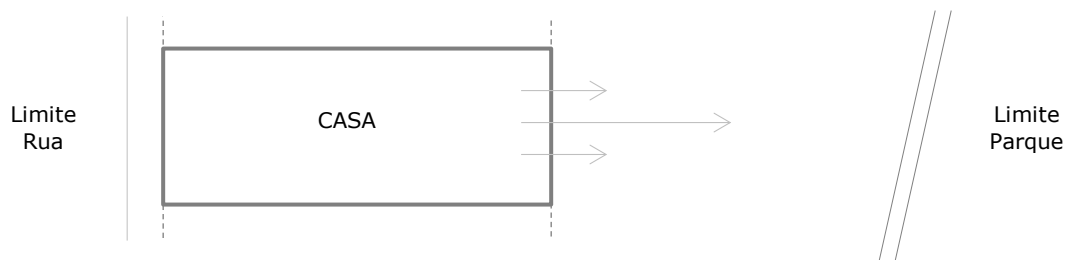


Fig. 96 - Aproximação ao Parque

Dos seis pisos que constituem a casa, todos suportam uma função/uso, sendo umas mais ligadas à domesticidade da casa e outras ao lazer do interior do habitat. De todos os pisos, à exceção da cobertura, fazem parte um rectângulo central fechado, um núcleo que suporta todas as energias da casa. "A casa é imaginada como um ser concentrado. Ela nos convida a uma consciência de centralidade."⁹⁹ Este núcleo suporta e guarda as funções de cada espaço, acabando isto por permitir um grande espaço desocupado e um simples volume. Este volume é tão importante que oculta cozinha e casas de banho por exemplo, o que permite ao espaço adjacente os infinitos modos de apropriação. Além deste volume, existem ainda portas de correr meticulosamente colocadas e desenhadas para não interferirem no grande espaço da casa. Este espaço pode ser compartimentado ou não, dependendo da situação/do uso do espaço.

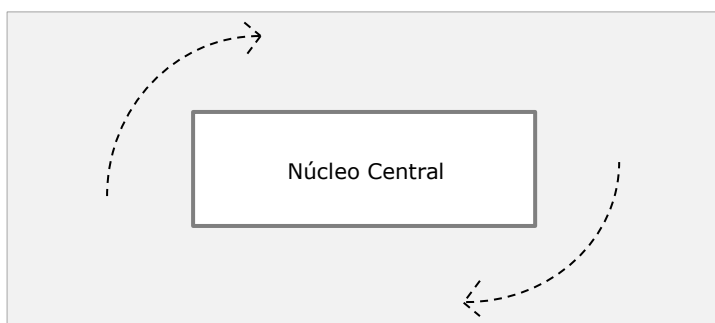


Fig. 97 - Núcleo Central e espaço livre adjacente

⁹⁹ BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Coleção Tópicos, 2008. p. 208.

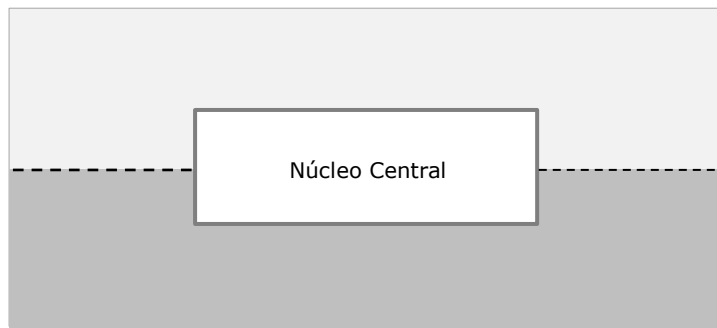


Fig. 98 - Núcleo Central e dois espaços compartimentados

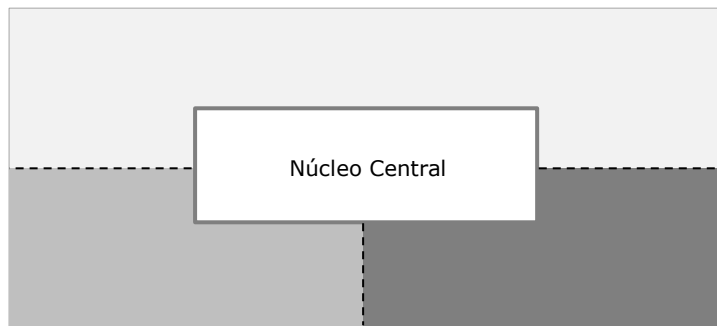


Fig. 99 - Núcleo Central e três espaços compartimentados

A partir das várias apropriações e compartimentações que o núcleo central permite, a casa desenvolve-se nos seus seis pisos. As circulações de toda a casa são feitas do mesmo lado para não perturbar os restantes espaços da casa. No piso da cave o núcleo central acolhe uma casa de banho e diversos armários, já que os espaços adjacentes se multiplicam em zona de visitas e um espaço exterior com a presença da água e da árvore, o que permite, já aqui, uma ligação ao parque.



Fig. 100 - Planta da Cave

No piso 0 e consequentemente o piso de entrada, a casa abre-se ao exterior visto que é essencialmente neste piso que a casa dual se vê espelhada. Primeiro o percorrer a rua, entrar em casa, atravessar todos os espaços da casa e chegar ao pátio que se agarra ao parque. Além disto, o núcleo deste piso é semelhante ao do piso inferior, no entanto os espaços adjacentes já são diferentes. Aqui deparamo-nos com uma garagem e com um escritório, duas actividades que se ligam à vida citadina. Estes dois espaços podem abrir-se e transformarem-se num só e ainda abrirem-se ambos ao pátio, criando quase um corredor exterior.

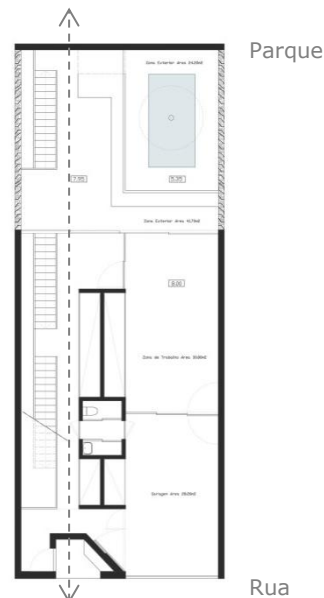


Fig. 101 - Planta do Piso 0 e Percurso da Casa Dual

O segundo piso organiza a vida social da casa, onde nos deparamos com três espaços consecutivos e interligados: a cozinha, a sala de refeições e a sala de estar. Na concepção da casa, a cozinha é um ponto importante visto que, na nossa opinião, é o único sítio da casa partilhado por todo o agregado familiar, deixando outros espaços como a sala, serem somente espaços que estão lá e que só em certas ocasiões são usados. Assim, houve a necessidade de trazer a cozinha para a sala, ou seja, o espaço é o mesmo e as funções estão juntas uma com a outra. Tanto se pode tomar o pequeno-almoço junto à lareira como se pode preparar o jantar com amigos, tudo no mesmo espaço. No entanto, ambos se podem fechar, criando necessidades a que a vida quotidiana obriga. Por um lado, junto à cozinha existe ainda uma zona exterior de apoio à mesma e que se liga à rua. Por outro lado, junto à sala existe uma varanda verde que faz com que a sala se possa prolongar até ao parque, criando um sistema de vistas. A sala incorpora ainda a ideia de fogo, um dos elementos base para a concepção dos espaços em arquitectura desde os seus primórdios.

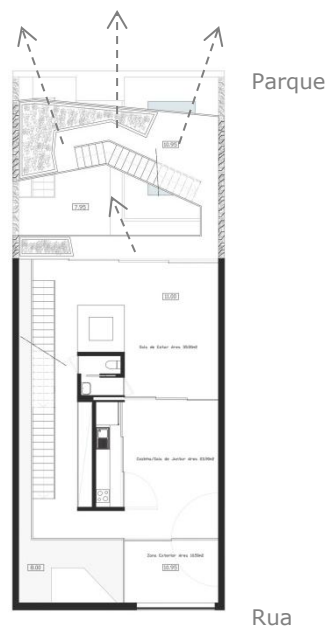


Fig. 102 - Planta do Piso 1 e Sistema de Vistas

O piso 2 e 3 da casa englobam os espaços íntimos da casa: os quartos. Do piso 2 fazem parte dois quartos com as respectivas casas de banho. No entanto estes dois quartos podem tornar-se em apenas um. O quarto virado para o parque beneficia ainda de uma varanda verde que, à semelhança da sala, se pode estender até ao exterior, e no qual o sistema de vistas é interessante.

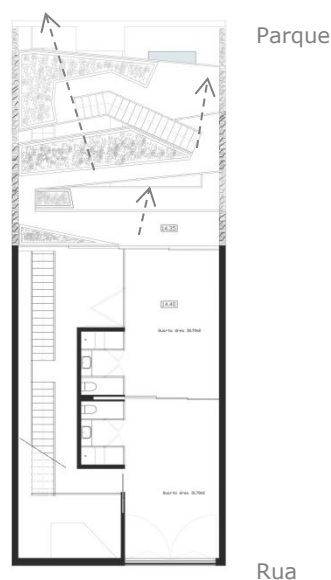


Fig. 103 - Planta do Piso 2 e Sistema de Vistas

O piso 3, também do domínio privado do habitar, engloba a alcova principal da casa. Esta comunica com o parque através de uma varanda verde e com a rua através de uma zona exterior adjacente ao quarto. O quarto em si engloba uma zona de vestir, uma zona de dormir e uma casa de banho. Nesta casa de banho o acto do banho torna-se especial, pela dimensão que tem e por poder ser aberto ao exterior e tomar banho na rua. Para evidenciar o banho e as questões do parque

(água e verde), da zona exterior que dá para a rua, fazem parte um grande espelho de água coberto por vegetação de pequeno porte. Também aqui o sistema de vistas é interessante.

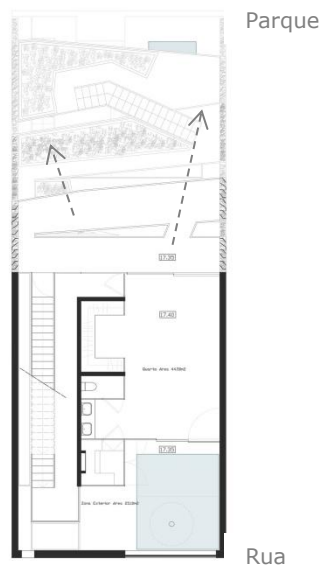


Fig. 104 - Planta do Piso 3 e Sistema de Vistas

Por último, surge-nos a cobertura, local onde todo o devaneio se torna possível. Lugar que dá para o parque e não para a rua, com a finalidade de poder olhar para o rio e contemplar o parque sem as perturbações citadinas. Esta cobertura é acessível pelo piso inferior e tem nela depositada uma grande piscina, a fim de ligar o céu à água, como uma imagem contínua, à semelhança daquilo que acontece com o Rio Tejo e o céu azul.

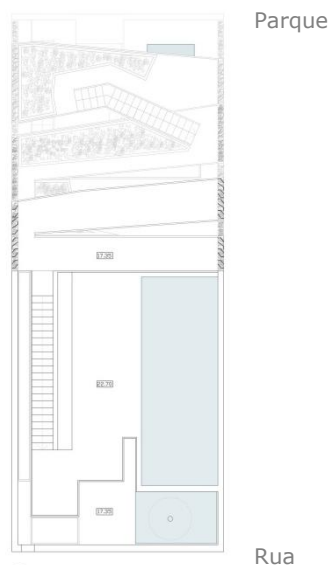


Fig. 105 - Planta da Cobertura

Como já foi referido anteriormente, a *casa dual* relaciona dois ambientes distintos (cidade e parque), logo, também as suas frentes têm de ser distintas, sendo agora necessário mergulhar no construtivo, no detalhe.

A casa para a cidade ergue-se então como uma típica frente da cidade de Lisboa, no entanto é necessário estudar a arquitectura de Lisboa para obter um efeito adequado. Para perceber como a cidade se constrói, qual a sua “cara”, é necessário realizar um levantamento dos materiais e formas da urbe. Para tal, e após isto, percebe-se que a cidade é revestida a pedra nos pisos inferiores, e os adjacentes ou se apresentam revestidos a azulejo ou reboco pintado, e a métrica e matriz dos vãos é muito exigente. Foram estudados quatro edifícios lisboetas em termos de fachada, porém todos diferentes desde o tamanho do alçado, as diversas modificações ao longo da história do edifício e o que isso implica no desenho de fachada. O primeiro edifício a ser estudado foi o da Rua da Boavista, em Lisboa. É um edifício de pequeno porte e que se mantém quase intacto no seu primeiro desenho. De seguida, apresenta-se o actual Bairro Alto Hotel, na Praça Luís de Camões, onde a arquitectura remete para algo antigo, no entanto é um projecto de reabilitação. Como terceiro estudo, o edifício onde está situada a actual loja da Hérmes na Baixa. Este apresenta-se fiel às suas origens com excepção do piso térreo que sofreu alterações. Por último, o Quarteirão Império do Arquitecto Gonçalo Byrne, onde a matriz de Lisboa está presente, no entanto o desenho da fachada sofreu algumas modificações. É um desenho limpo daquilo a que podemos chamar a fachada lisboeta.

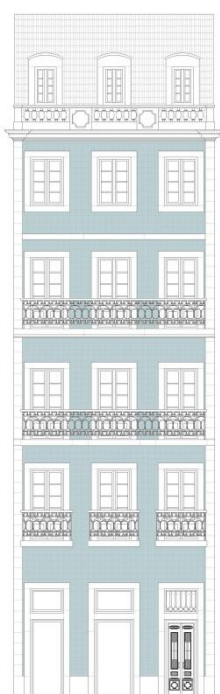


Fig. 106 - Edifício Rua da Boavista



Fig. 107 - Bairro Alto Hotel



Fig. 108 - Edifício Hérmes

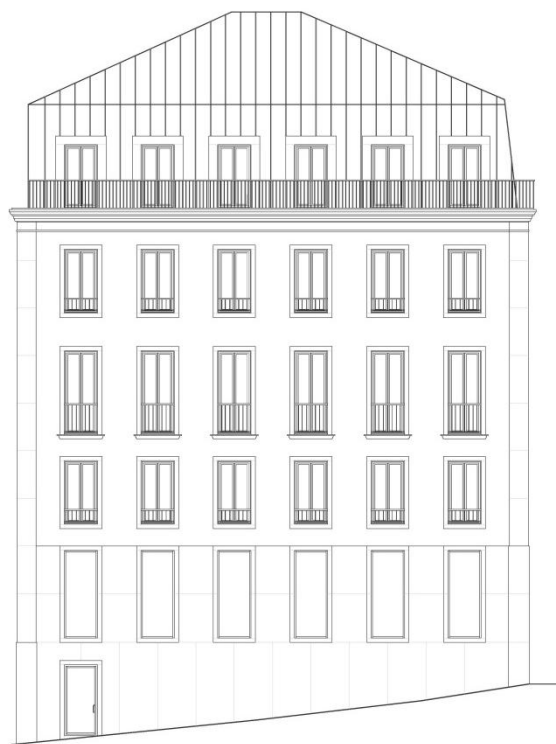


Fig. 109 - Quarteirão Império

Com isto, desenha-se a frente “cidade” da casa, onde os elementos principais são lioz branco como material citadino e o azulejo viúva lamego. Estes dois elementos são compostos e dispostos a fim de criar uma fachada simples, nova mas com uma matriz lisboeta.

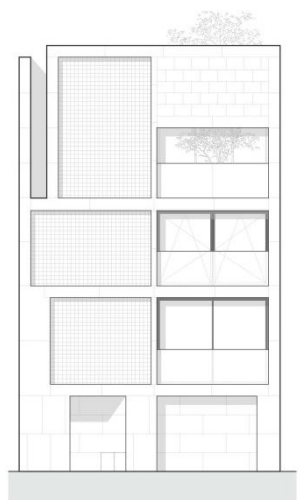


Fig. 110 - Alçado Rua

A casa para o parque, “fala-nos” de um ambiente campestre, quase selvagem, onde só a natureza domina. Após alguns estudos sobre que materiais usar em parques, deparamo-nos com exemplos interessantes. Tanto Siza Vieira como Flávio Barbini usam a cortiça, elemento extraído da natureza e sustentável, como

revestimento arquitectónico. Siza usa-o no Pavilhão de Portugal em Coimbra, e este insere-se num amplo parque junto ao rio que banha a cidade. Já Barbini, usa a componente natural, num projecto intitulado ecocabana em Cascais, onde as cabanas são revestidas a cortiça minimizando o impacto visual. É este o impacto visual que se pretende anular na relação da *casa dual* com o parque.



Fig. 111 - Pavilhão de Portugal, Coimbra



Fig. 112 - Ecocabana, Cascais

A fachada parque é revestida a cortiça, na qual são desenhadas motivos naturais, por onde passa a luz, não esquecendo os grandes vãos transparentes que deixam a casa erguer-se e aparecer. Podemos então afirmar que parque é sinónimo de cortiça e o próprio Parque Natural do Rio Seco vê o seu espelho nas habitações que o sustentam. A cortiça existe aqui para enfatizar e “assinalar a passagem do tempo e a ligação com o lugar, a autenticidade do habitar.”¹⁰⁰

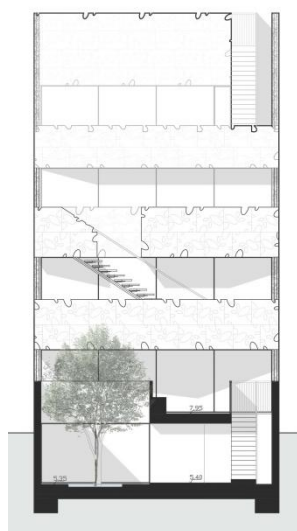


Fig. 113 - Alçado Parque

Já o interior da casa é todo revestido a betão branco moldado in situ com cofragem em madeira, dando às paredes um movimento de folhagem, de vento; o chão e o

¹⁰⁰ ÁBALOS, Iñaki – *A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade*. Lisboa: GG, 2013. p. 56.

grande volume central de que falámos são revestidos a madeira de pinho, existindo também relação interior/exterior, ou seja, com o parque.

O USO DA MAQUETE E DO DESENHO COMO FERRAMENTA DE PROJECTO

A Maquete que formaliza o conceito

Em todo o trabalho, o desenho e a maquete são fundamentais, visto que é neles e a partir deles que se tomam diversas decisões. Existe um trabalho em contínuo, no qual tudo o que se desenha se deve confirmar nas três dimensões, ou seja, na maquete.

São várias as maquetes que antecederam ao desenho formal a fim de conseguir um pensamento mais livre e descomprometido daquilo a que viria a ser o projecto. Maquetes objecto que vão em busca daquilo que pode ou não ser o parque. A partir do leito do rio foram vários os protótipos construídos por patamares, e só mais tarde se tomou em atenção as casas e quais os seus desenhos.

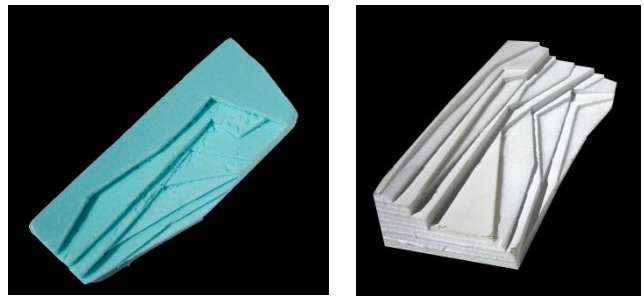


Fig. 114 - Primeira e Segunda Maquetes dos Patamares do Volume a desenvolver (1/500)



Fig. 115 - Terceira Maquete dos Patamares do Volume a desenvolver (1/200)



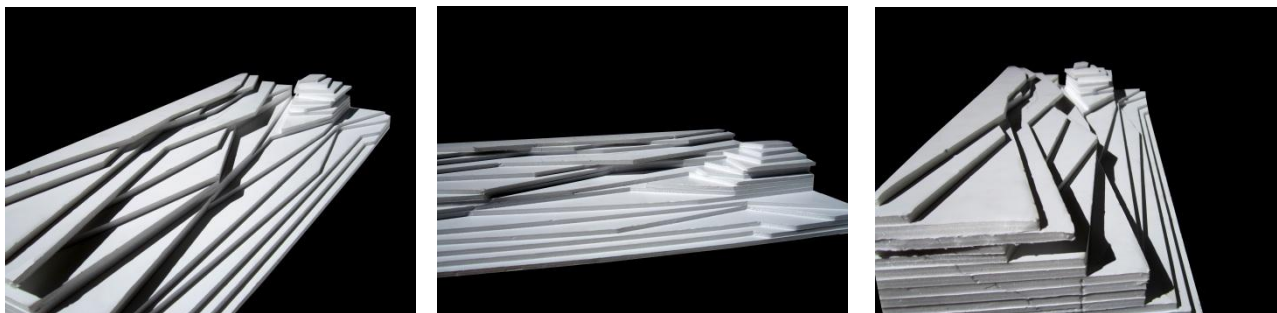


Fig. 116 - Quarta Maquete dos Patamares do Volume a desenvolver (1/200)

O Desenho que traduz a eficácia do conceito

A partir das maquetes observadas anteriormente, o desenho rápido/esboço surge de auxílio, a fim de pormenorizar aquilo que pode mesmo ser objecto construído ou não. Além do desenho tosco, o rigoroso aparece numa fase posterior com o objectivo de dar consistência às ideias e permitir que as maquetes de conceito possam surgir no papel de forma rigorosa e não de forma tosca.

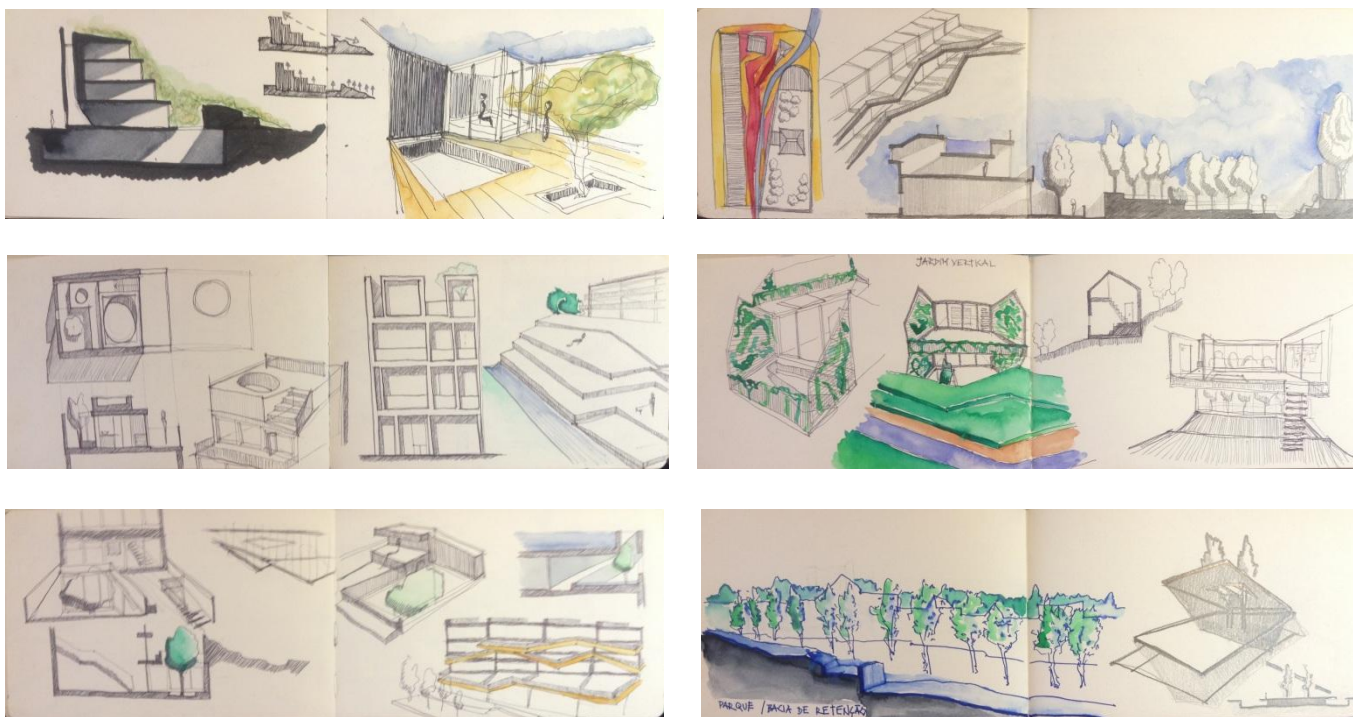


Fig. 117 - Desenhos de conceito

A Maquete como percepção do espaço

A partir dos desenhos rigorosos efectuados, surge a maquete como percepção do espaço, onde são realizadas várias versões da maquete, de diferentes escalas, a fim de perceber a zona de intervenção e o existente, o edifício a estudar e o parque

adjacente e a casa em si. Todas estas maquetes foram sofrendo diversas alterações ao longo do processo de trabalho.



Fig. 118 - Maquetes de percepção do espaço urbano a desenvolver (1/500)

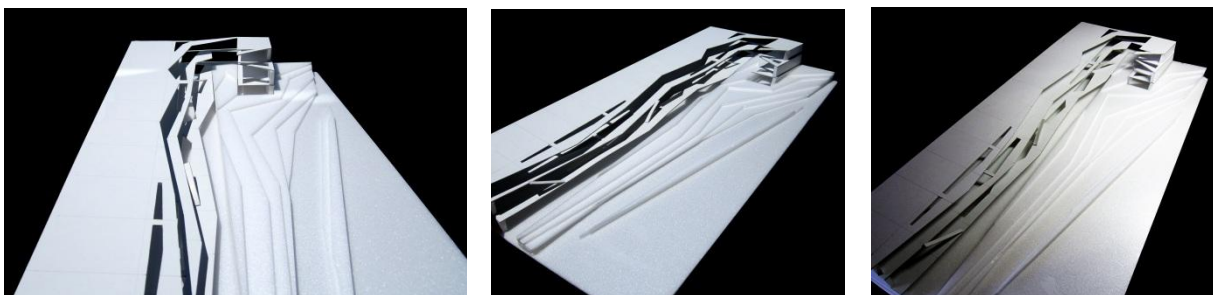


Fig. 119 - Edifício de Estudo de Parque e Patamares das casas finais (1/200)

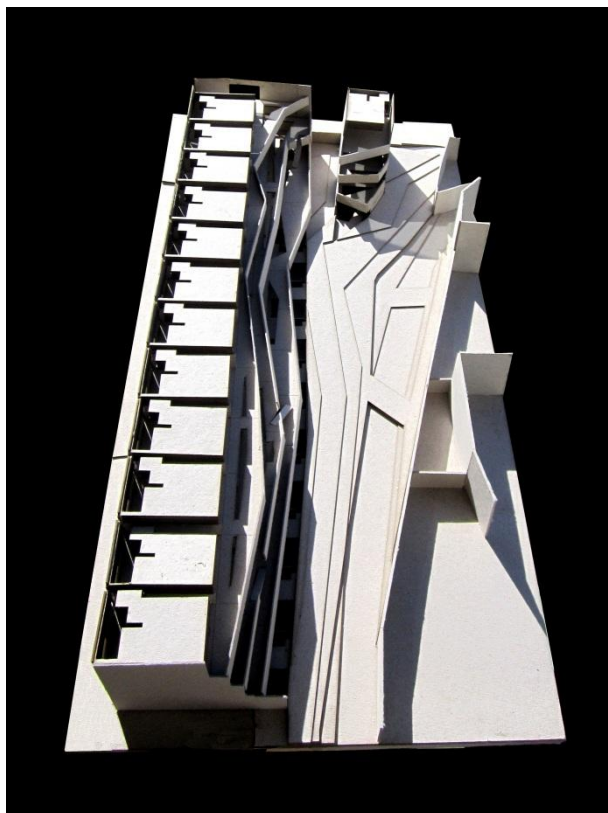


Fig. 120 - Maquete Final do Parque e das Habitações que o sustentam (1/200)

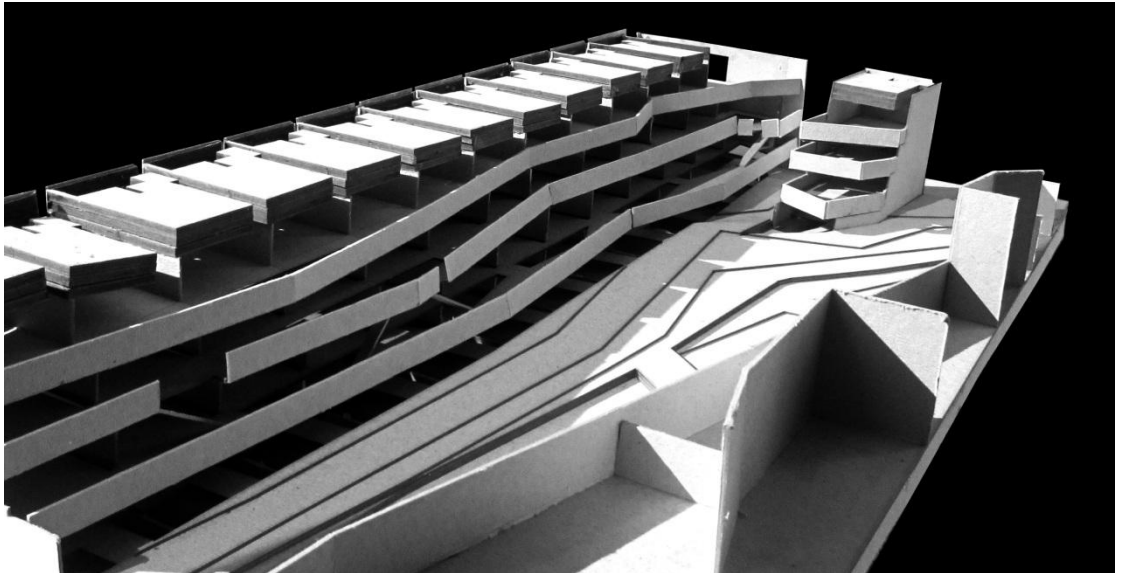


Fig. 121 - Maquete Final do Parque e do "Parque Vertical" (1/200)

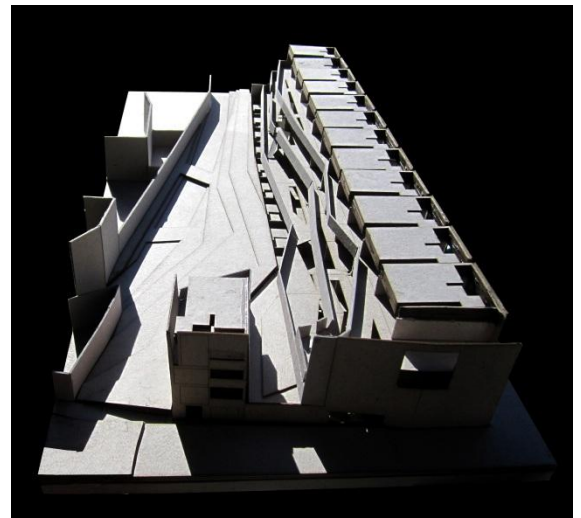


Fig. 122 - Maquete Final do Parque e das Habitações que o sustentam (1/200)

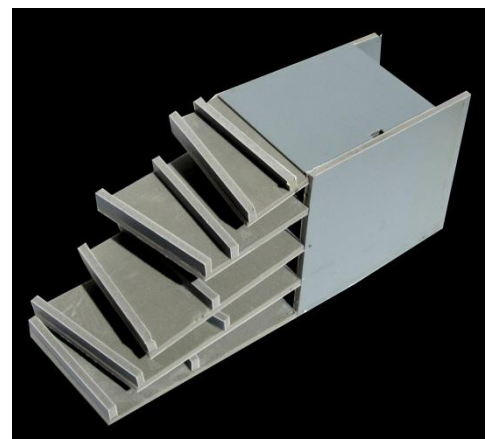


Fig. 123 - Primeira e Segunda Maquetes do espaço da Casa (1/100)

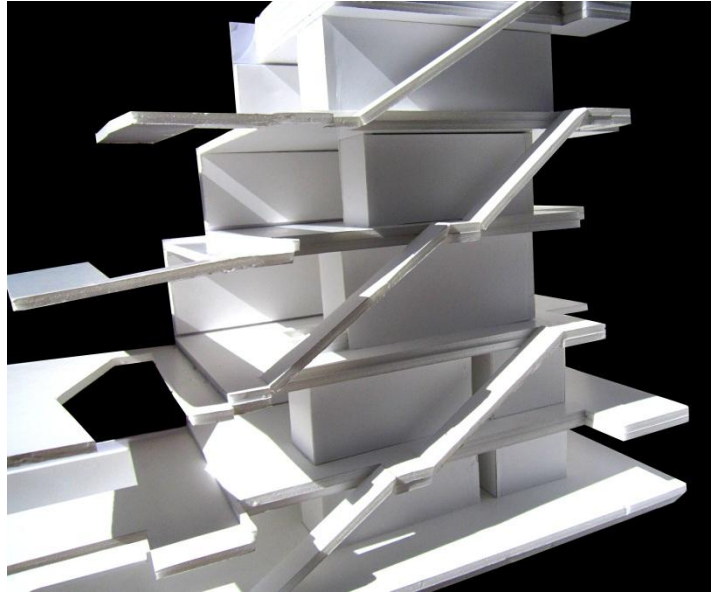


Fig. 124 - Maquete do Espaço da Casa (1/50)



Fig. 125 - Maquete do Espaço da Casa (1/50)



Fig. 126 - Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

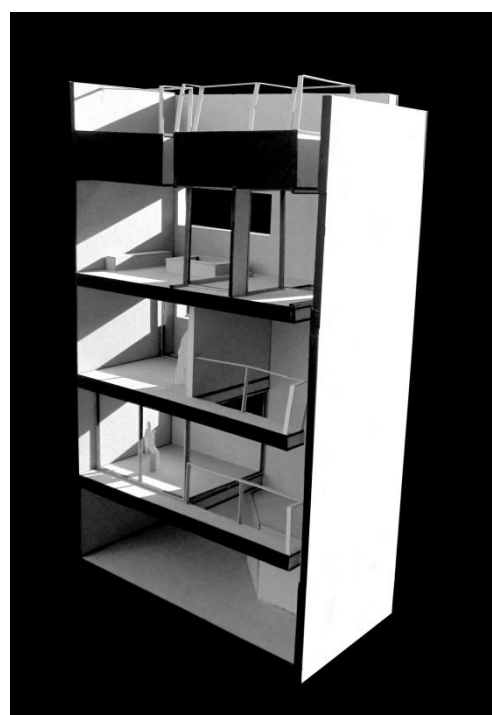


Fig. 127 - Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

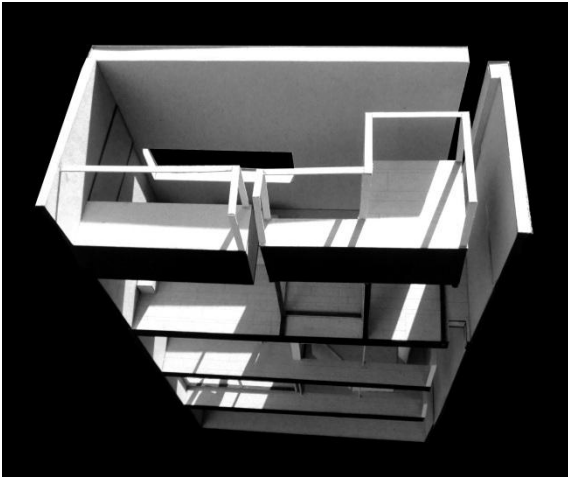


Fig. 128 – Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

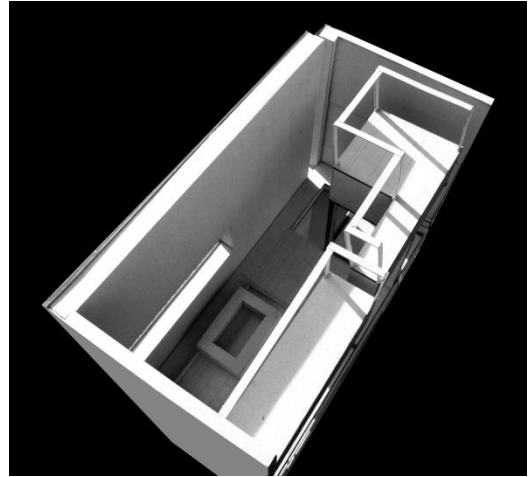


Fig. 129 – Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

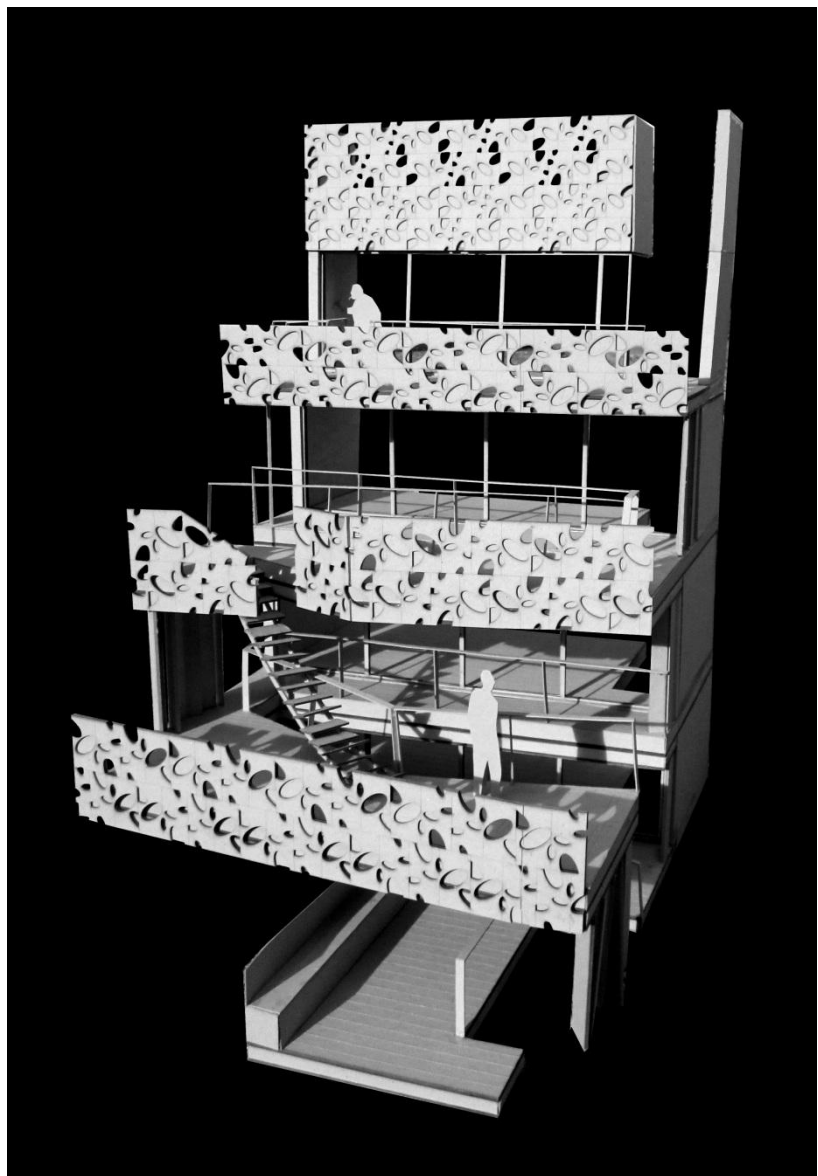


Fig. 130 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)

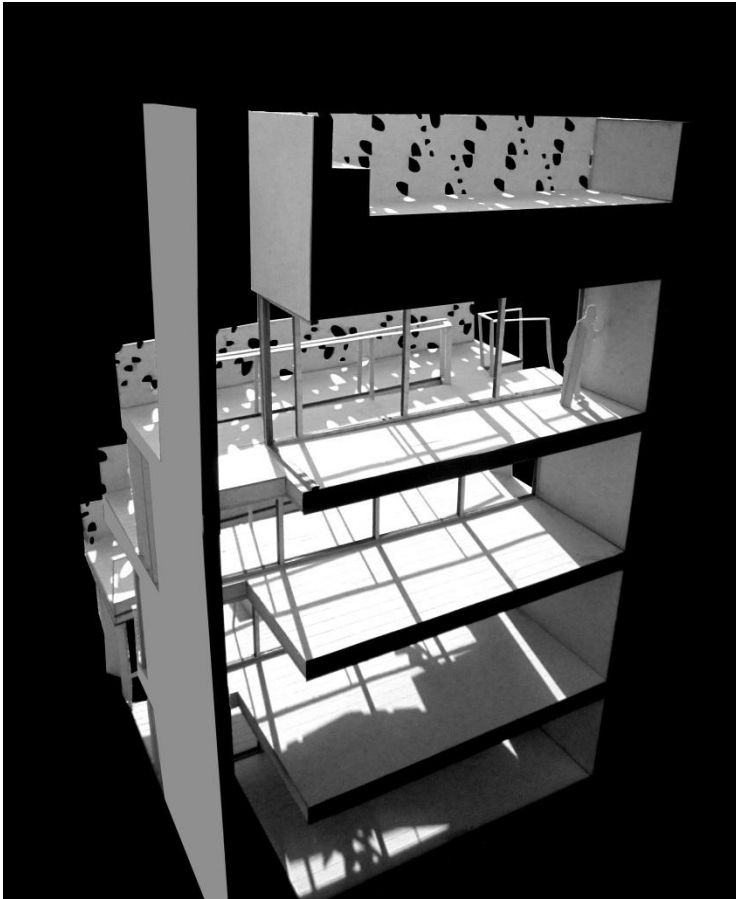


Fig. 131 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)

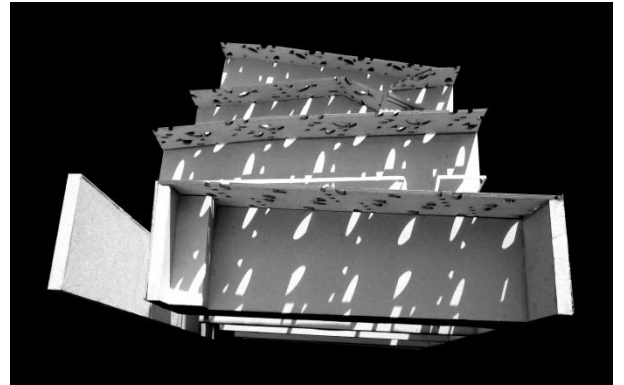


Fig. 132 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)



Fig. 133 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)

A Maquete material

É também na maquete que se podem experimentar alguns materiais que são objecto de revestimento do projecto, como é o caso da cortiça. O estudo do seu uso permite-nos compreender muito melhor como este material trabalha, quais são as suas vantagens e desvantagens e aprender mais sobre o que se pode fazer e esperar dele. Além da cortiça, foi usado o gesso como forma de aproximação ao uso do betão.

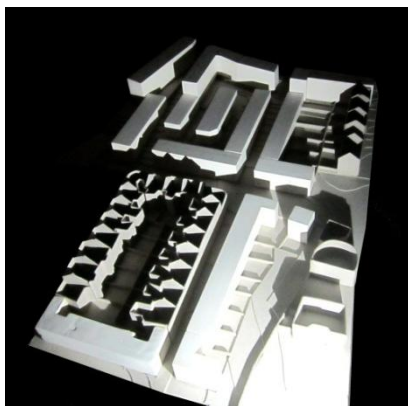


Fig. 134 - Maquete Urbana em Gesso (1/500)

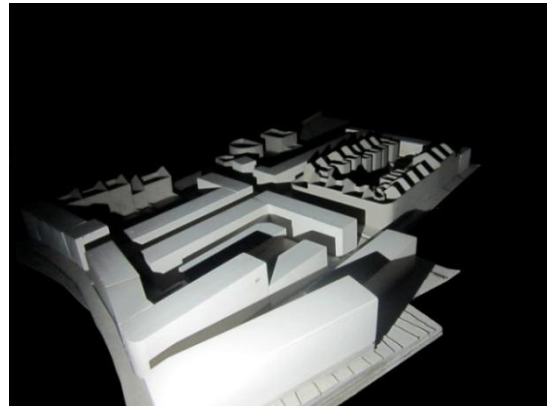




Fig. 135 - Maquete Final das Varandas em Cortiça (1/1)

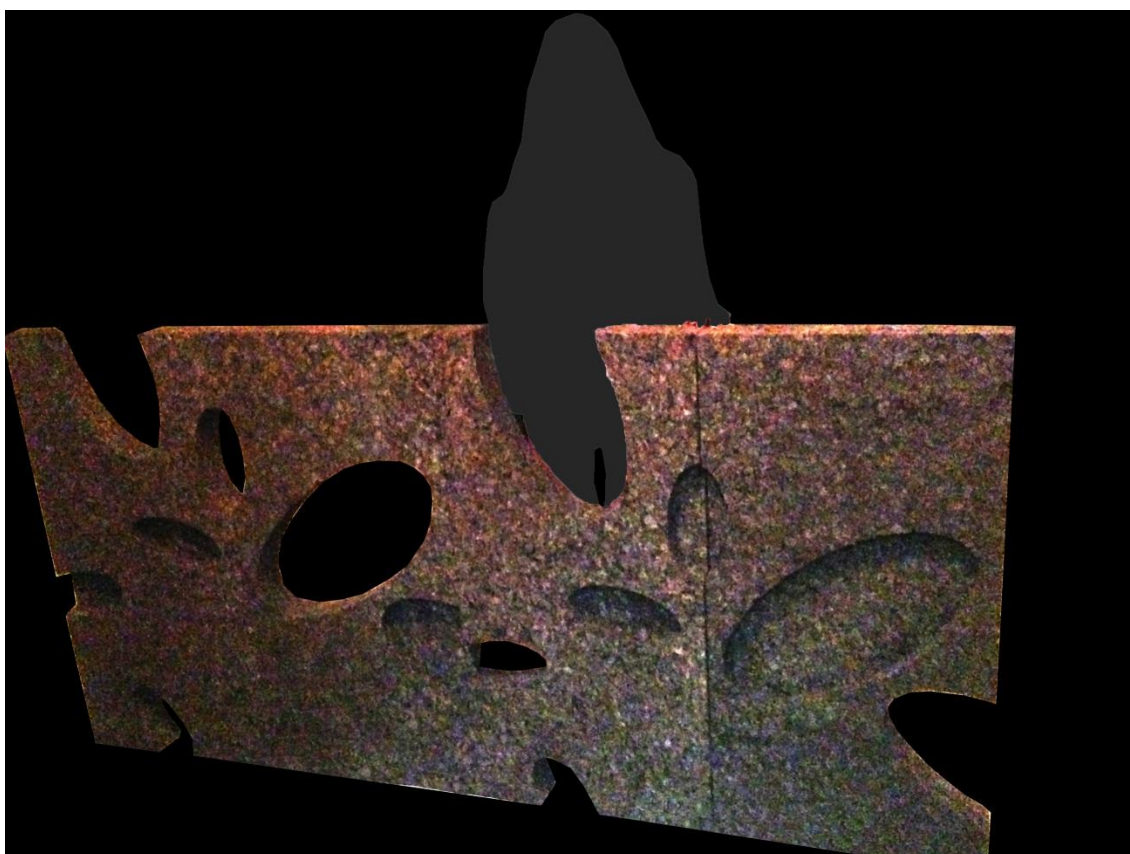


Fig. 136 - Maquete Final das Varandas em Cortiça (1/1)

Para finalizar o trabalho, o desenho rigoroso completa-se e apresenta-se desde o geral até ao particular. É a partir desta ferramenta que o projecto de arquitectura se percebe na integra, desde a sua localização na planta até ao pormenor do encaixe da pedra.

CONCLUSÃO

A construção de todo este Parque, como já podemos observar, mesmo que a uma pequena escala, implicará uma série de mudanças no território a intervir. Lisboa, que é a cidade que se apresenta como pano de fundo à realização deste novo parque, terá de se reorganizar a todos os níveis. Numa imagem mais geral, o parque vai trazer novas actividades lúdicas, culturais, comerciais, empresariais, habitacionais e institucionais, que irão ser, de todo, um benefício para a cidade. Contudo, esta cidade está estruturada para responder a determinados fins, e, com a inserção deste novo parque, a própria estrutura da cidade terá de ser alterada. As zonas mais afectadas serão as freguesias de Ajuda e Alcântara, no entanto, tudo ao seu redor vai sofrer consequências. Não nos podemos esquecer que a cidade trabalha todos os dias e que este parque nunca poderá fazer parar nada da sua cidade, ou seja, a sua construção não pode implicar deixar morrer outras áreas da cidade de Lisboa. Ele surge simplesmente, como benefício e não como ameaça.

Nas freguesias a que o parque pertence, muito do existente terá de ser demolido, para numa primeira fase reactivar o rio e só mais tarde passar à construção do parque. Destas duas freguesias, existem edifícios que irão dar corpo e imponência ao parque, no entanto, outros, irão ser demolidos por se encontrarem devolutos ou desenquadrados da nova realidade.

Também o Rio Tejo e Monsanto irão sofrer algumas alterações pela presença do novo parque. Ao Tejo irão chegar novos usos e o rio fará parte integrante deste parque, será uma nova interacção com o Rio Tejo. Monsanto, por sua vez, irá ver a sua massa verde alargada, ou seja, Lisboa irá ter um maior pulmão verde.

Pretensas inovações arquitectónicas e urbanísticas

Este novo parque vai, também, implicar muitas novas construções, visto que são estas mesmas que o vão delimitar. Muitas delas vão recorrer a novas soluções urbanísticas, com vista ao futuro, onde se dará mais importância aos espaços públicos e especificamente aos espaços verdes.

Também as ruas vão ganhar nova atractividade nesta zona, visto que as existentes, com excepção de algumas, não se apresentam com as devidas características de rua. Mais lugares de interacção colectivos vão ser criados, nunca esquecendo que, o próprio parque faz a ponte entre vários extractos sociais. Uma cidade é feita da diferença, e o parque, à semelhança da cidade, vai acolher e integrar diferentes pessoas no mesmo espaço. Isto só será possível através do desenho urbano e consequentemente da arquitectura, logo o papel do arquitecto será aqui fundamental: estabelecer normas e formas de vida para a sociedade.

Toda a proposta realizada tanto a nível urbano como arquitectónico traz benefícios para a sua específica zona de intervenção. A zona em questão tinha falta de espaços públicos, zonas habitacionais desorganizadas, ruas que acabavam em becos inexplicáveis e ainda má construção. Com este panorama e com a ideia de parque subjacente, esta área teve de submeter-se a várias premissas (como podemos constatar ao longo do trabalho).

A nível urbano, a proposta traz novos espaços públicos para a população e edifícios habitacionais que englobam diversos extractos sociais. A ideia é abranger um maior número de população diversa, nunca esquecendo o que ela precisa para viver em comunidade.

A nível projectual, a casa desenvolvida torna-se diferente do habitual, visto que, numa primeira análise é parte integrante de um parque, e isto acaba por ser um benefício tanto para a casa como para a cidade que a acolhe. Numa segunda perspectiva esta casa nasce e organiza-se tendo por base as questões da vida ocidental, onde os papéis dos membros da família se vão invertendo. Há a possibilidade de alterar o espaço da casa e apropriá-lo de diferentes maneiras, consoante quem o habita. Além disto, é uma casa verde, ou seja, que transporta para si mesma, elementos naturais e específicos de um parque.

Estas questões são um benefício tanto para a habitação como para a cidade, visto que, hoje em dia as cidades ocidentais se mostram de cinzento, cobertas por uma nuvem preta que atormenta e destrói a população. Com este novo panorama verde, a cidade de Lisboa, neste caso específico, verá o seu pulmão crescer, e a nível individual, cada habitação contribuirá para melhorar a “nuvem preta” da cidade de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

ÁBALOS, Iñaki – *A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade*. Lisboa: GG, 2013.

BACHELARD, Gaston – *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Coleção Tópicos, 2008.

CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999.

CML- *LX Europa 2020. Áreas de Intervenção na cidade de Lisboa*. 2013.

COSTA, João Pedro- *Urbanismo e adaptação às alterações climáticas. As frentes de água*. Lisboa: Livros Horizonte, 2013

COSTA, Pedro Campos – *HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER*. Lisboa: EDIUAL, 2011/2012.

CULLEN, Gordon- *A paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 2010.

FADIGAS, Leonel – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005.

FFREY, Geo; JELLIOCE, Susan – *The Landscape of man. Shaping the environment from prehistory to the present day*. U.K.: Thames and Hudson, 1995.

FISCHER, Gustave-N. – *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

GOFFMAN, Erving – *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

HERTZBERGER, Herman – *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HILDEBRAND, Grant – *Origins of Architectural Pleasure*. Los Angeles: University of California Press, 1999.

JODIDIO, Philip – *GREEN Architecture Now! 2*. Italy: Taschen, 2012.

JORGE, Gorjão- *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007.

JORGE, Gorjão – *Retóricas da Casa*. Policopiado.

LYNCH, Kevin- *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2012.

LYNCH, Kevin- *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009.

LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guia Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucía: TF Editores.

MARCUS, Clare Cooper – *House as a Mirror of Self*. California: Conari Press, 1995.

PEREIRA, Sandra Marques – *Casa e Mudança Social. Uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

PINTO, Jorge Cruz – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005.

RIBEIRO TELLES, Gonçalo - *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 2011.

ROSSI, Aldo- *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

SARAIVA, Maria Graça A. N. – *Cadernos da FAUTL. Arquitectura, Paisagem e Água*. Lisboa: FAUTL, 2005.

SHCULZ, Christian Norberg – *Los Principios de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Reverté, 2005.

SIMMEL, George - *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da UL, 2011.

TAVARES, Gonçalo M.- *O Senhor Swedenborg*. Lisboa: Caminho, 2009.

TÁVORA, Fernando- *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações, 1962.

VIEIRA, Aníbal S. A. – *Binário: Arquitectura, Construção e Equipamento*.142-143. Julho/Agosto 1970.

ZEVI, Bruno - *Saber ver a Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ZUMTHOR, Peter – *Atmosferas*. Barcelona: GG, 2006.

ZUMTHOR, Peter – *Pensar a arquitectura*. Barcelona: GG, 2009.

Teses

BOLOS, Christos Chrisovalantis – *Transitional Space in Architecture: elements and profound experiences*. Utah: University of Utah, 2009.

BRITO, Maria R.- *A transição do privado e do público no percurso do habitar*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura UL, 2011.

CAMPOS, Mafalda F. L. T. – *A Água como matéria e como elemento de concepção de um espaço interior. O projecto de um Spa para um Hotel de Charme*. Lisboa: FAUTL, Dezembro 2010.

CONCEIÇÃO, Luís – *A consagração da água através da arquitectura*. Lisboa: FAUTL, 1997.

FERNANDES, Lídia – *A Água na Habitação em Lisboa antes e após a construção do Aqueduto das Águas Livres*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura UL, 2002.

MARQUES, Ana P. A.- *Percursos Arquitectónicos como forma de viver e habitar a cidade*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura UL, 2013.

MARQUES, Daniela- *Vazio como gerador de espaço em arquitectura*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura UL, 2013.

MOOSBURGER, Laura de Borba – *A origem da obra de arte de Martin Heidegger*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007.

QUINTINO, Maria I.- *A água enquanto matéria construtora no projecto de arquitectura paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

SARAIVA, André- ALVALADE, UM BAIRRO SUSTENTÁVEL – *A água como motor do desenho urbano*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

INDÍCE DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 – Forma Parque Florestal do Monsanto

Autoria Própria

Fig. 2 – Percurso Pedonal no Monsanto

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LqAq&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=parque+florestal+de+monsanto+&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=uv6E1EnK2WSvhM%253A%3Buse_CVFdT0qa2M%3Bhttp%253A%252F%252Ffilga-portugal.pt%252Fnoticias%252Fagenda%252Fmonsanto.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Ffilga-portugal.pt%252Fnoticias%252Fagenda.php%253Fcodigo%253D175%3B400%3B267

Fig. 3 – Inter-relação entre a água e o verde no Monsanto

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LqAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=parque+florestal+de+monsanto+&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=uv6E1EnK2WSvhM%253A%3Buse_CVFdT0qa2M%3Bhttp%253A%252F%252Ffilga-portugal.pt%252Fnoticias%252Fagenda%252Fmonsanto.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Ffilga-portugal.pt%252Fnoticias%252Fagenda.php%253Fcodigo%253D175%3B400%3B267

Fig. 4 – Caminho campestre no Monsanto

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LqAq&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=parque+florestal+de+monsanto+&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=uv6E1EnK2WSvhM%253A%3Buse_CVFdT0qa2M%3Bhttp%253A%252F%252Ffilga-portugal.pt%252Fnoticias%252Fagenda%252Fmonsanto.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Ffilga-portugal.pt%252Fnoticias%252Fagenda.php%253Fcodigo%253D175%3B400%3B267

Fig. 5 – Forma Parque Eduardo VII

Autoria Própria

Fig. 6 – Desenho do Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LqAq&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=parque+eduardo+vii&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=O-aug-hqb4sTrM%253A%3BGfQy3d-Y1k4j_M%3Bhttp%253A%252F%252F3.bp.blogspot.com%252FBRzJ0YSdlbo%252FTDEbd8mwBOI%252FAAAAAAAAAA3A%252FNrph6JtGSdM%252Fs1600%252FDSC_0034.JPG%3Bhttp%253A%252F%252Fminiceminhas.blogspot.com%252F2010%252F07%252Fel-dolce-far-niente.html%3B1600%3B1064

Fig. 7 – Convívio no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LqAq&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=parque+eduardo+vii&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=O-aug-hqb4sTrM%253A%3BGfQy3d-Y1k4j_M%3Bhttp%253A%252F%252F3.bp.blogspot.com%252FBRzJ0YSdlbo%252FTDEbd8mwBOI%252FAAAAAAAAAA3A%252FNrph6JtGSdM%252Fs1600%252FDSC_0034.JPG%3Bhttp%253A%252F%252Fminiceminhas.blogspot.com%252F2010%252F07%252Fel-dolce-far-niente.html%3B1600%3B1064

Fig. 8 – Relação entre vários elementos naturais

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+m Monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=parque+eduardo+vii&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=O-auq-hqb4sTrM%253A%3BGfQy3d-Y1k4j_M%3Bhttp%253A%252F%252F3.bp.blogspot.com%252F_BRzJ0YSdlbo%252FTDEbd8mwBOI%252FAAAAAAAAAA3A%252FNrph6JtGSdM%252Fs1600%252FDSC_0034.JPG%3Bhttp%253A%252F%252Fmeninicesminhas.blogspot.com%252F2010%252F07%252Fel-dolce-far-niente.html%3B1600%3B1064

Fig. 9 – Forma Central Parque

Autoria Própria

Fig. 10 – Vista Aérea Central Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+m Monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=central+park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=oRgBr3G4O3freM%253A%3B5XQWjUYSIneWnM%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.files.wordpress.com%252F2013%252F09%252Fcentralpark1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.com%252F2013%252F09%252F05%252Frapes-burglaries-spike-in-central-park%252F%3B2000%3B1331

Fig. 11 – Percursos Pedonais no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+m Monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=central+park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=oRgBr3G4O3freM%253A%3B5XQWjUYSIneWnM%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.files.wordpress.com%252F2013%252F09%252Fcentralpark1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.com%252F2013%252F09%252F05%252Frapes-burglaries-spike-in-central-park%252F%3B2000%3B1331

Fig. 12 – Cor da Natureza no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+m Monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=central+park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=oRgBr3G4O3freM%253A%3B5XQWjUYSIneWnM%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.files.wordpress.com%252F2013%252F09%252Fcentralpark1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.com%252F2013%252F09%252F05%252Frapes-burglaries-spike-in-central-park%252F%3B2000%3B1331

Fig. 13 – Convívio e lazer no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+m Monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=central+park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=oRgBr3G4O3freM%253A%3B5XQWjUYSIneWnM%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.files.wordpress.com%252F2013%252F09%252Fcentralpark1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.com%252F2013%252F09%252F05%252Frapes-burglaries-spike-in-central-park%252F%3B2000%3B1331

Fig. 14 – Zona central do Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=central+park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=oRgBr3G4O3freM%253A%3B5XQWjUYSIneWnM%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.files.wordpress.com%252F2013%252F09%252Fcentralpark1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.com%252F2013%252F09%252F05%252Frapes-burglaries-spike-in-central-park%252F%3B2000%3B1331

Fig. 15 – Zona de água no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=central+park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=oRgBr3G4O3freM%253A%3B5XQWjUYSIneWnM%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.files.wordpress.com%252F2013%252F09%252Fcentralpark1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.com%252F2013%252F09%252F05%252Frapes-burglaries-spike-in-central-park%252F%3B2000%3B1331

Fig. 16 – Ciclovias no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=central+park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=oRgBr3G4O3freM%253A%3B5XQWjUYSIneWnM%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.files.wordpress.com%252F2013%252F09%252Fcentralpark1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fthenypost.com%252F2013%252F09%252F05%252Frapes-burglaries-spike-in-central-park%252F%3B2000%3B1331

Fig. 17 – Forma Hyde Parque

Autoria Própria

Fig. 18 – Relação entre a Água e o Verde no Hyde Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=hyde++park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=Vv_lm-kbsj3pQM%253A%3BRT5F4LaiTXf6CM%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252Ffiles%252F2012%252F07%252FHyde_Park_Stijn_Van_Langenhoven_291106-950x621.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252F2012%252F07%252F23%252Fi-heart-my-city-jobs-london%252F2010-11-28_0972949-subscriber-false-marketing-false-newsletter-false-regysnewsletter-false-microtransactions-false%252F%3B950%3B621

Fig. 19 – Cores da Natureza no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAg&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=hyde++park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=Vv_lm-kbsj3pQM%253A%3BRT5F4LaiTXf6CM%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252Ffiles%252F2012%252F07%252FHyde_Park_Stijn_Van_Langenhoven_291106-950x621.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252F2012%252F07

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAq&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=hyde++park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=Vv_lm-kbsj3pQM%253A%3BRT5F4LaiTXf6CM%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252Ffiles%252F2012%252F07%252FHyde_Park_Stijn_Van_Langenhoven_291106-950x621.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252F2012%252F07%252F23%252Fi-heart-my-city-jobs-london%252F2010-11-28_0972949-subscriber-false-marketing-false-newsletter-false-regysnewsletter-false-microtransactions-false%252F%3B950%3B621

Fig. 20 – Zonas de lazer no Parque

https://www.google.pt/search?q=parque+florestal+de+monsanto&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=TrCIU_bSH4SiyATQh4LgAq&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ&biw=1366&bih=673#q=hyde++park&tbm=isch&facrc=&imgdii=&imgrc=Vv_lm-kbsj3pQM%253A%3BRT5F4LaiTXf6CM%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252Ffiles%252F2012%252F07%252FHyde_Park_Stijn_Van_Langenhoven_291106-950x621.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fintelligenttravel.nationalgeographic.com%252F2012%252F07%252F23%252Fi-heart-my-city-jobs-london%252F2010-11-28_0972949-subscriber-false-marketing-false-newsletter-false-regysnewsletter-false-microtransactions-false%252F%3B950%3B621

Fig. 21 – Anel Verde

Autoria Própria

Fig. 22 – Lisboa e o Parque Natural do Rio Seco

Autoria Própria

Fig. 23 – Eléctrico em Friburgo

QUINTINO, Maria I.- *A água enquanto matéria construtora no projecto de arquitectura paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

Fig. 24 – Percurso de Água na cidade

QUINTINO, Maria I.- *A água enquanto matéria construtora no projecto de arquitectura paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

Fig. 25 – A Água e o Verde na cidade de Friburgo

QUINTINO, Maria I.- *A água enquanto matéria construtora no projecto de arquitectura paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

Fig. 26 – Percursos de Água definidores de ruas na cidade

QUINTINO, Maria I.- *A água enquanto matéria construtora no projecto de arquitectura paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

Fig. 27 – A Água e o seu Caudal

QUINTINO, Maria I.- *A água enquanto matéria construtora no projecto de arquitectura paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

Fig. 28 – A Água e a sua inter-relação

QUINTINO, Maria I.- *A água enquanto matéria construtora no projecto de arquitectura paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia UTL, 2011.

Fig. 29 – A presença da Água numa Praça na cidade de Banyoles

<https://www.google.pt/search?q=banyoles+josep+mias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=J4qLU42GAsas0QXUk4DoCw&ved=0CAYQAUoAQ&biw=1366&bih=673#facrc=&imgdii=&imgsrc=WK3BbqdWKQwWmM%253A%3BG1PZ12GE-7tZuM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-81X1bvAH0VM%252FThSG7SWKuxI%252FAAAAAAAAAA8o%252FT9deseW6czI%252Fs1600%252F02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fchroniclesoflater.blogspot.com%252F2011%252F07%252Fjosep-mias-banyoles-spain.html%3B783%3B1600>

Fig. 30 – A Água na definição de ruas

<https://www.google.pt/search?q=banyoles+josep+mias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=J4qLU42GAsas0QXUk4DoCw&ved=0CAYQAUoAQ&biw=1366&bih=673#facrc=&imgdii=&imgsrc=WK3BbqdWKQwWmM%253A%3BG1PZ12GE-7tZuM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-81X1bvAH0VM%252FThSG7SWKuxI%252FAAAAAAAAAA8o%252FT9deseW6czI%252Fs1600%252F02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fchroniclesoflater.blogspot.com%252F2011%252F07%252Fjosep-mias-banyoles-spain.html%3B783%3B1600>

Fig. 31 – Pequenas bacias de retenção de Água

<https://www.google.pt/search?q=banyoles+josep+mias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=J4qLU42GAsas0QXUk4DoCw&ved=0CAYQAUoAQ&biw=1366&bih=673#facrc=&imgdii=&imgsrc=WK3BbqdWKQwWmM%253A%3BG1PZ12GE-7tZuM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-81X1bvAH0VM%252FThSG7SWKuxI%252FAAAAAAAAAA8o%252FT9deseW6czI%252Fs1600%252F02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fchroniclesoflater.blogspot.com%252F2011%252F07%252Fjosep-mias-banyoles-spain.html%3B783%3B1600>

Fig. 32 – A Água contemporânea e a Água antiga (chafariz)

<https://www.google.pt/search?q=banyoles+josep+mias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=J4qLU42GAsas0QXUk4DoCw&ved=0CAYQAUoAQ&biw=1366&bih=673#facrc=&imgdii=&imgsrc=WK3BbqdWKQwWmM%253A%3BG1PZ12GE-7tZuM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-81X1bvAH0VM%252FThSG7SWKuxI%252FAAAAAAAAAA8o%252FT9deseW6czI%252Fs1600%252F02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fchroniclesoflater.blogspot.com%252F2011%252F07%252Fjosep-mias-banyoles-spain.html%3B783%3B1600>

Fig. 33 – A Água e a Comunidade

<https://www.google.pt/search?q=banyoles+josep+mias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=J4qLU42GAsas0QXUk4DoCw&ved=0CAYQAUoAQ&biw=1366&bih=673#facrc=&imgdii=&imgsrc=WK3BbqdWKQwWmM%253A%3BG1PZ12GE-7tZuM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-81X1bvAH0VM%252FThSG7SWKuxI%252FAAAAAAAAAA8o%252FT9deseW6czI%252Fs1600%252F02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fchroniclesoflater.blogspot.com%252F2011%252F07%252Fjosep-mias-banyoles-spain.html%3B783%3B1600>

Fig. 34 – A Água na Praça e a sua relação com o Homem

<https://www.google.pt/search?q=banyoles+josep+mias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=J4qLU42GAsas0QXUk4DoCw&ved=0CAYQAUoAQ&biw=1366&bih=673#facrc=&imgdii=&imgsrc=WK3BbqdWKQwWmM%253A%3BG1PZ12GE-7tZuM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-81X1bvAH0VM%252FThSG7SWKuxI%252FAAAAAAAAAA8o%252FT9deseW6czI%252Fs1600%252F02.jpg>

<http://www.banyles-spain.html%3B783%3B1600>

Fig. 35 – A Água e o Lazer

<https://www.google.pt/search?q=banyoles+josep+mias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=J4qLU42GAsas0QXUK4DoCw&ved=0CAYQAUoAQ&biw=1366&bih=673#facrc=&imgdii=&imgrc=WK3BbqdWKQwWmM%253A%3BG1PZ12GE-7tZuM%3Bhttp%253A%252F%252F2.bp.blogspot.com%252F-81X1bvAH0VM%252FThSG7SWKuxI%252FAAAAAAAAAA8o%252FT9deseW6czI%252Fs1600%252F02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fchroniclesoflater.blogspot.com%252F2011%252F07%252Fjosep-mias-banyoles-spain.html%3B783%3B1600>

Fig. 36 – Praça de Água na Primavera

<https://www.google.pt/search?q=de+urbanisten&biw=1366&bih=674&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=H90mVJTESPcasfqLqH&sqi=2&ved=0CAYQAUoAQ>

Fig. 37 – Praça de Água no Verão

<https://www.google.pt/search?q=de+urbanisten&biw=1366&bih=674&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=H90mVJTESPcasfqLqH&sqi=2&ved=0CAYQAUoAQ>

Fig. 38 – Praça de Água no Outono

<https://www.google.pt/search?q=de+urbanisten&biw=1366&bih=674&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=H90mVJTESPcasfqLqH&sqi=2&ved=0CAYQAUoAQ>

Fig. 39 – Praça de Água no Inverno

<https://www.google.pt/search?q=de+urbanisten&biw=1366&bih=674&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=H90mVJTESPcasfqLqH&sqi=2&ved=0CAYQAUoAQ>

Fig. 40 – El Cuarto Dourado

LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guia Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucía: TF Editores.

Fig. 41 – Patio de Comares

LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guia Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucía: TF Editores.

Fig. 42– Palacio de los Leones

LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guia Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucía: TF Editores.

Fig. 43 – El Partal

LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guia Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucía: TF Editores.

Fig. 44 – El Generalife

LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guia Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucía: TF Editores.

Fig. 45 – Patio de la Acequia

LÓPEZ, Jesús Bermúdez – *Guia Oficial. La Alhambra y el Generalife*. Andalucia: TF Editores.

Fig. 46 – Relação entre o Rio e as Habitações na Primavera

<http://www.urbanisten.nl/wp/?portfolio=hamburgerbroek-doetinchem>

Fig. 47 – Relação entre o Rio e as Habitações no Outono

<http://www.urbanisten.nl/wp/?portfolio=hamburgerbroek-doetinchem>

Fig. 48 – Relação entre o Rio e as Habitações no Inverno

<http://www.urbanisten.nl/wp/?portfolio=hamburgerbroek-doetinchem>

Fig. 49 – Os diversos domínios do Habitat

Autoria Própria

Fig. 50 – Parque Natural do Rio seco e respectiva Zona de Intervenção

Autoria Própria

Fig. 51 – Vista Sudoeste da Parcela de Intervenção

<https://www.bing.com/maps/default.aspx?v=2&pc=FACEBK&mid=8100&where1=38.716700158219%2C+-9.1337585449219&name=Lisboa&mkt=pt-PT>

Fig. 52 – Vista Sudeste da Parcela de Intervenção

<https://www.bing.com/maps/default.aspx?v=2&pc=FACEBK&mid=8100&where1=38.716700158219%2C+-9.1337585449219&name=Lisboa&mkt=pt-PT>

Fig. 53 – Situação Actual por onde o vale do Rio passa

Autoria Própria

Fig. 54 – Situação Actual Urbana (demolições a verde)

Autoria Própria

Fig. 55 – Nova situação Urbana e prolongamento de ruas existentes (novos edifícios a bege)

Autoria Própria

Fig. 56 – Organização Tipológica

Autoria Própria

Fig. 57 – Construção Ostentativa na Babilónia

https://www.google.pt/search?q=babilonia&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=DzeQU_1C_L50gX0jIHwDg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=674#q=+babilonia&tbm=isch&imgdii=

Fig. 58 – Patamares que constituem o Jardim

https://www.google.pt/search?q=babilonia&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=DzeQU_1C_L50gX0jIHwDg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=674#q=+babilonia&tbm=isch&imgdii=

Fig. 59 – Espécies Arbóreas que ornamentam o Jardim

https://www.google.pt/search?q=babilonia&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=DzeQU_1C_L50gX0jIHwDg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=674#q=+babilonia&tbm=isch&imgdii=

Fig. 60 – Percursos de Água pelos Jardins Suspensos da Babilónia

https://www.google.pt/search?q=babilonia&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=DzeQU_1C_L50gX0jIHwDg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=674#q=+babilonia&tbm=isch&imgdii=

Fig. 61 – Vida nos Jardins

https://www.google.pt/search?q=babilonia&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=DzeQU_1C_L50gX0jIHwDg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=674#q=+babilonia&tbm=isch&imgdii=

Fig. 62 – Rio Eufrates

https://www.google.pt/search?q=babilonia&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=DzeQU_1C_L50gX0jIHwDg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=674#q=+babilonia&tbm=isch&imgdii=

Fig. 63 – Relação entre a água e o edificado

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 64 – Vista superior do quarteirão

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 65 – Vista interior do quarteirão

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 66 – Maquete que relaciona o dinamismo das varandas

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 67 – Varanda de uma habitação

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 68 – Percursos que interligam os vários níveis do edifício

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 69 – O quarteirão visto da rua

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 70 – Vivência no interior do quarteirão

<http://www.designboom.com/architecture/big-architects-8-house-under-construction/>

Fig. 71 – Vista Global de Kagithane Gardens

<http://jdsa.eu/kag/>

Fig. 72 – Vista Superior de Kagithane Gardens

<http://jdsa.eu/kag/>

Fig. 73 – Lea River Park (Londres)

<http://www.proap.pt/project/lea-river-park-1/>

Fig. 74 – Riverside Park of Barcelos (Barcelos)

<http://www.proap.pt/project/riverside-park-of-barcelos-1/>

Fig. 75 – O desenho do Parque

Autoria Própria

Fig. 76 – Zonas Verdes

Autoria Própria

Fig. 77 – Promenade

Autoria Própria

Fig. 78 – Eléctrico e Zonas Pedonais

Autoria Própria

Fig. 79 – Planta de Implantação do edifício

<http://www.archdaily.com/110615/living-foz-demmm-arquitectura/>

Fig. 80 – Relação entre os dinamismos das varandas e o jardim

<http://www.archdaily.com/110615/living-foz-demmm-arquitectura/>

Fig. 81 – Movimento das varandas

<http://www.archdaily.com/110615/living-foz-demmm-arquitectura/>

Fig. 82 – Relação de uma habitação com o edifício

<http://www.archdaily.com/110615/living-foz-demmm-arquitectura/>

Fig. 83 – Relação luz/sombra no edificado

<http://www.archdaily.com/110615/living-foz-demmm-arquitectura/>

Fig. 84 – Vista sobre a cidade do Porto

<http://www.archdaily.com/110615/living-foz-demmm-arquitectura/>

Fig. 85 – Layer 1

Autoria Própria

Fig. 86 – Layer 2

Autoria Própria

Fig. 87 – Layer 3

Autoria Própria

Fig. 88 – Vista Rua

Autoria Própria

Fig. 89 – Vista Parque

Autoria Própria

Fig. 90 – Alçado principal do edifício

<http://www.arx.pt/pt/construido/596-moradia-em-lisboa>

Fig. 91 – Alçado tardoz do edifício

<http://www.arx.pt/pt/construido/596-moradia-em-lisboa>

Fig. 92 – Relação entre os pisos no interior da habitação

<http://www.arx.pt/pt/construido/596-moradia-em-lisboa>

Fig. 93 – Relação interior/exterior

<http://www.arx.pt/pt/construido/596-moradia-em-lisboa>

Fig. 94 – Espaço compartimentado e fechado

<http://www.arx.pt/pt/construido/596-moradia-em-lisboa>

Fig. 95 – Espaço amplo e aberto

<http://www.arx.pt/pt/construido/596-moradia-em-lisboa>

Fig. 96 – Aproximação ao Parque

Autoria Própria

Fig. 97 – Núcleo Central e espaço livre adjacente

Autoria Própria

Fig. 98 – Núcleo Central e dois espaços compartimentados

Autoria Própria

Fig. 99 – Núcleo Central e três espaços compartimentados

Autoria Própria

Fig. 100 – Planta da Cave

Autoria Própria

Fig. 101 – Planta do Piso 0 e Percurso da Casa Dual

Autoria Própria

Fig. 102 – Planta do Piso 1 e Sistema de Vistas

Autoria Própria

Fig. 103 – Planta do Piso 2 e Sistema de Vistas

Autoria Própria

Fig. 104 – Planta do Piso 3 e Sistema de Vistas

Autoria Própria

Fig. 105 – Planta de Cobertura

Autoria Própria

Fig. 106 – Edifício Rua da Boavista

Autoria Própria

Fig. 107 – Bairro Alto Hotel

Autoria Própria

Fig. 108 – Edifício Hérmes

Autoria Própria

Fig. 109 – Quarteirão Império

Autoria Própria

Fig. 110 – Alçado Rua

Autoria Própria

Fig. 111 – Pavilhão de Portugal, Coimbra

https://www.google.pt/search?q=demm+arquitectura+living+foz&biw=1366&bih=674&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ei=uOUmVIS-Doid7gabmIGABw&ved=0CAYQ_AUoAQ#tbm=isch&q=pavilhao+de+portugal+coimbra&facrc=_&imgdii=_&imgsrc=aLL9gYucael2RM%253A%3BZ5fuXsKdifPDpM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.orquestraiclassicadocentro.org%252FPortals%252F14%252Ffotos%252F%252Fpav%252520centro%252520portugal%252520porta.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.orquestraiclassicadocentro.org%252Fpt-pt%252Fpavilh%2525C3%2525A3o.aspx%3B650%3B450

Fig. 112 – Ecocabana, Cascais

<http://www.barbinarquitectos.com/projectos.html>

Fig. 113 – Alçado Parque

Autoria Própria

Fig. 114 – Primeira e Segunda Maquetes dos Patamares do Volume a desenvolver (1/500)

Autoria Própria

Fig. 115 – Terceira Maquete dos Patamares do Volume a desenvolver (1/200)

Autoria Própria

Fig. 116 – Quarta Maquete dos Patamares do Volume a desenvolver (1/200)

Autoria Própria

Fig. 117 – Desenhos de Conceito

Autoria Própria

Fig. 118 – Maquetes de percepção do espaço urbano a desenvolver (1/500)

Autoria Própria

Fig. 119 – Edifício de estudo de Parque e Patamares das casas finais (1/200)

Autoria Própria

Fig. 120 – Maquete Final do Parque e das Habitações que o sustentam (1/200)

Autoria Própria

Fig. 121 – Maquete Final do Parque e do “Parque Vertical” (1/200)

Autoria Própria

Fig. 122 – Maquete Final do Parque e das Habitações que o sustentam (1/200)

Autoria Própria

Fig. 123 – Primeira e Segunda Maquetes do espaço da Casa (1/100)

Autoria Própria

Fig. 124 – Maquete do Espaço da Casa (1/50)

Autoria Própria

Fig. 125 – Maquete do Espaço da Casa (1/50)

Autoria Própria

Fig. 126 – Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 127 – Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 128 – Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 129 – Maquete Final da frente Rua da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 130 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 131 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 132 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 133 – Maquete Final da frente Parque da Casa (1/20)

Autoria Própria

Fig. 134 – Maquete Urbana em Gesso (1/500)

Autoria Própria

Fig. 135 – Maquete Final das Varandas em Cortiça (1/1)

Autoria Própria

Fig. 136 – Maquete Final das Varandas em Cortiça (1/1)

Autoria Própria

PEÇAS DESENHADAS

Painel 1

Enquadramento

Painel 2

Diagramas de Lisboa e o Parque Natural do Rio Seco

Painel 3

Diagramas do Projecto

Painel 4

Planta de Implantação

Painel 5

Proposta Urbana (escala 1/500)

Painel 6

Proposta Urbana (escala 1/500)

Painel 7

Proposta Arquitectónica (escala 1/200)

Painel 8

Proposta Arquitectónica (escala 1/200)

Painel 9

Proposta Arquitectónica (escala 1/200)

Painel 10

Proposta Arquitectónica (escala 1/200)

Painel 11

A Casa (escala 1/100)

Painel 12

Pesquisa Tipológica sobre Lisboa (1/100)

Painel 13

A Casa (escala 1/50)

Painel 14

A Casa (escala 1/50)

Painel 15

A Casa (escala 1/50)

Painel 16

A Casa (escala 1/50)

Painel 17

A Casa (escala 1/50)

Painel 18

Alçados da Casa (escala 1/20)

Painel 19

Alçados da Casa (escala 1/20)

Painel 20

Pormenorização (escala 1/5)

Painel 21

Argumentação Visual

Painel 22

Argumentação Visual

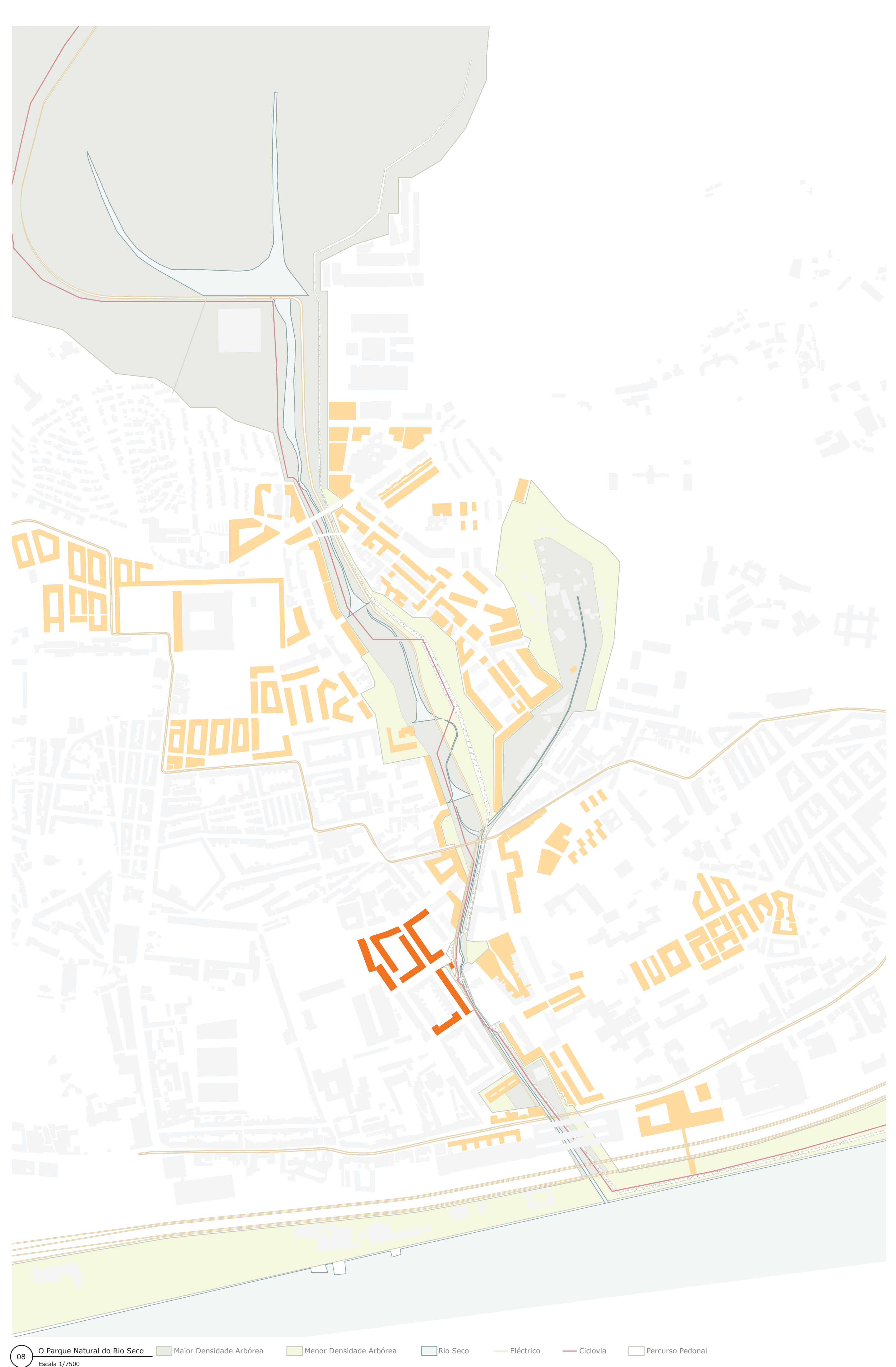
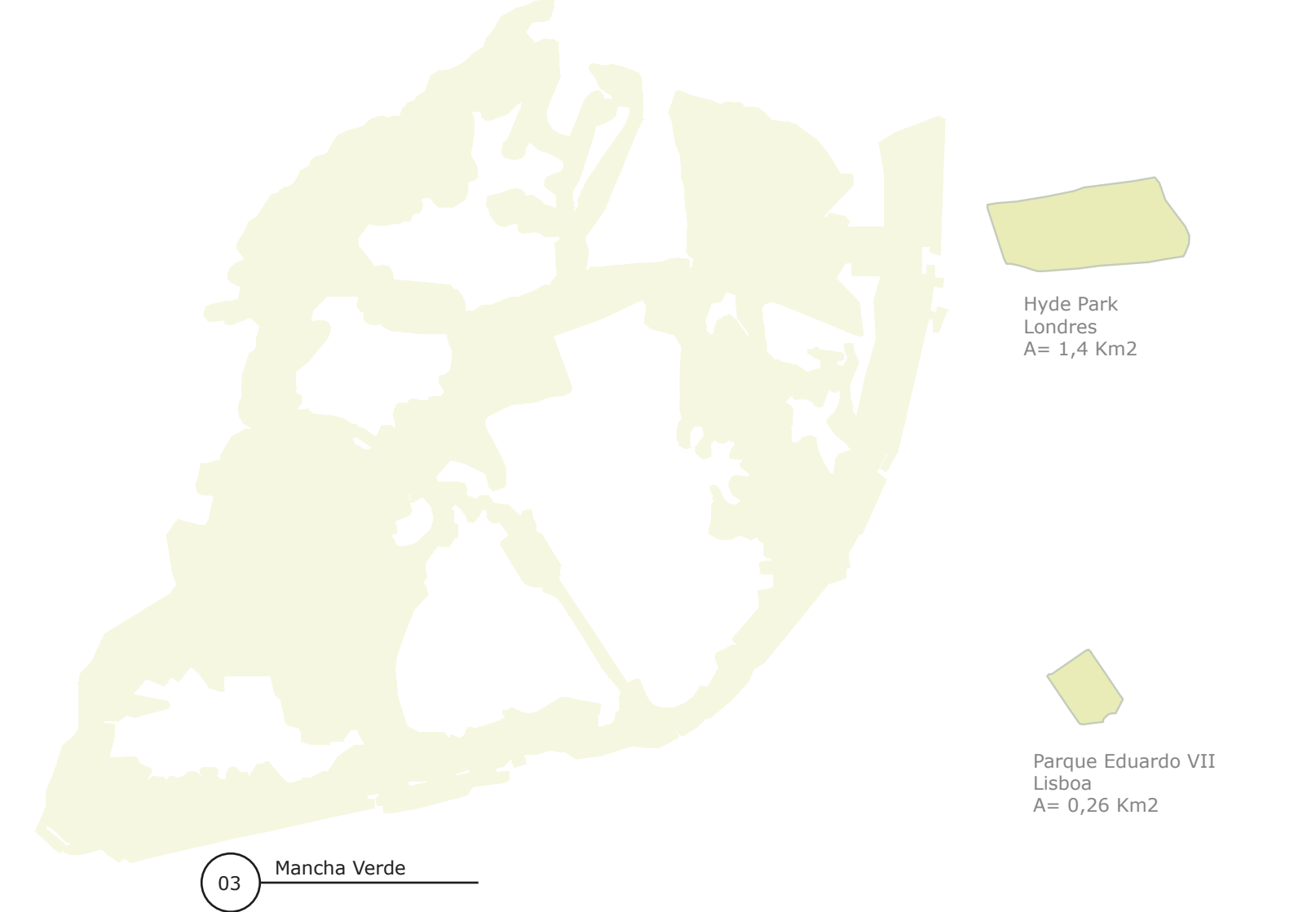
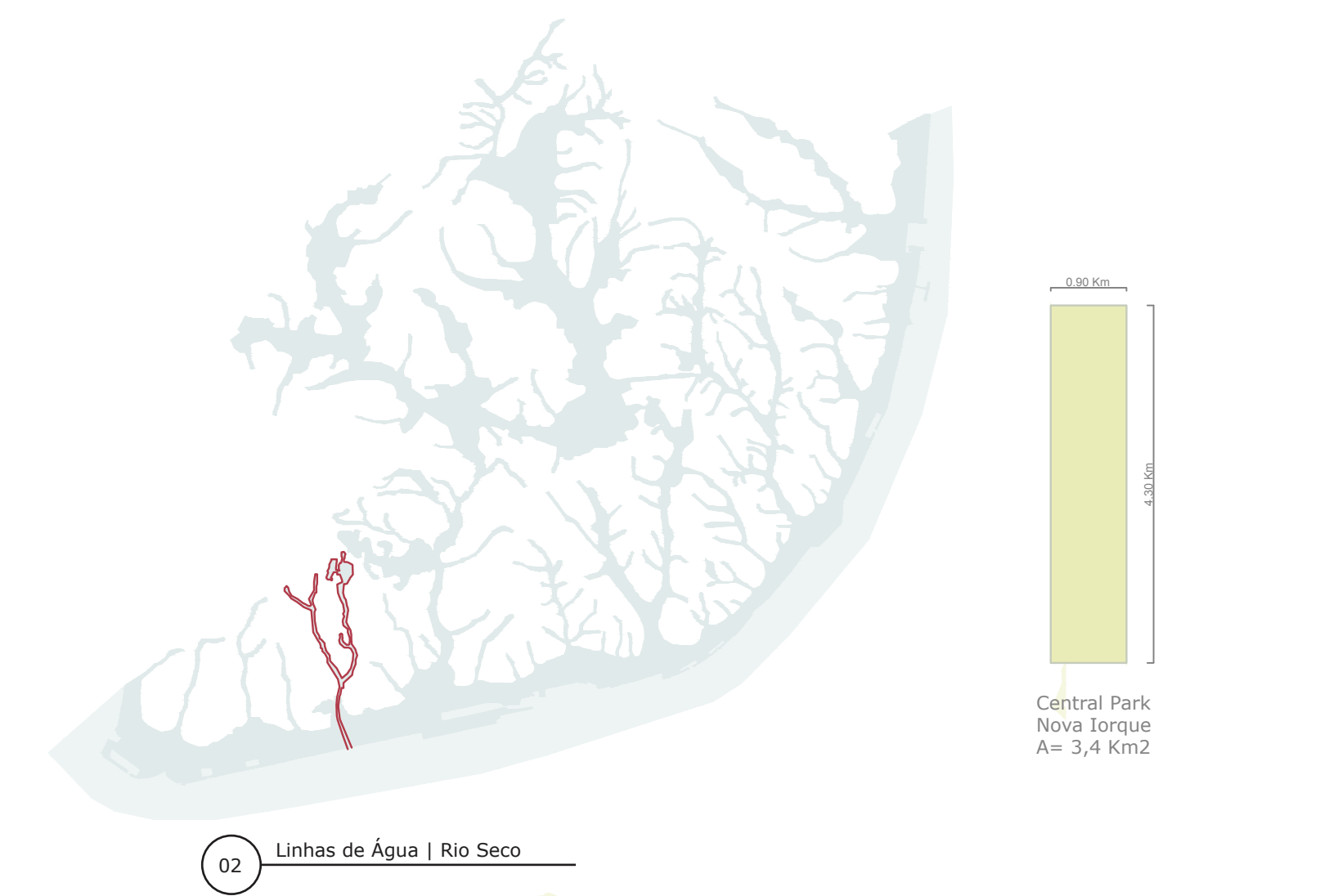
Painel 23

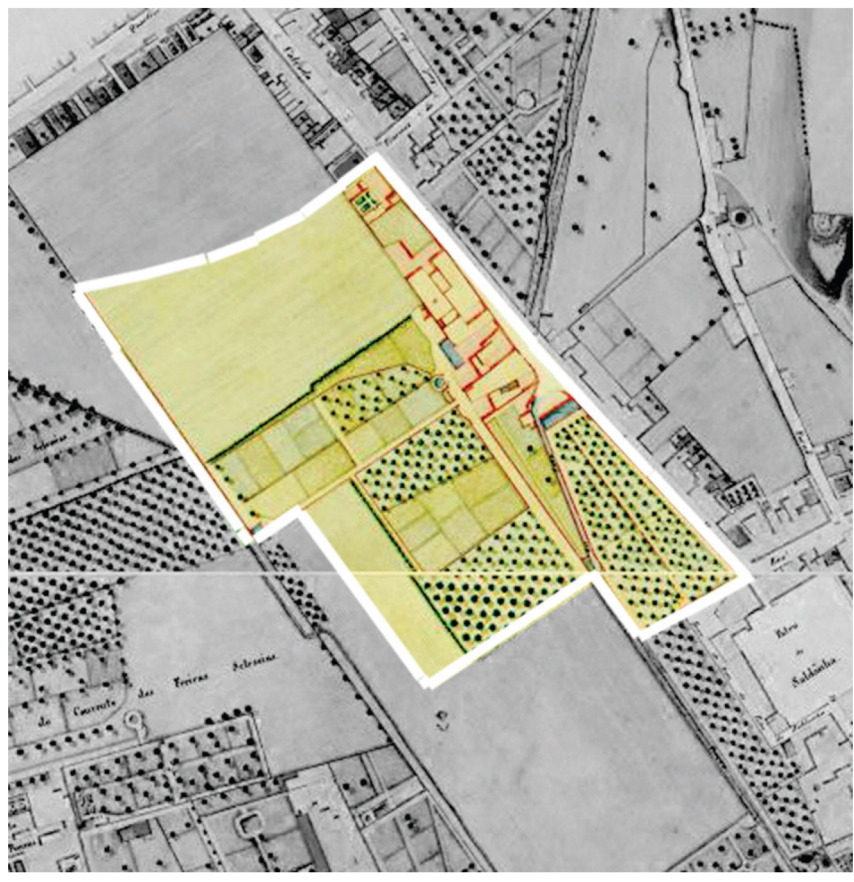
Argumentação Visual

Painel 24

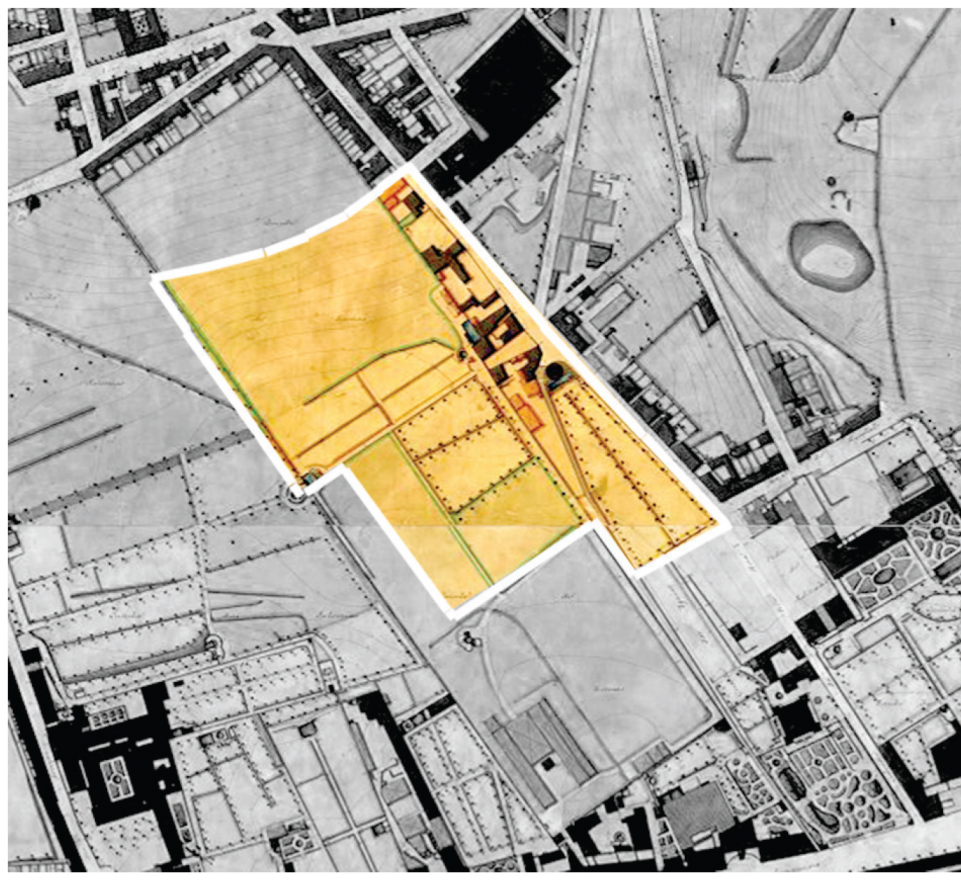
Argumentação Visual



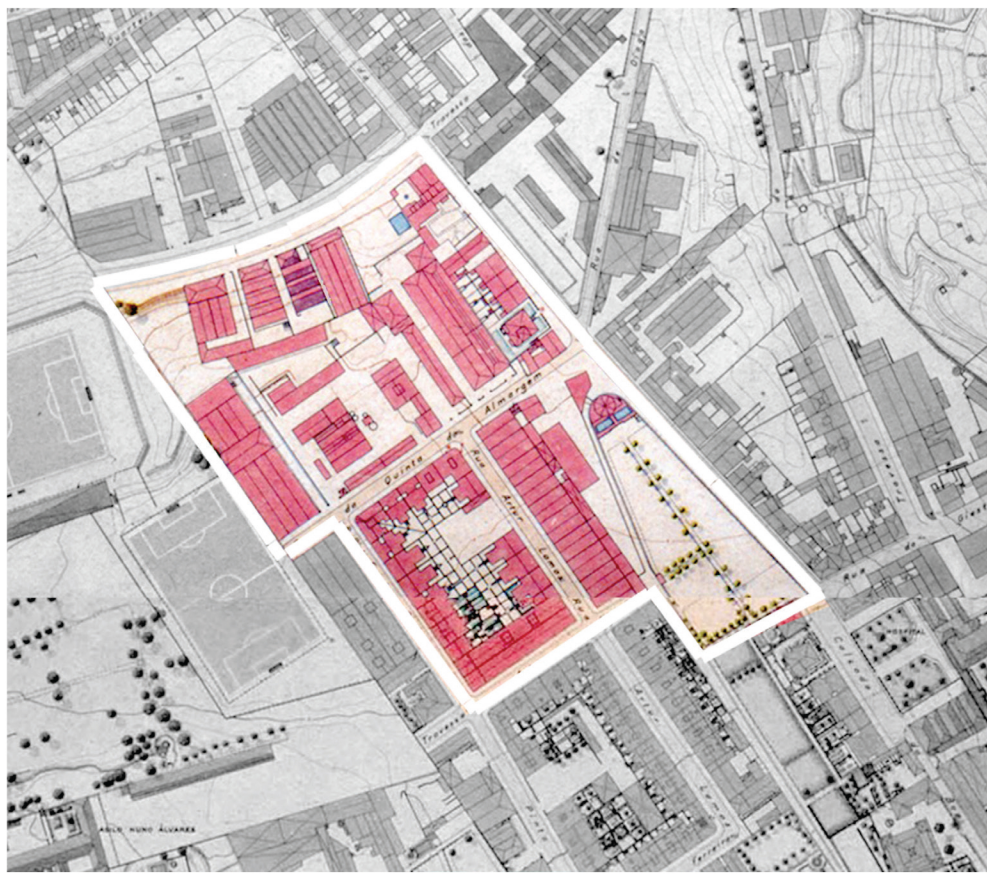




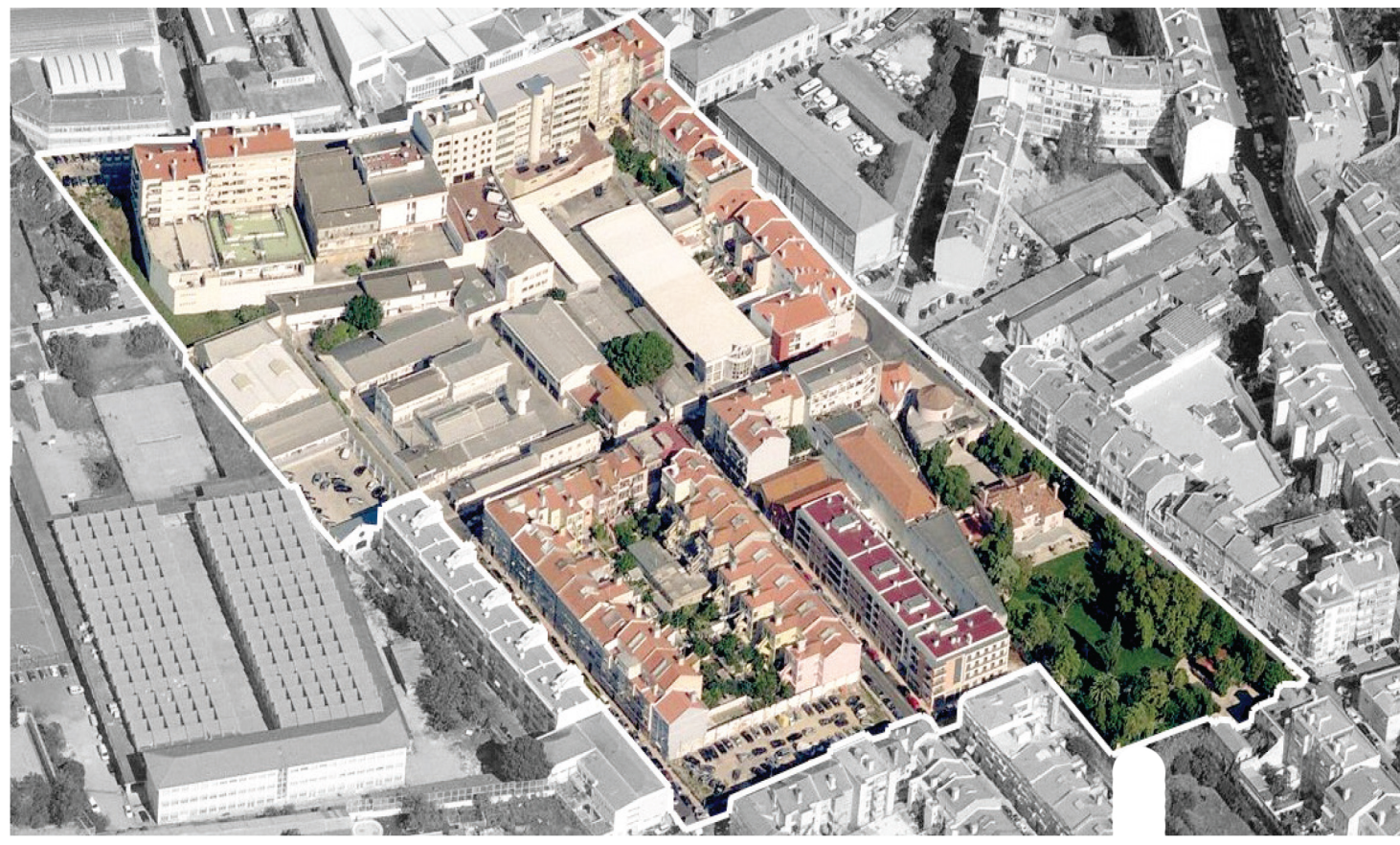
01 Planta de 1856



02 Planta de 1900



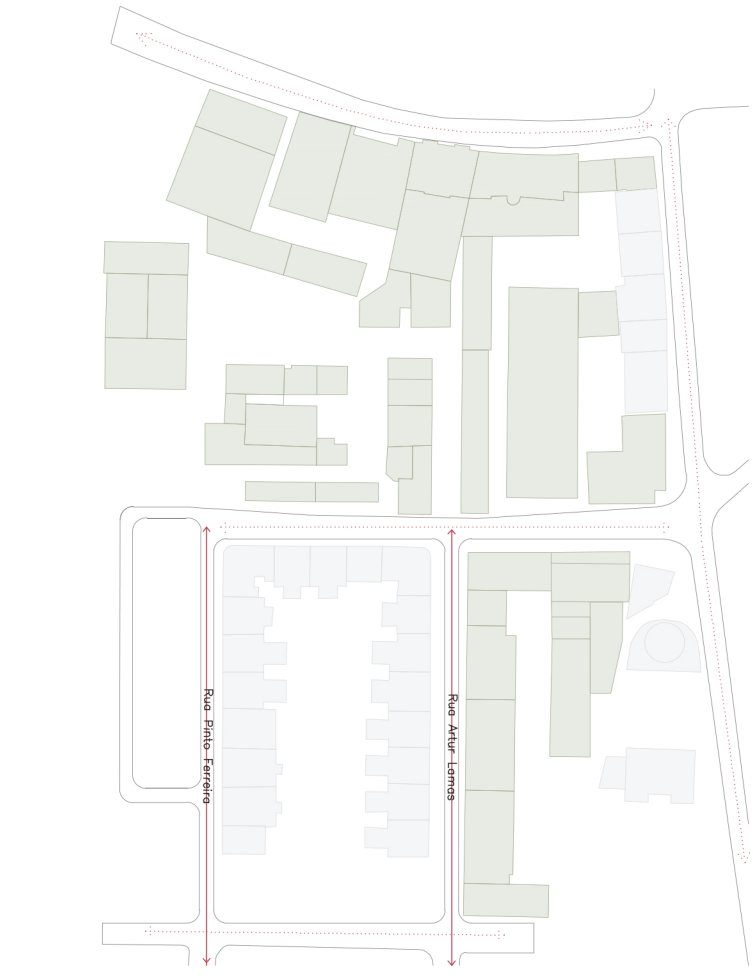
03 Planta de 1950



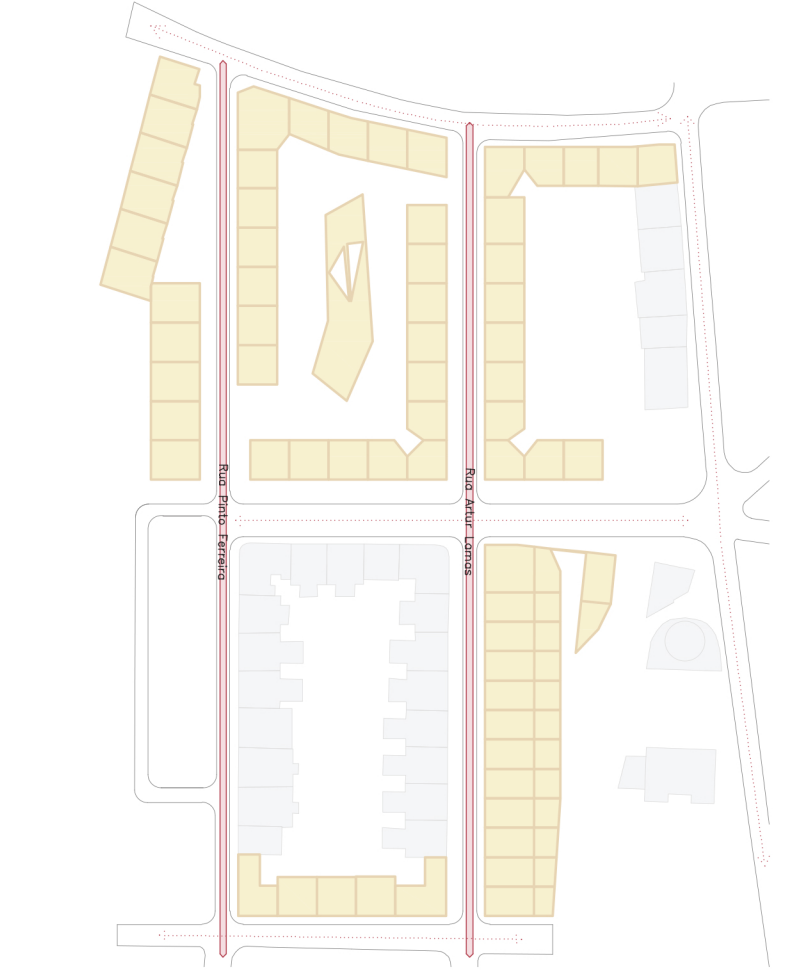
04 Planta de 2014



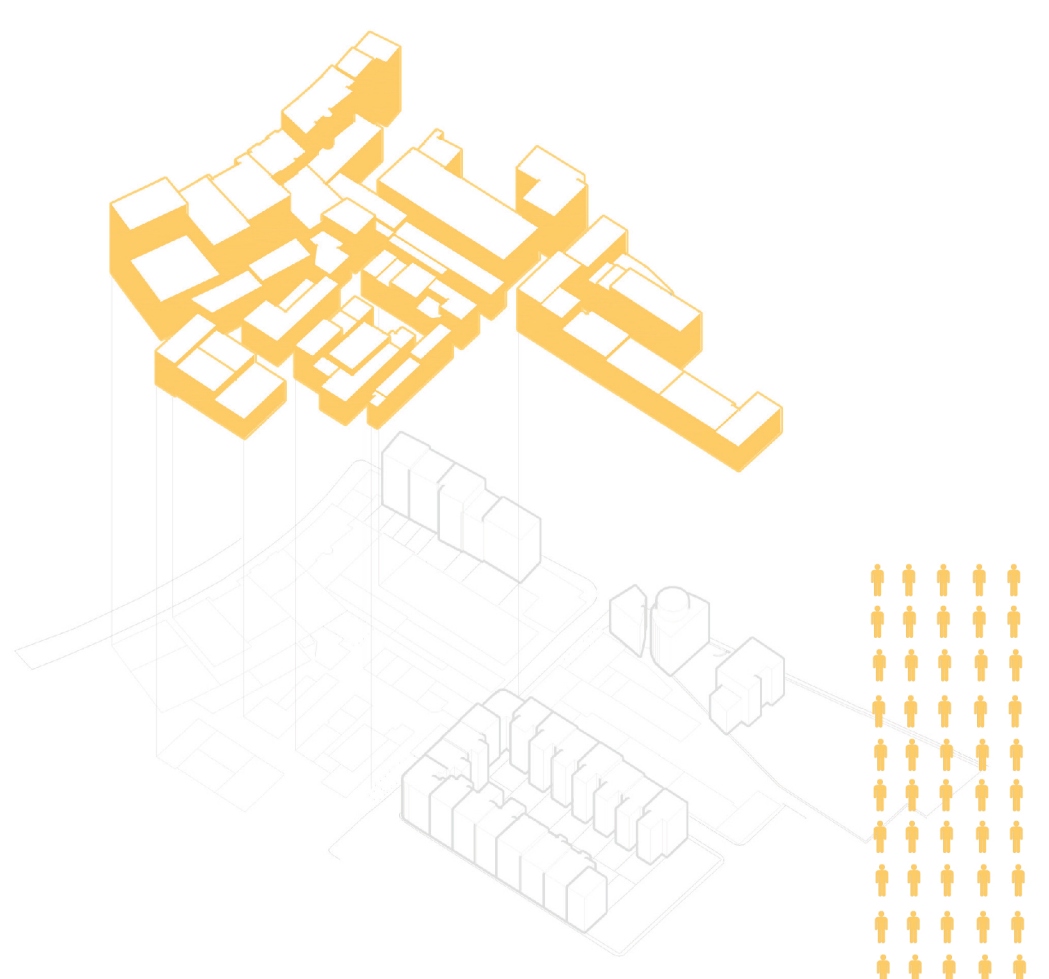
05 Rio Seco | Situação Actual



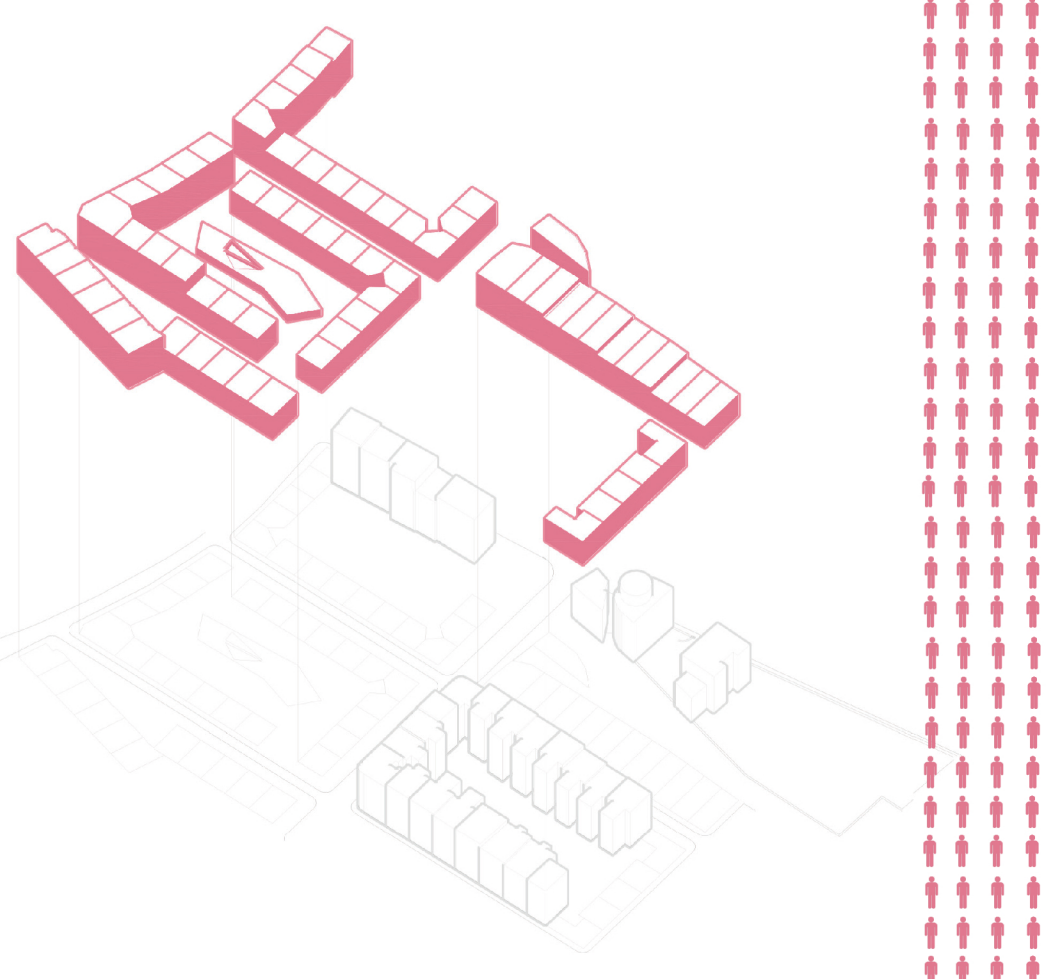
06 Traçado Actual | Rua Pinto Ferreira | Rua Artur Lamas



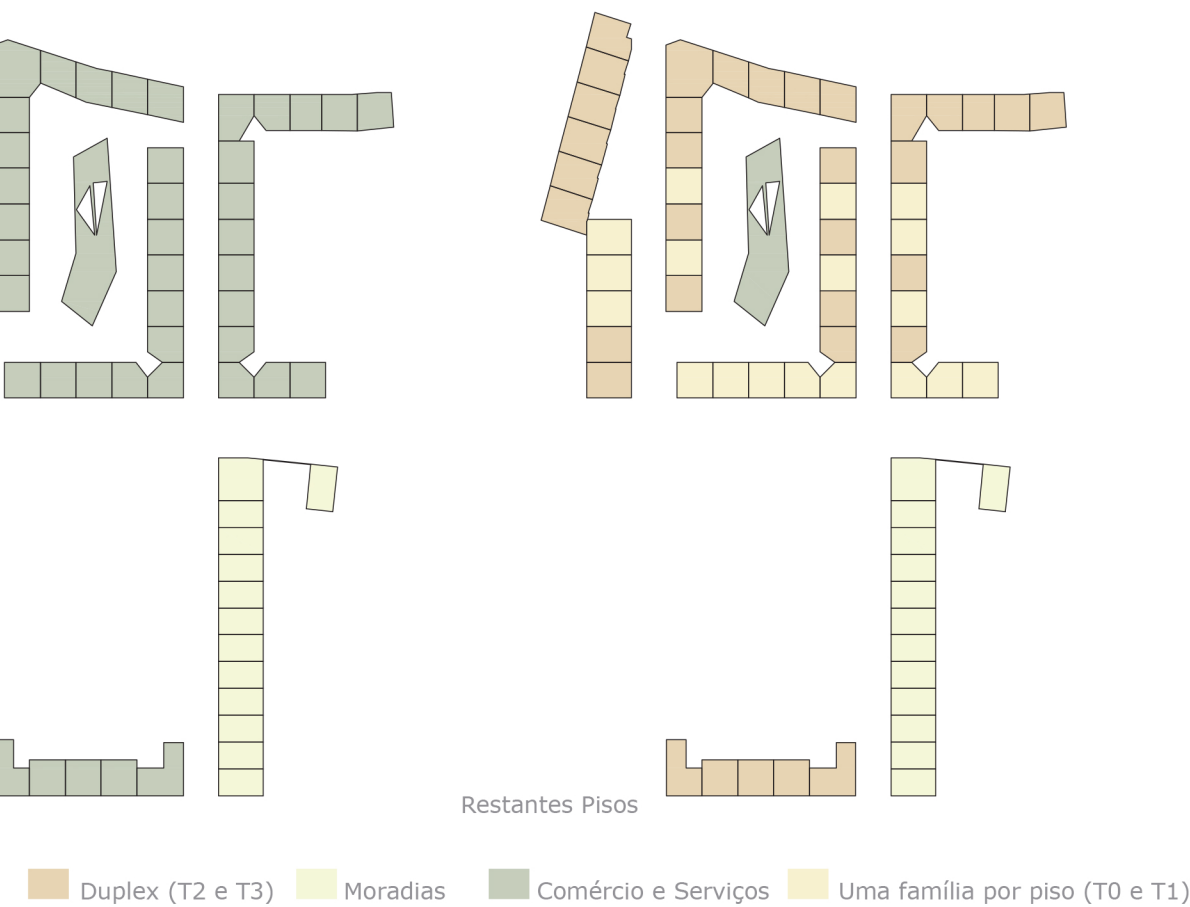
07 Novo Traçado | Rua Pinto Ferreira | Rua Artur Lamas



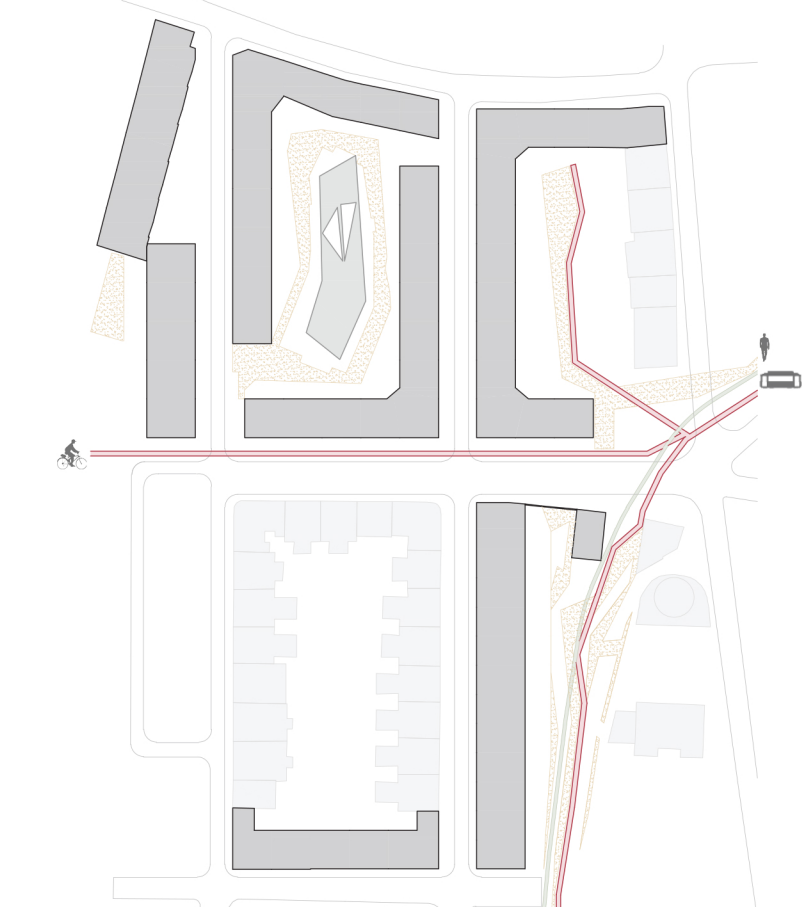
08 Demolições
ABC= 25345 m2
= 5 pessoas



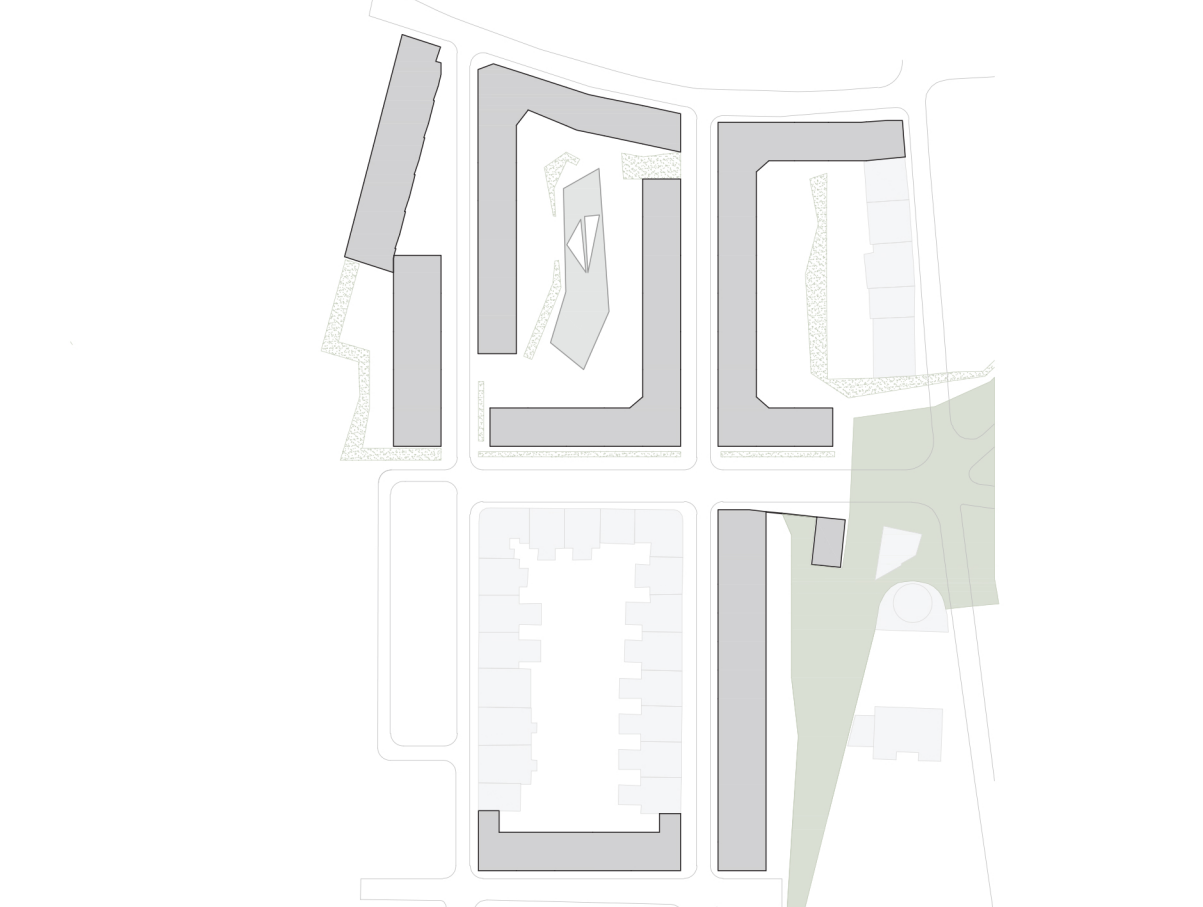
09 Novas Construções
ABC= 38772 m2
= 5 pessoas



10 Tipologias



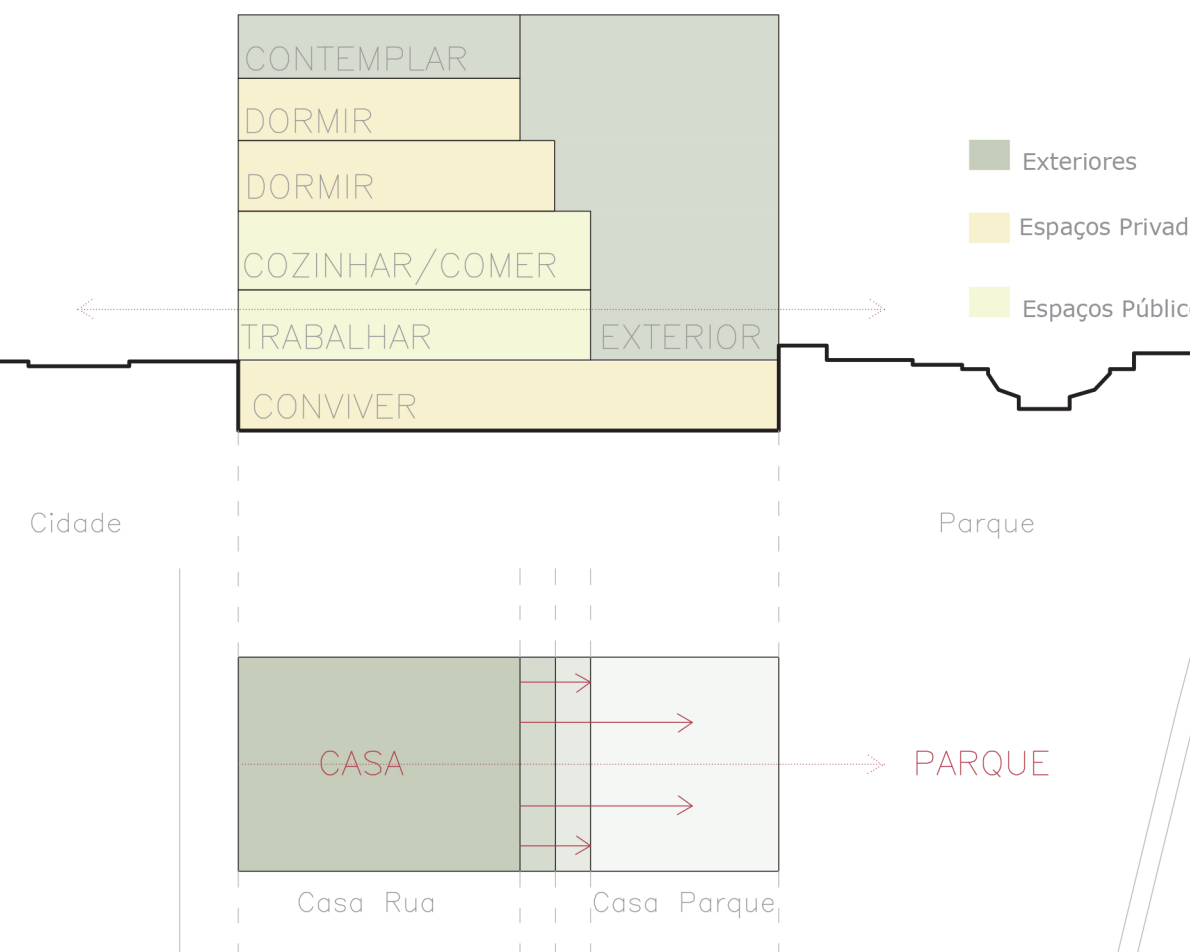
11 Percursos



12 Áreas Verdes



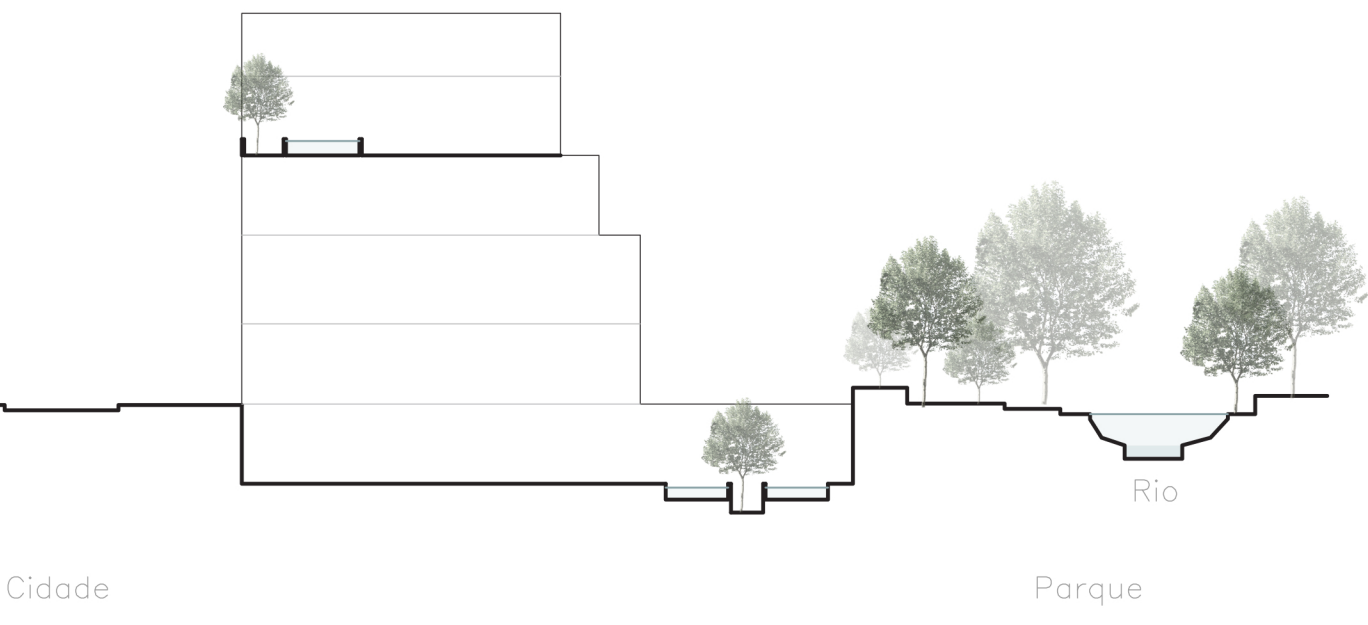
13 Inter-relação entre o Rio Seco, o Parque e o Edifício



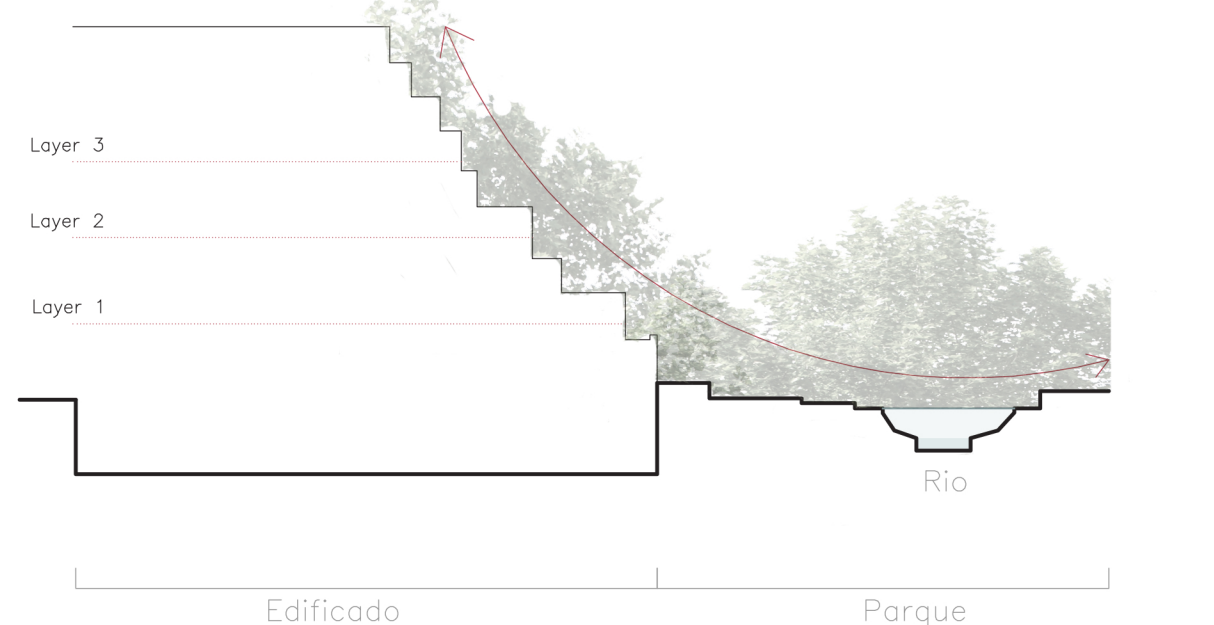
14 Estrutura da Casa e sua aproximação ao Parque



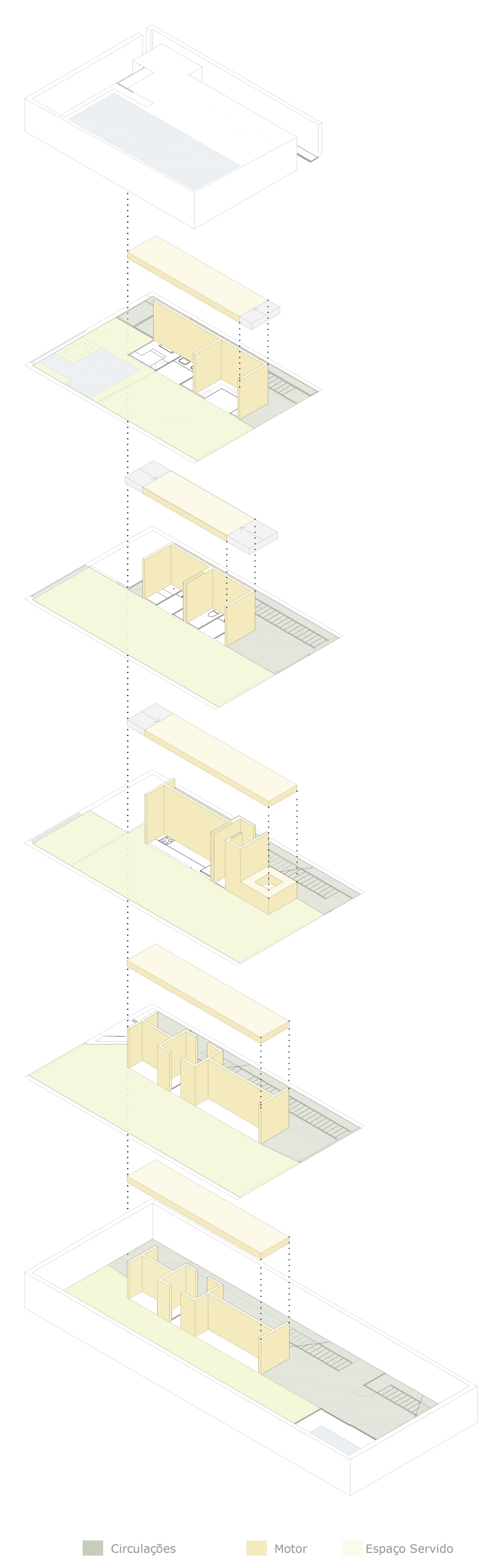
15 Organização Interior da Casa



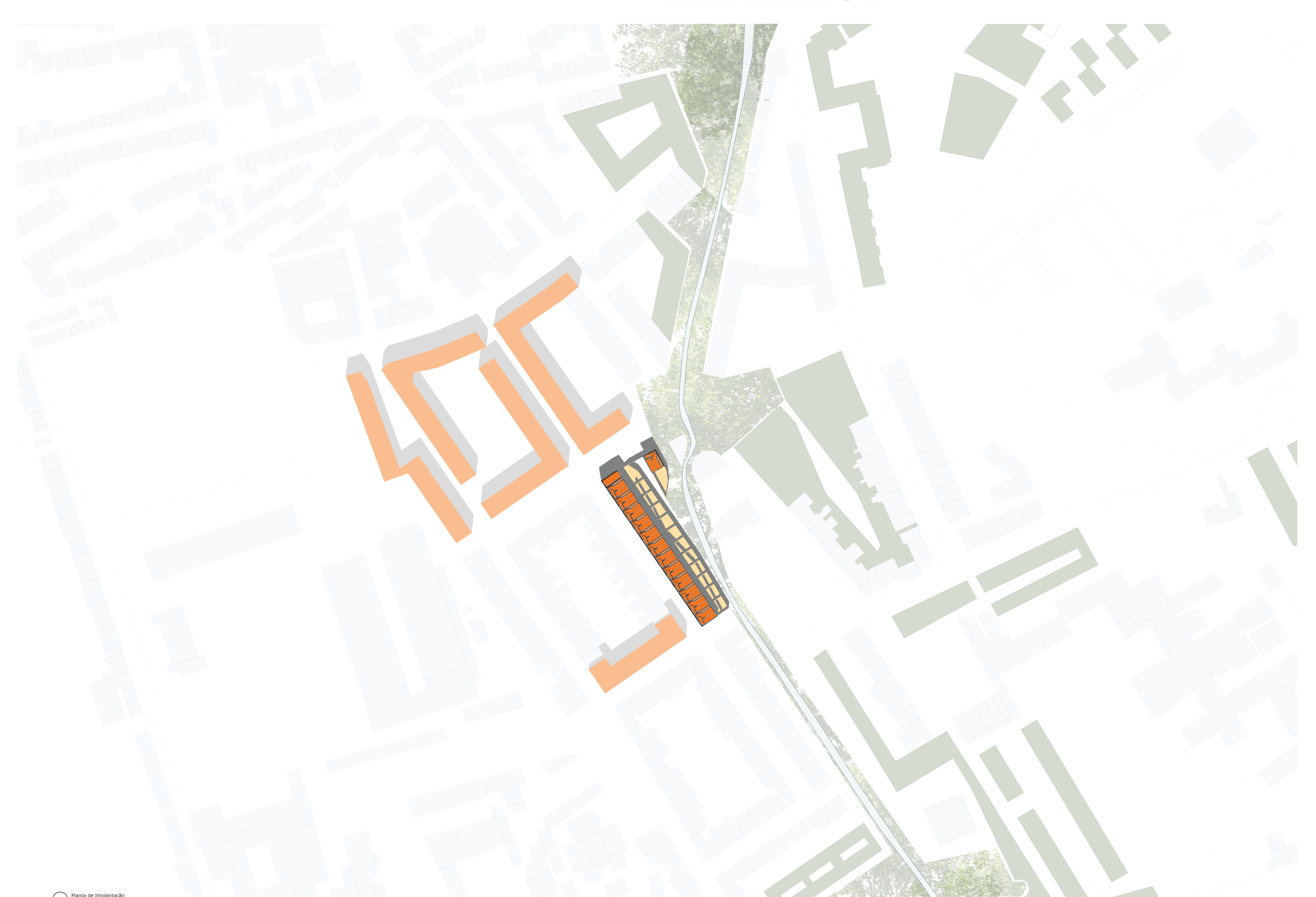
16 Relação entre os Elementos Naturais | Casa - Parque

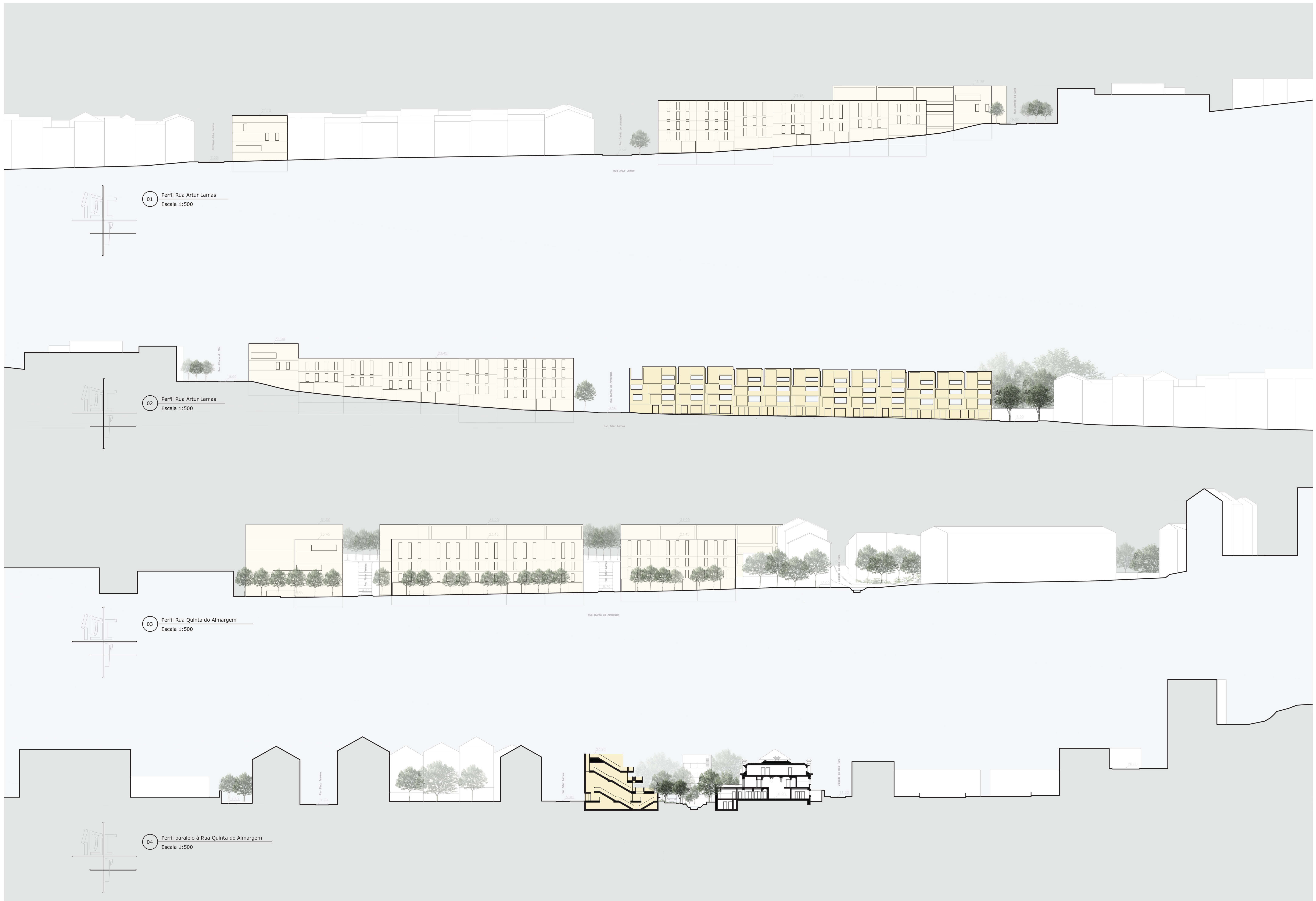


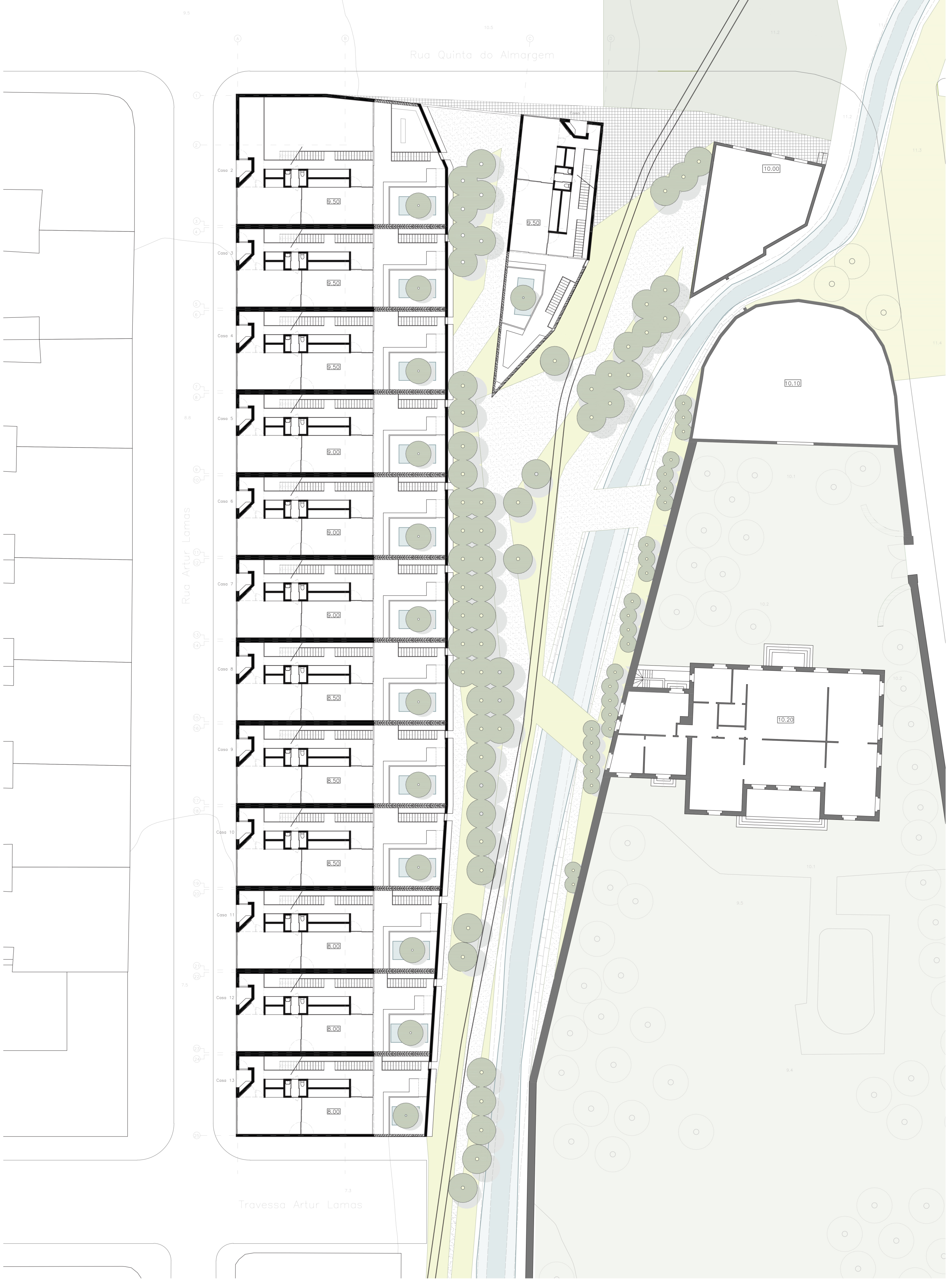
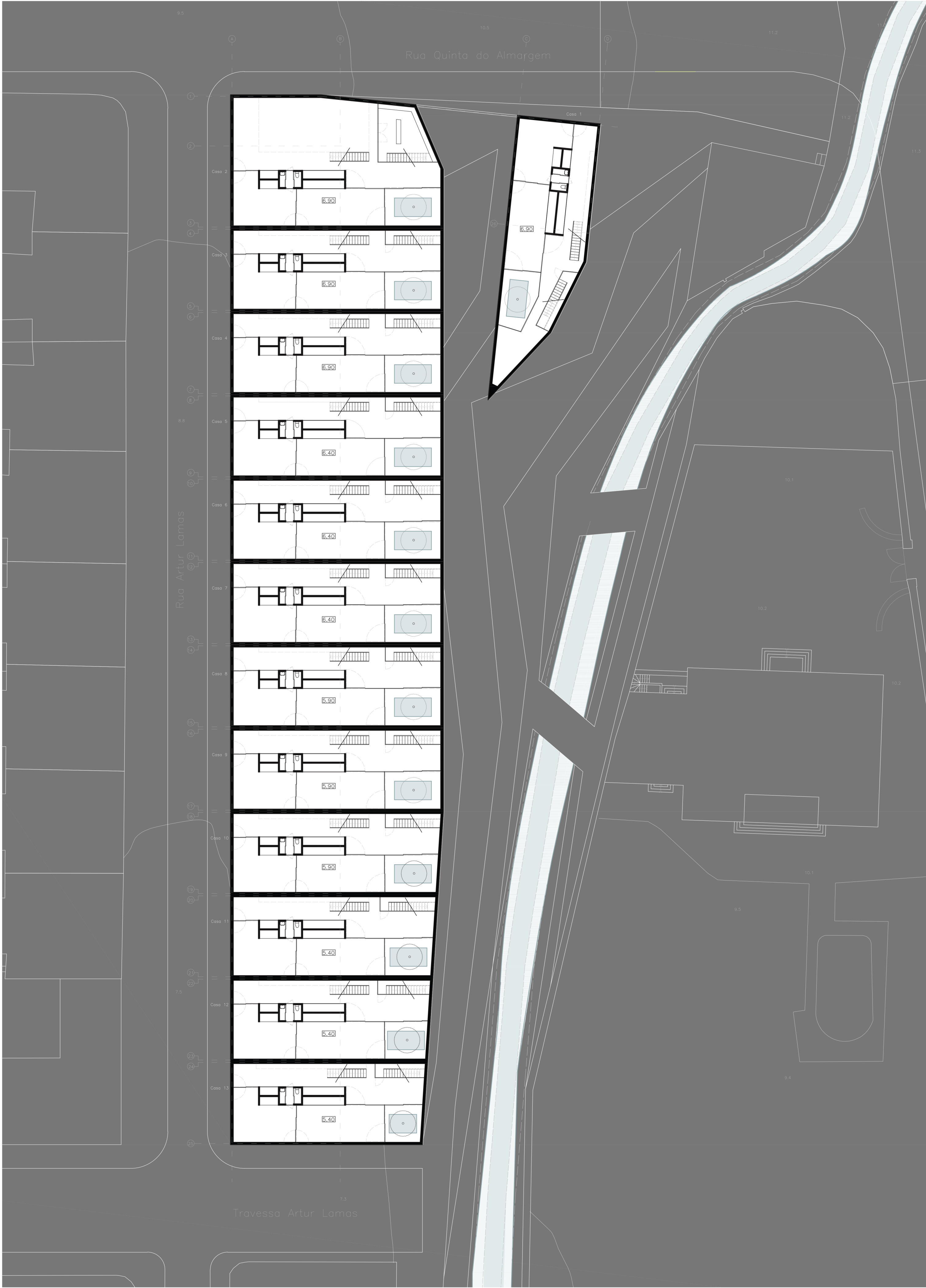
17 Jardim Vertical

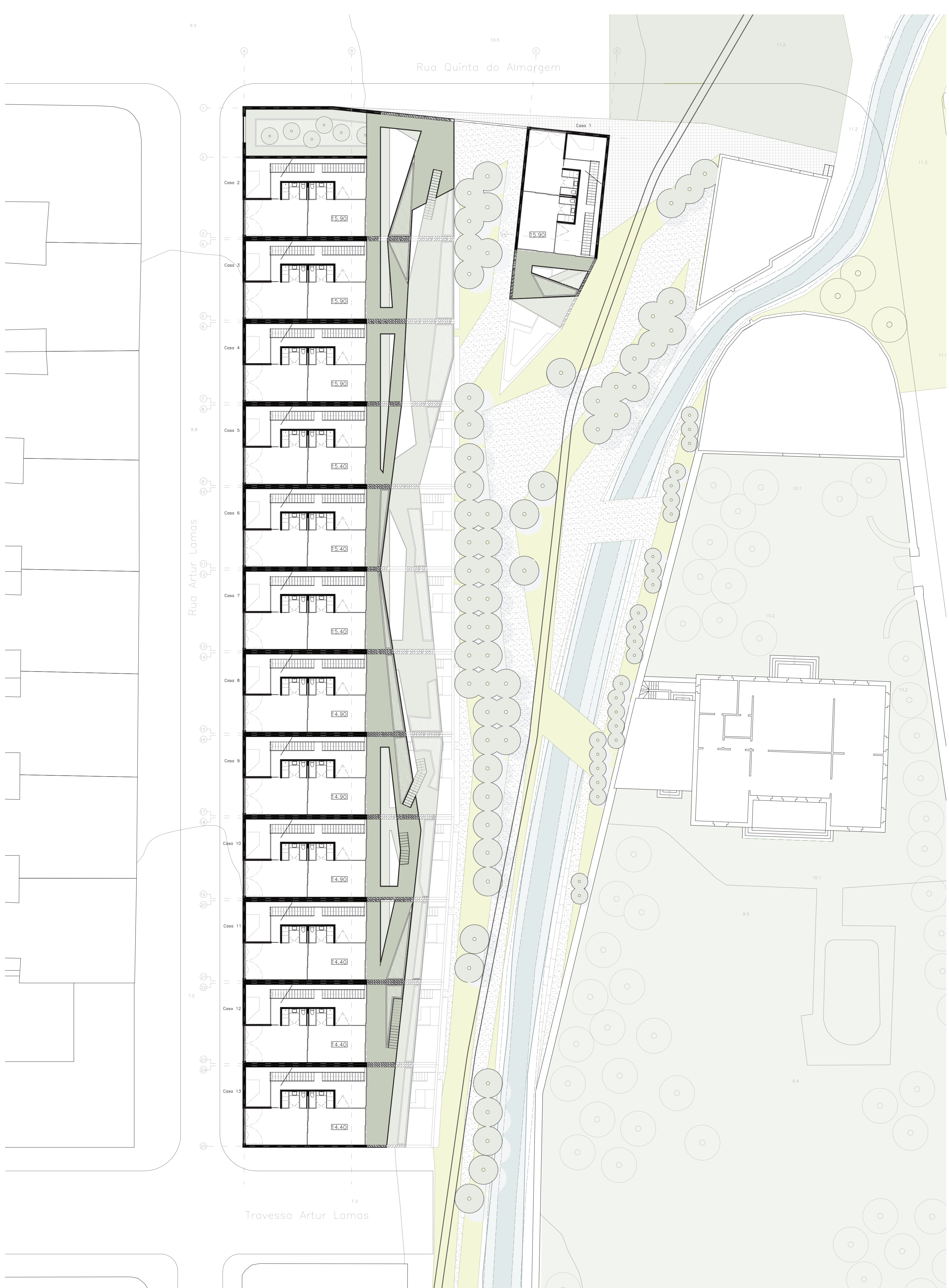
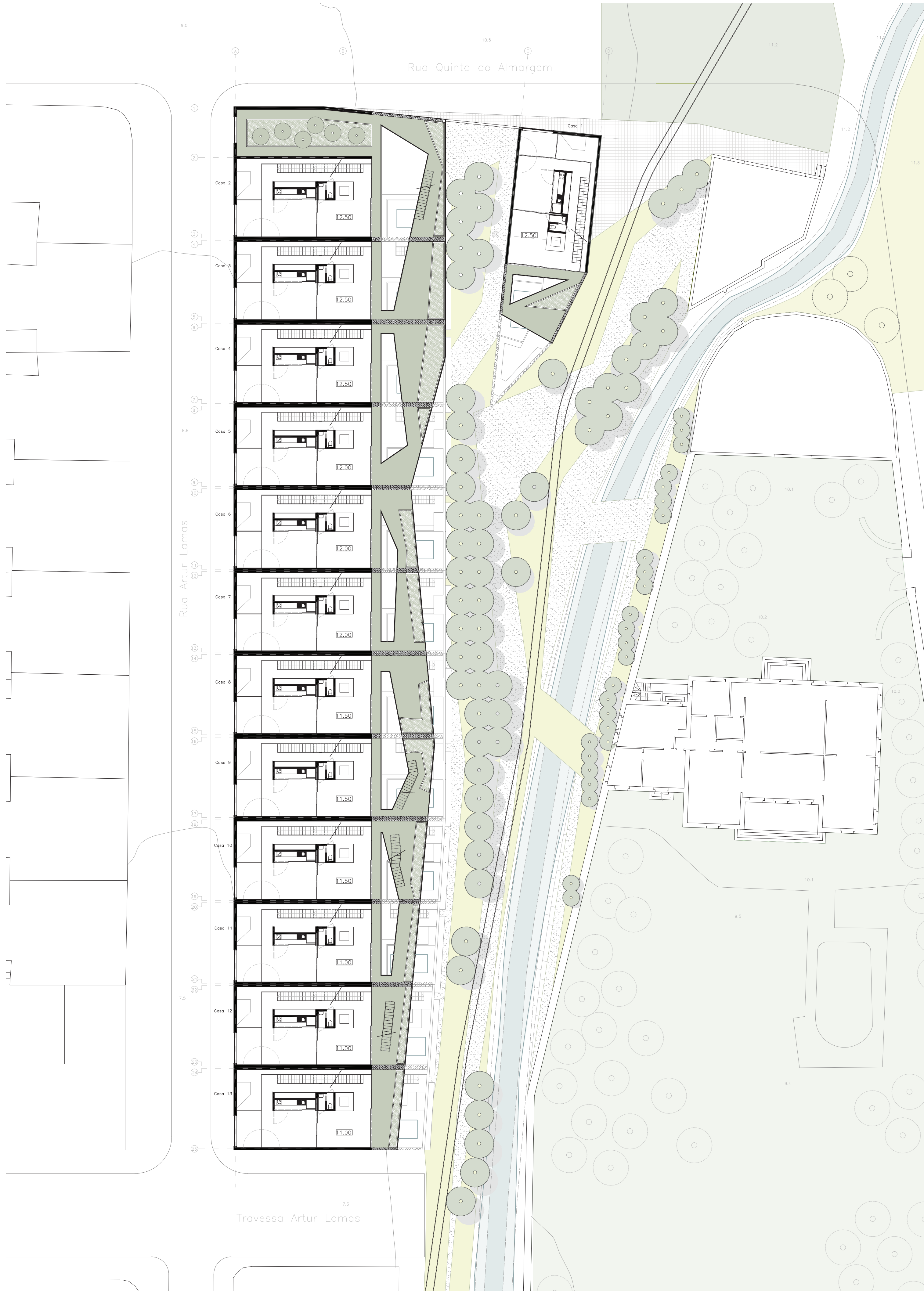


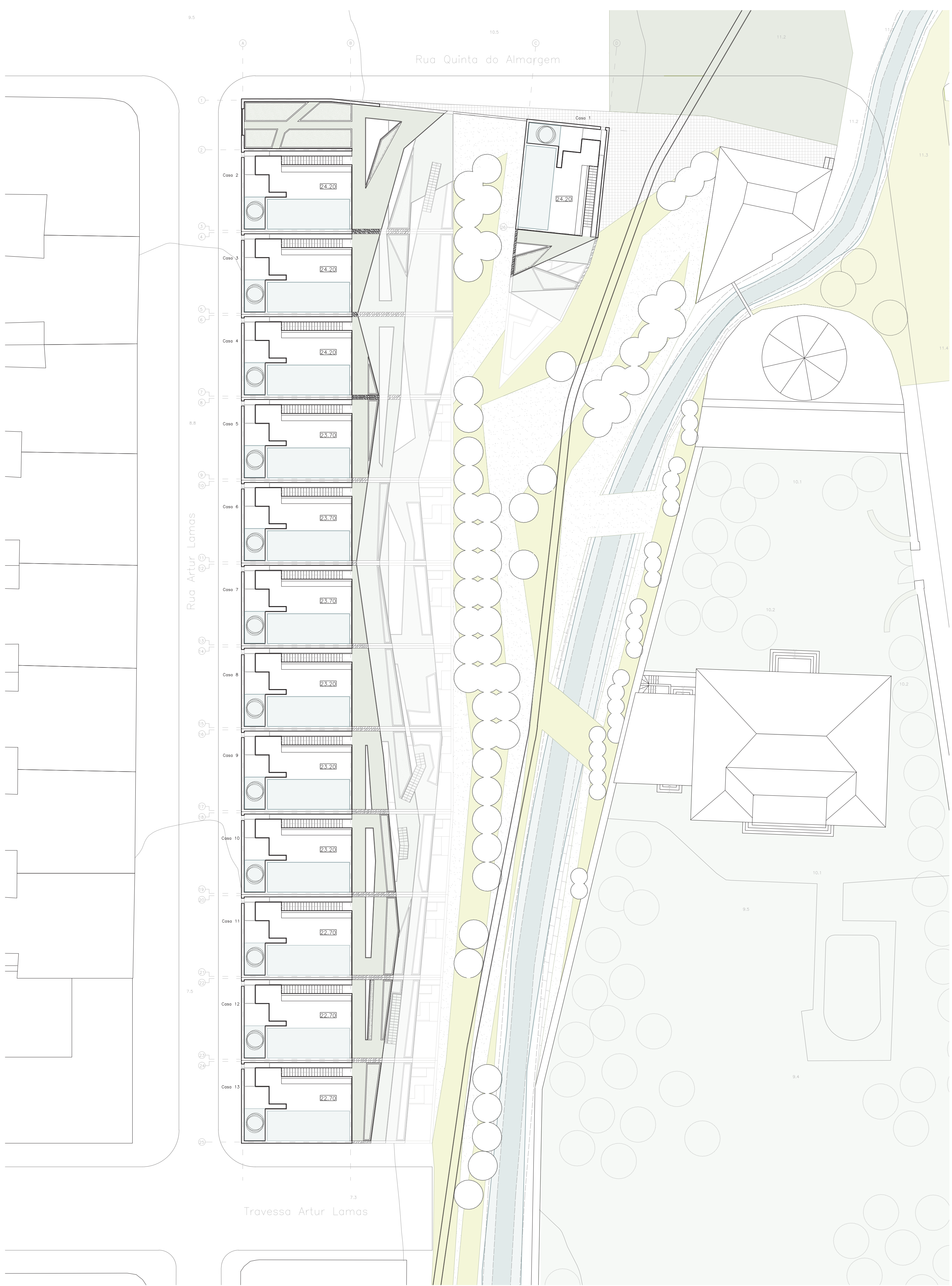
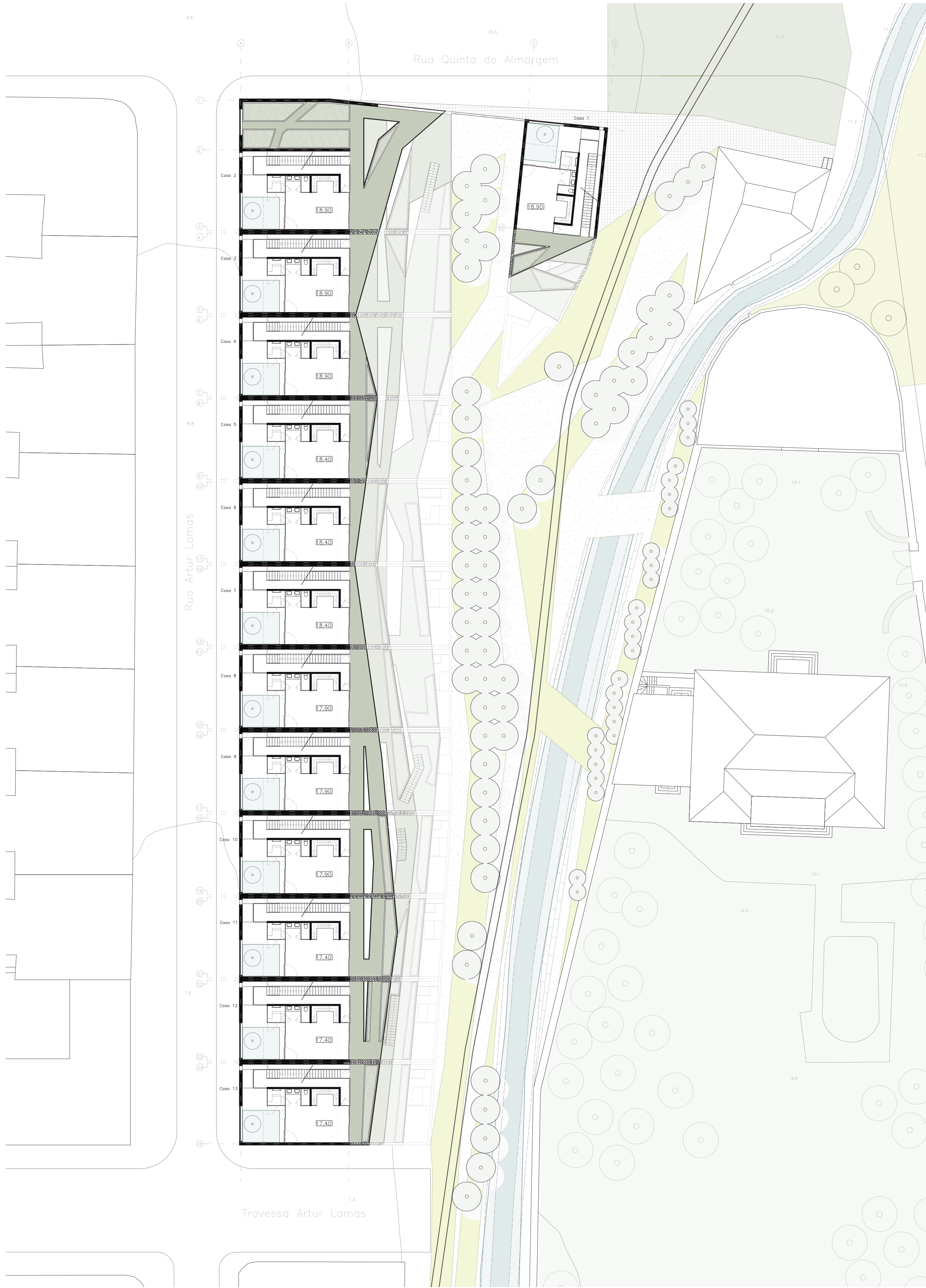
18 Axonometria da Casa



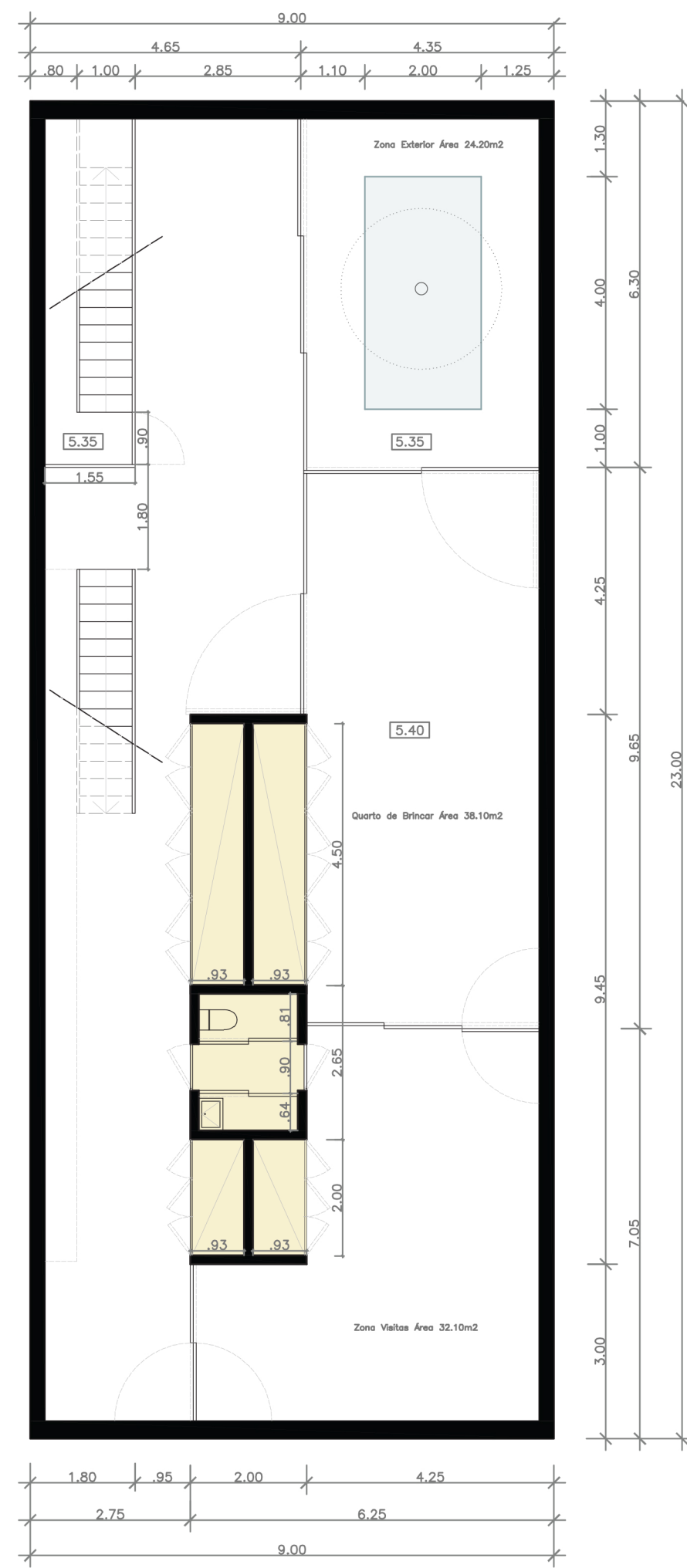




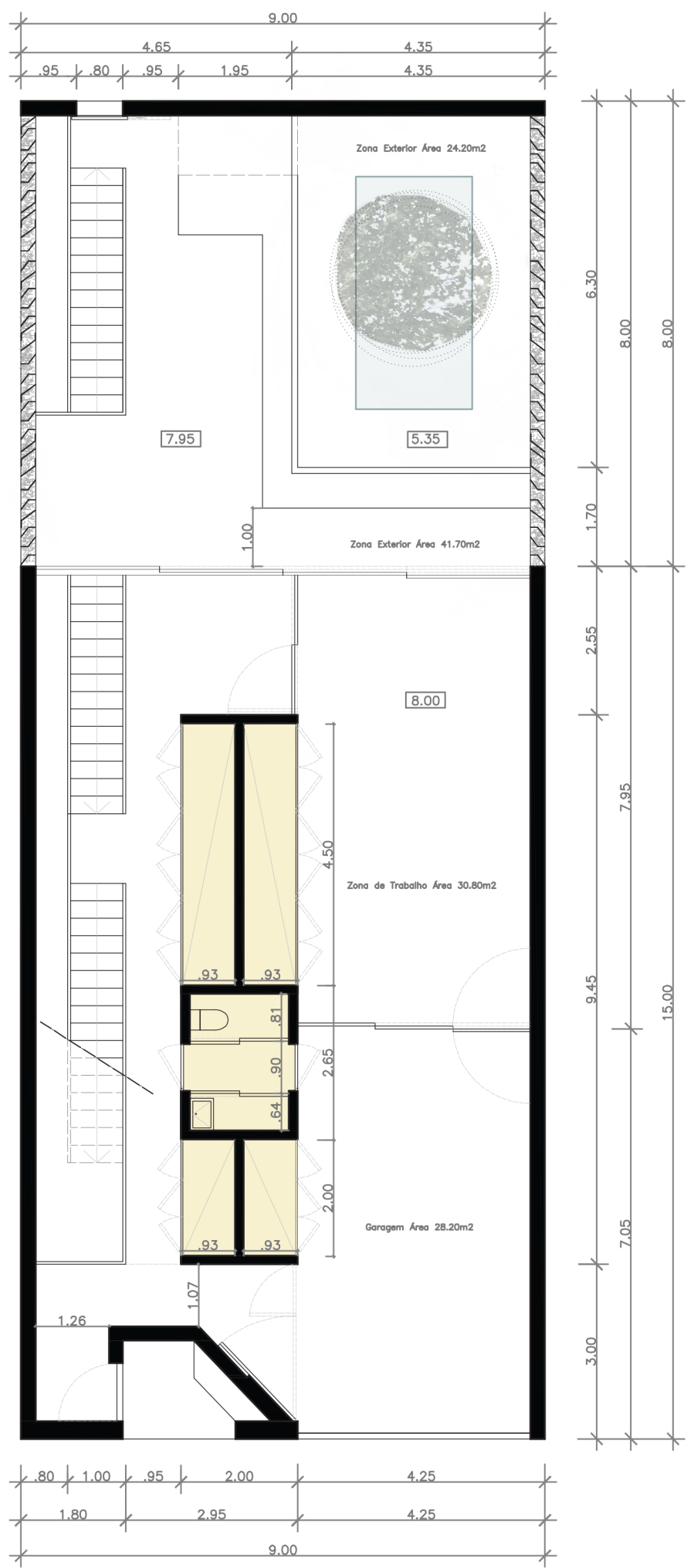




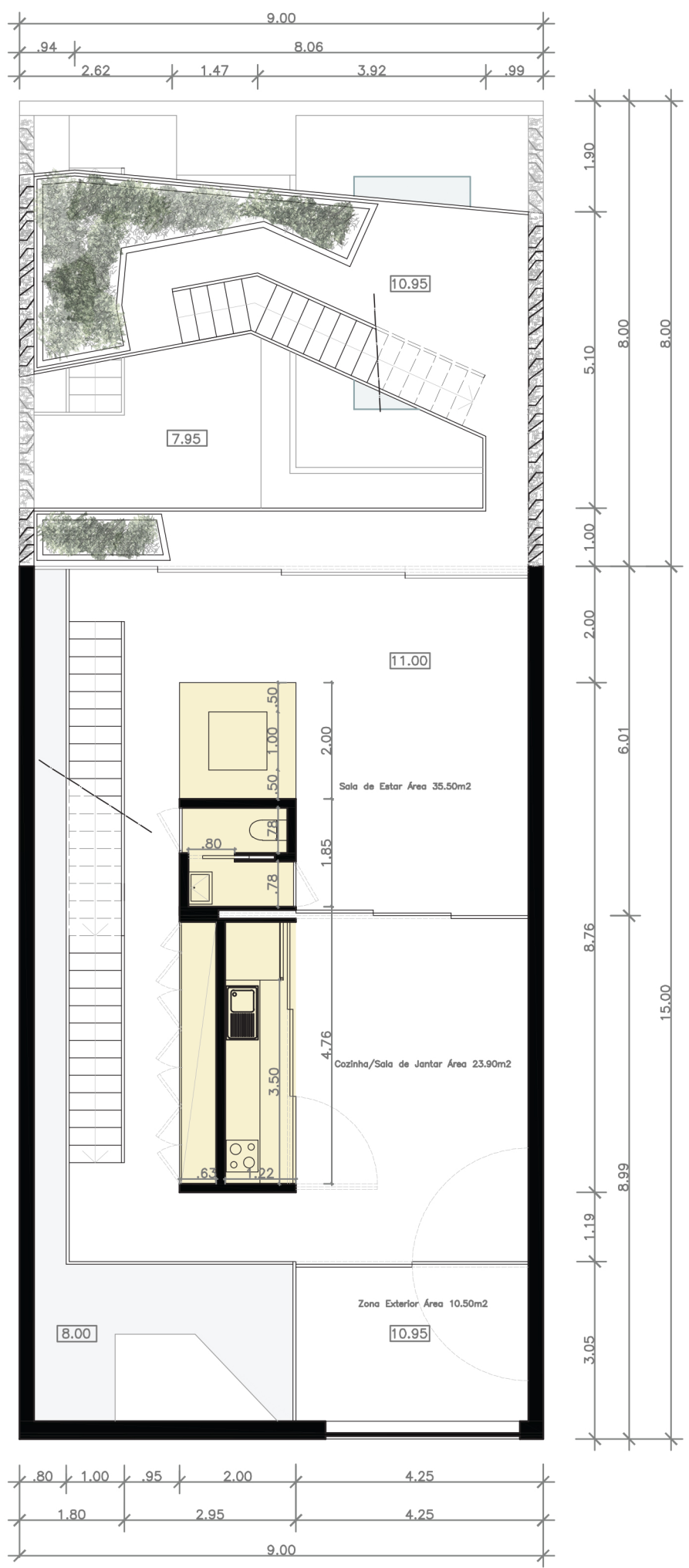




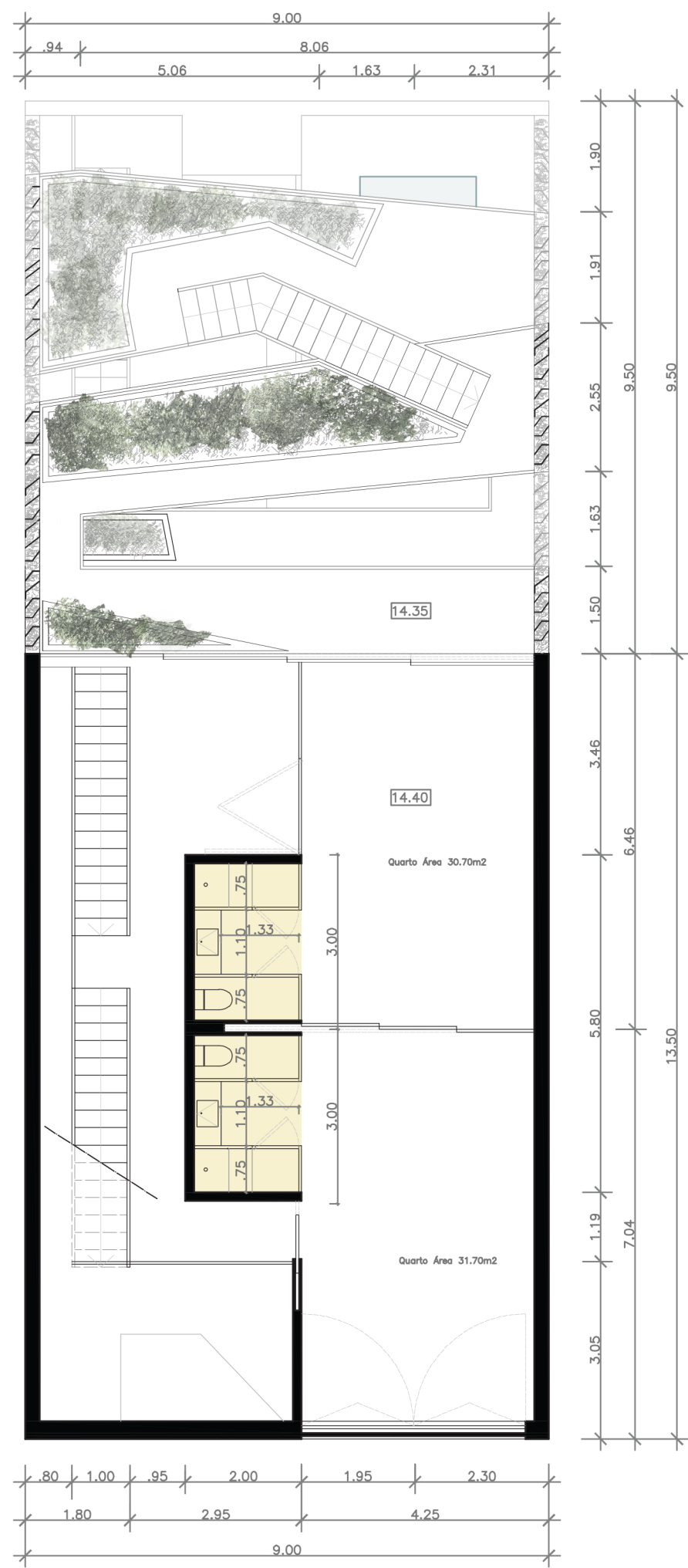
01 Planta da Cave
Escala 1:100



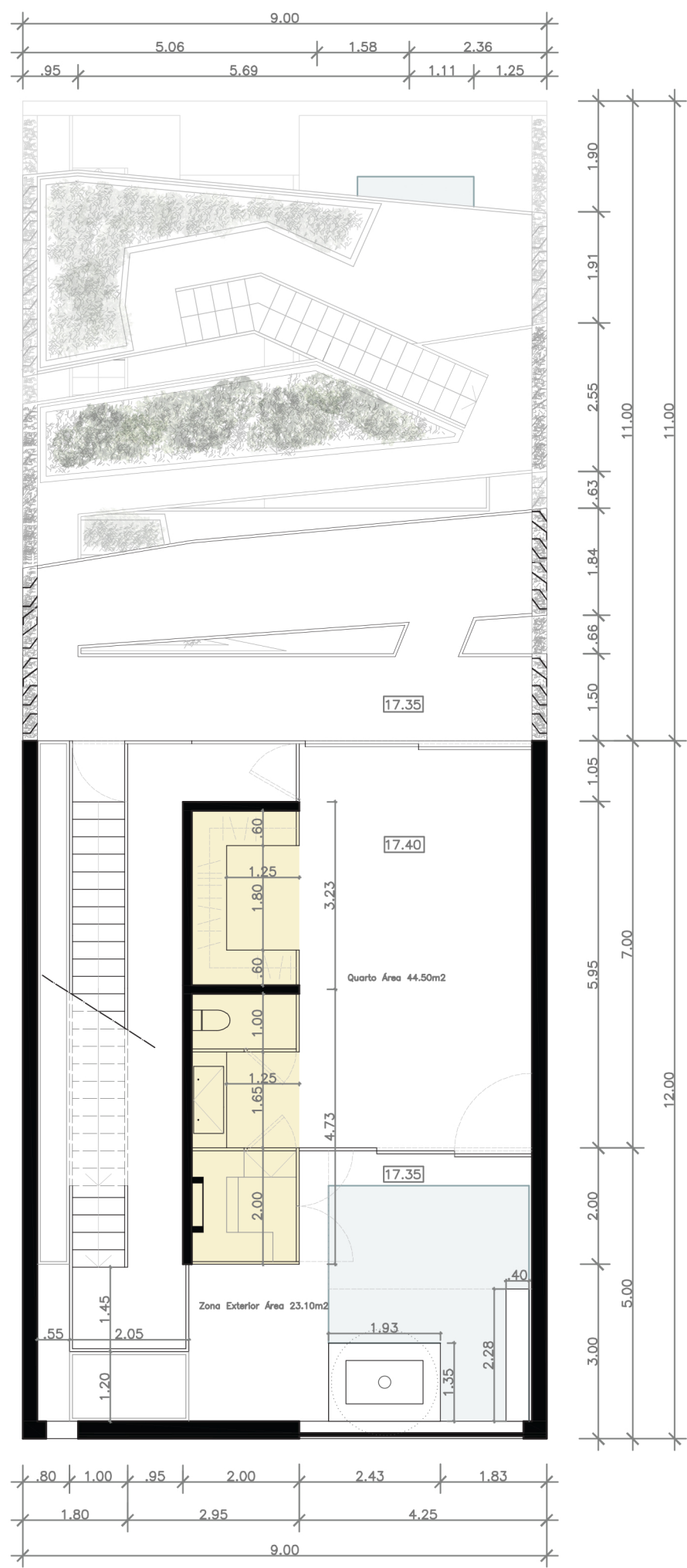
02 Planta do Piso 0
Escala 1:100



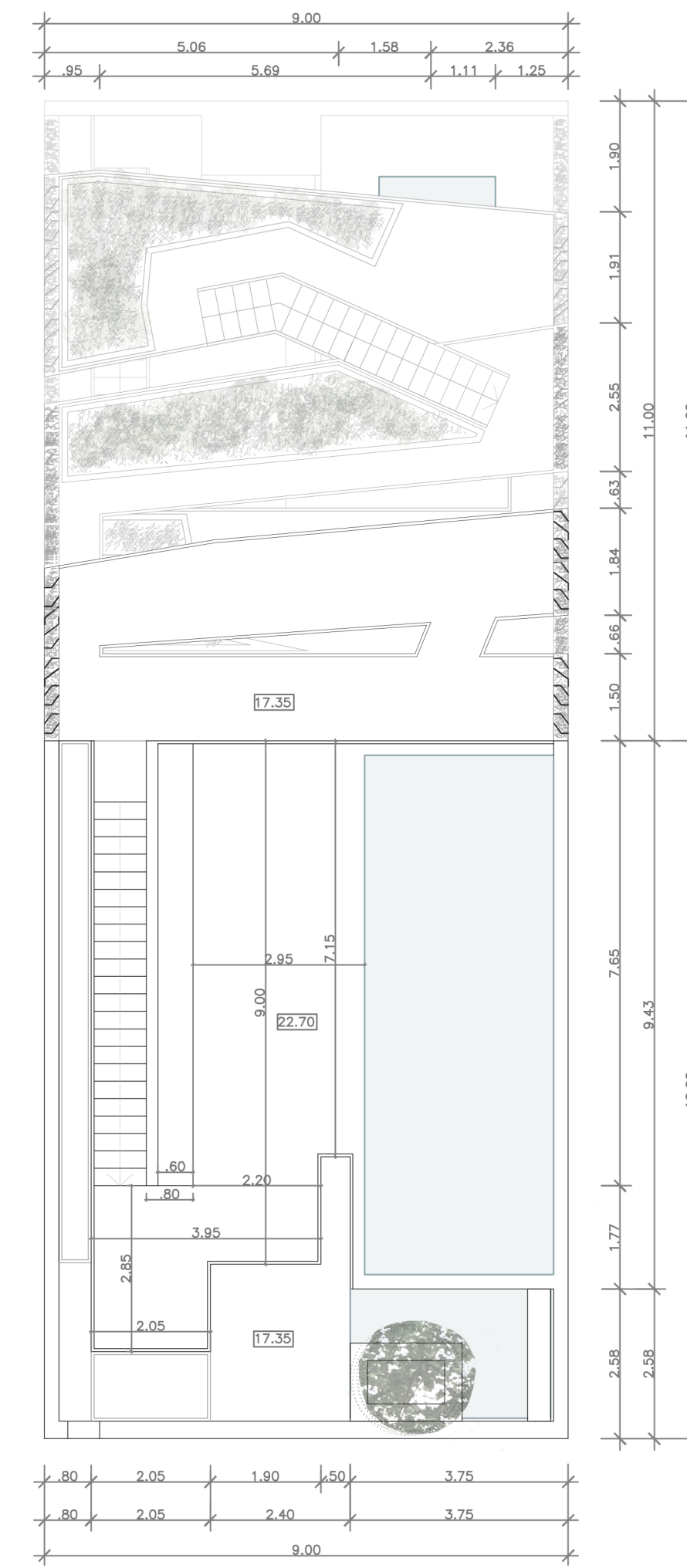
03 Planta do Piso 1
Escala 1:100



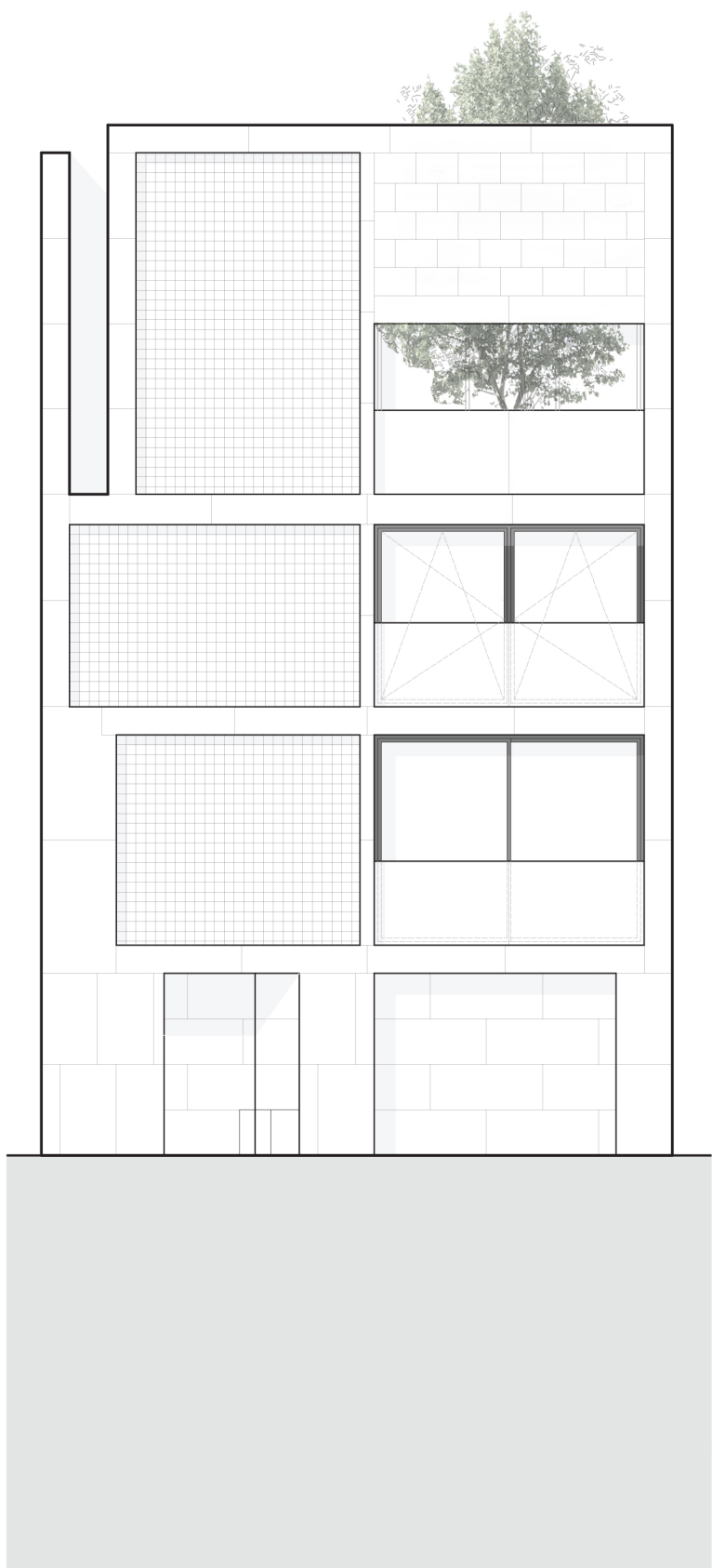
04 Planta do Piso 2
Escala 1:100



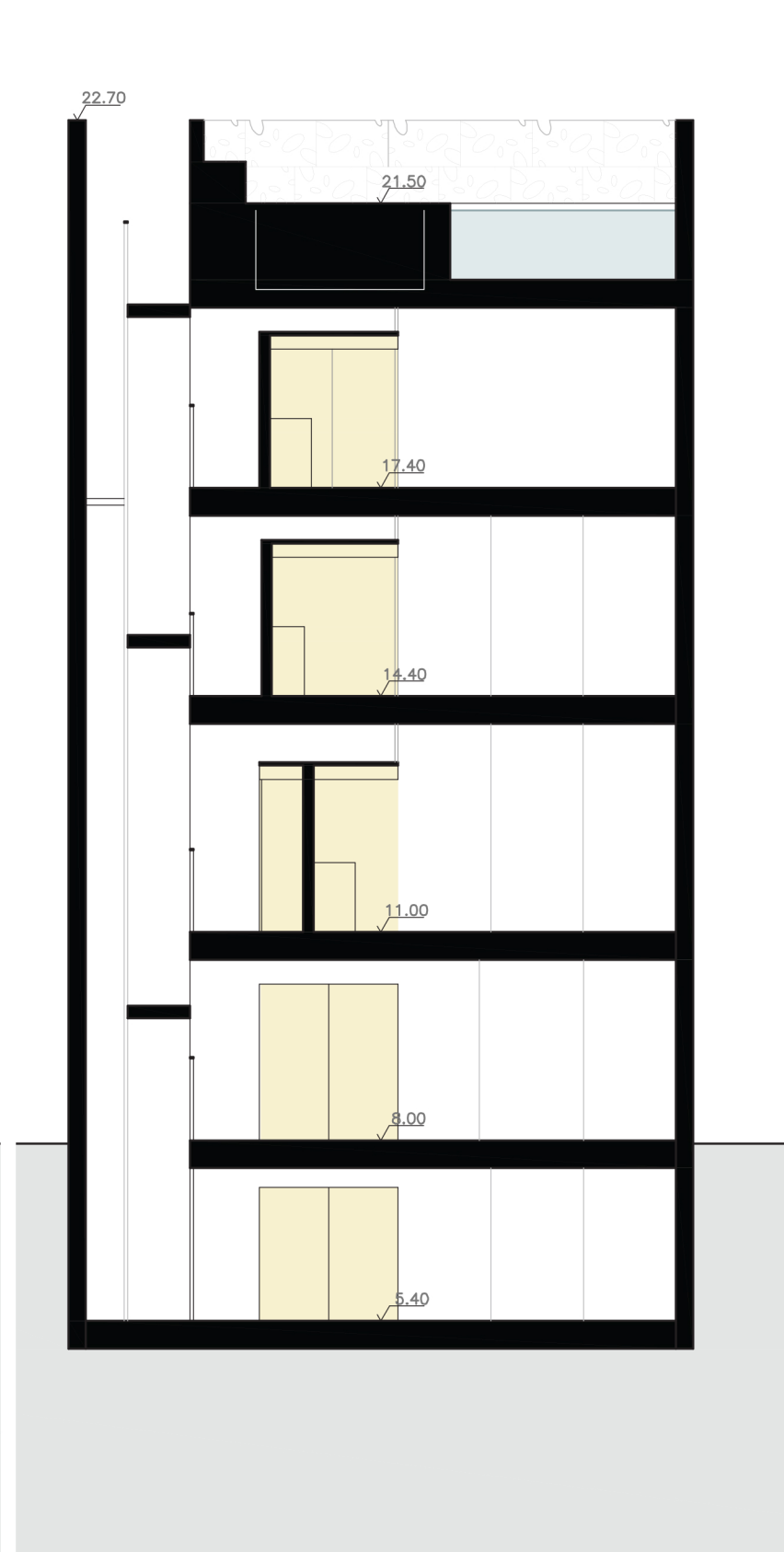
05 Planta do Piso 3
Escala 1:100



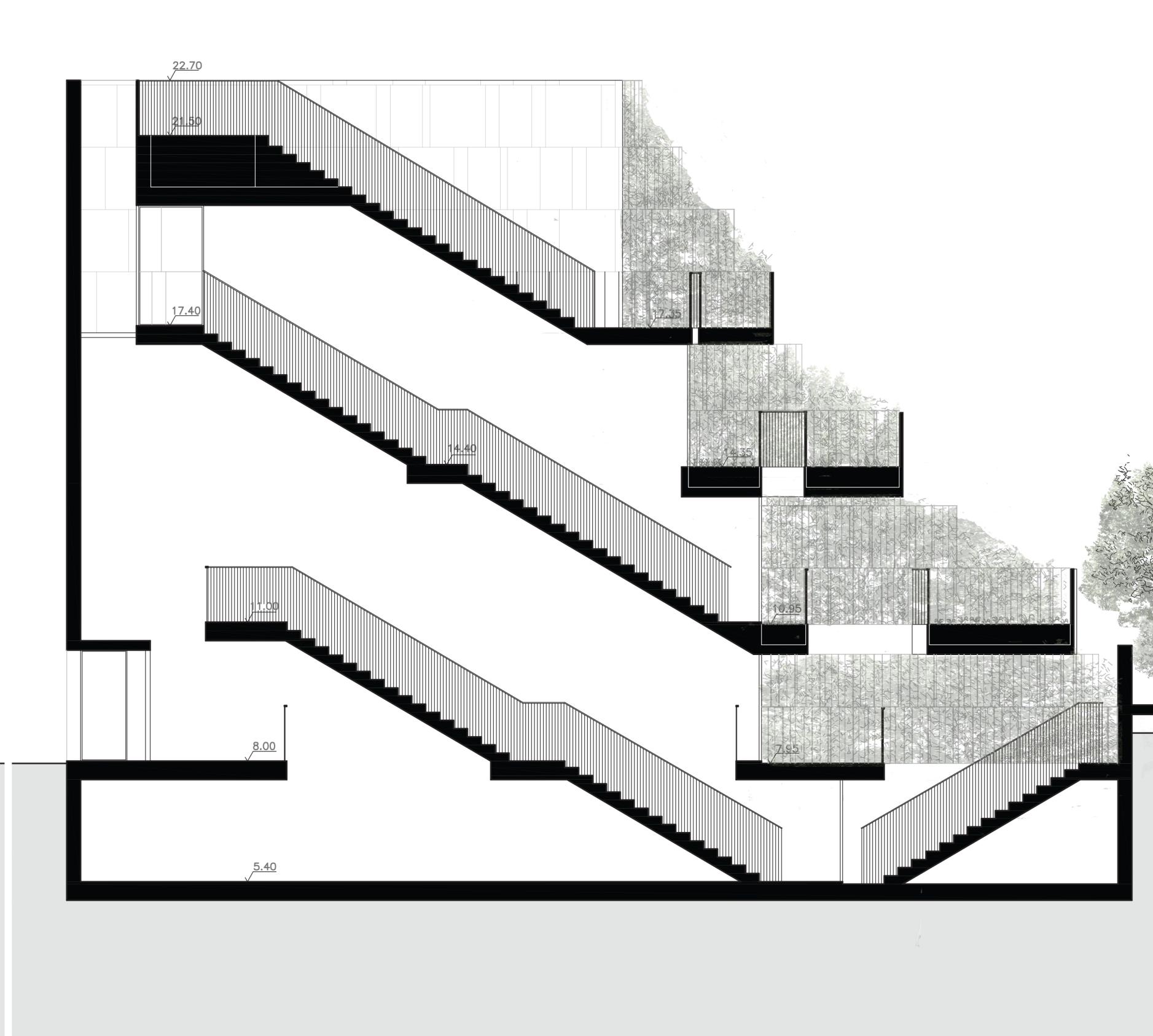
06 Planta de Cobertura
Escala 1:100



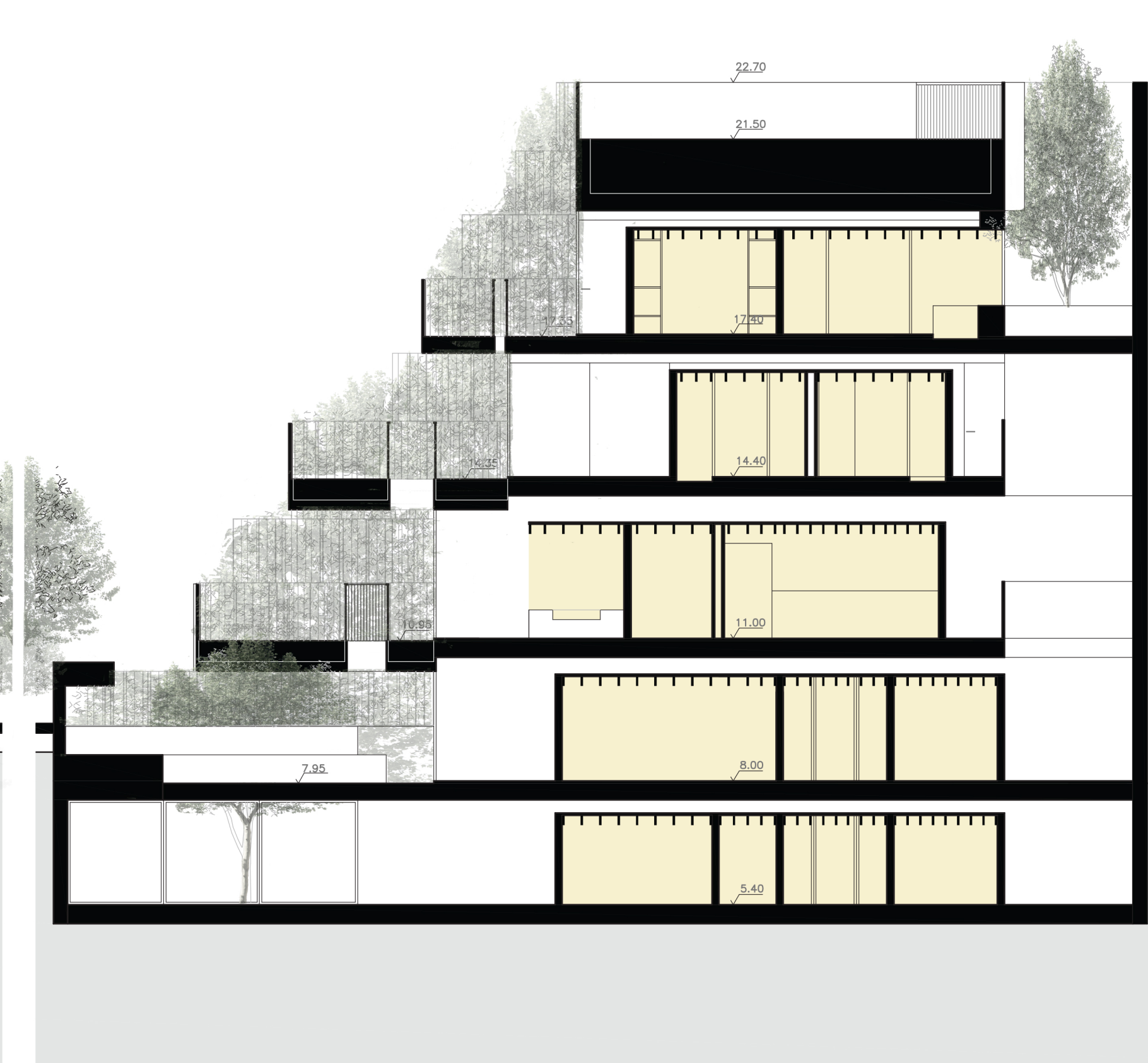
07 Alçado Rua
Escala 1:100



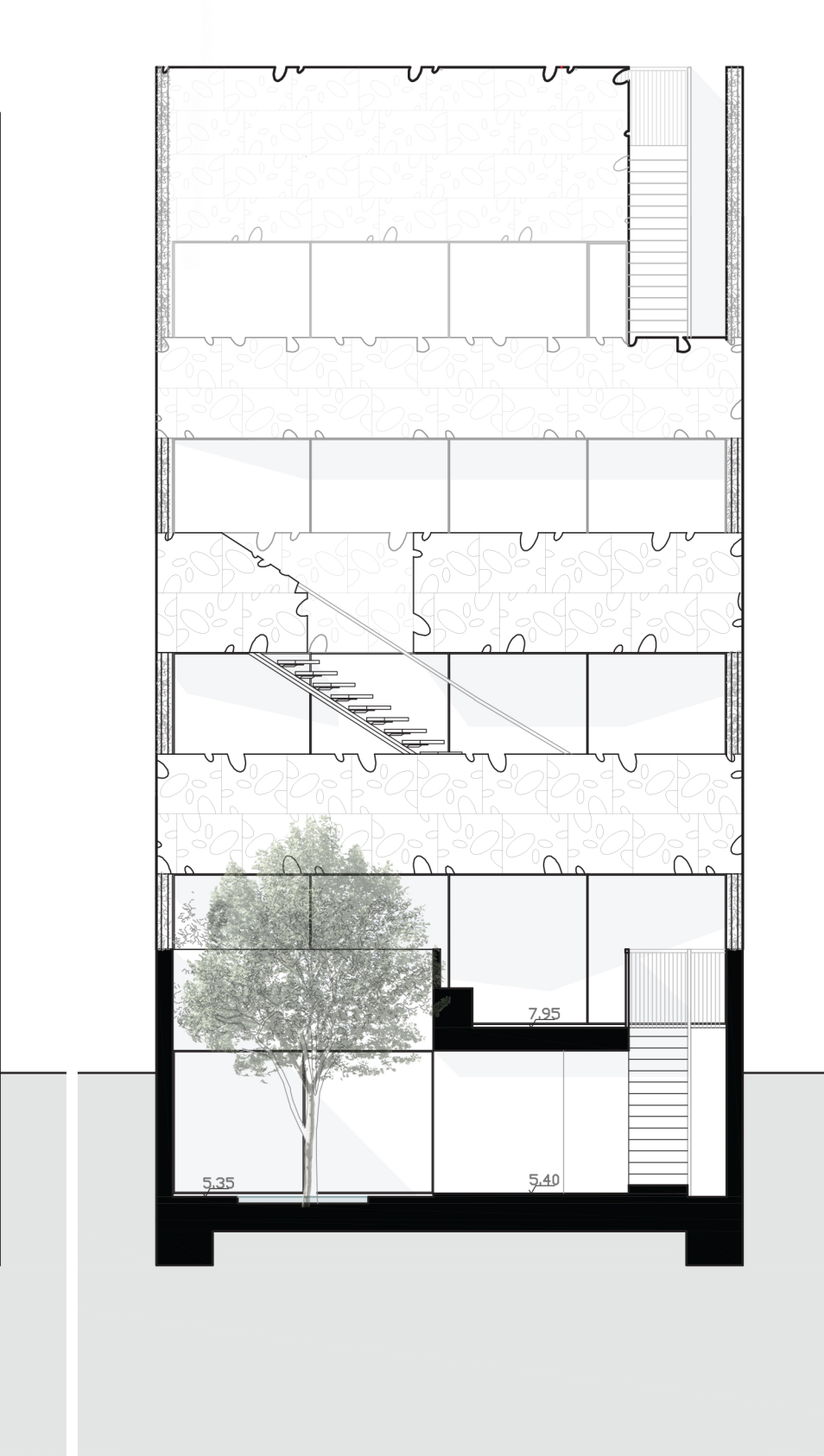
08 Corte Transversal pelo Motor
Escala 1:100



09 Corte Longitudinal pelas Escadas
Escala 1:100



10 Corte Longitudinal pelo Motor
Escala 1:100



11 Alçado Parque
Escala 1:100





01 Localização dos Edifícios abaixo na cidade de Lisboa
Escala 1:2500/ Pesquisa Tipológica

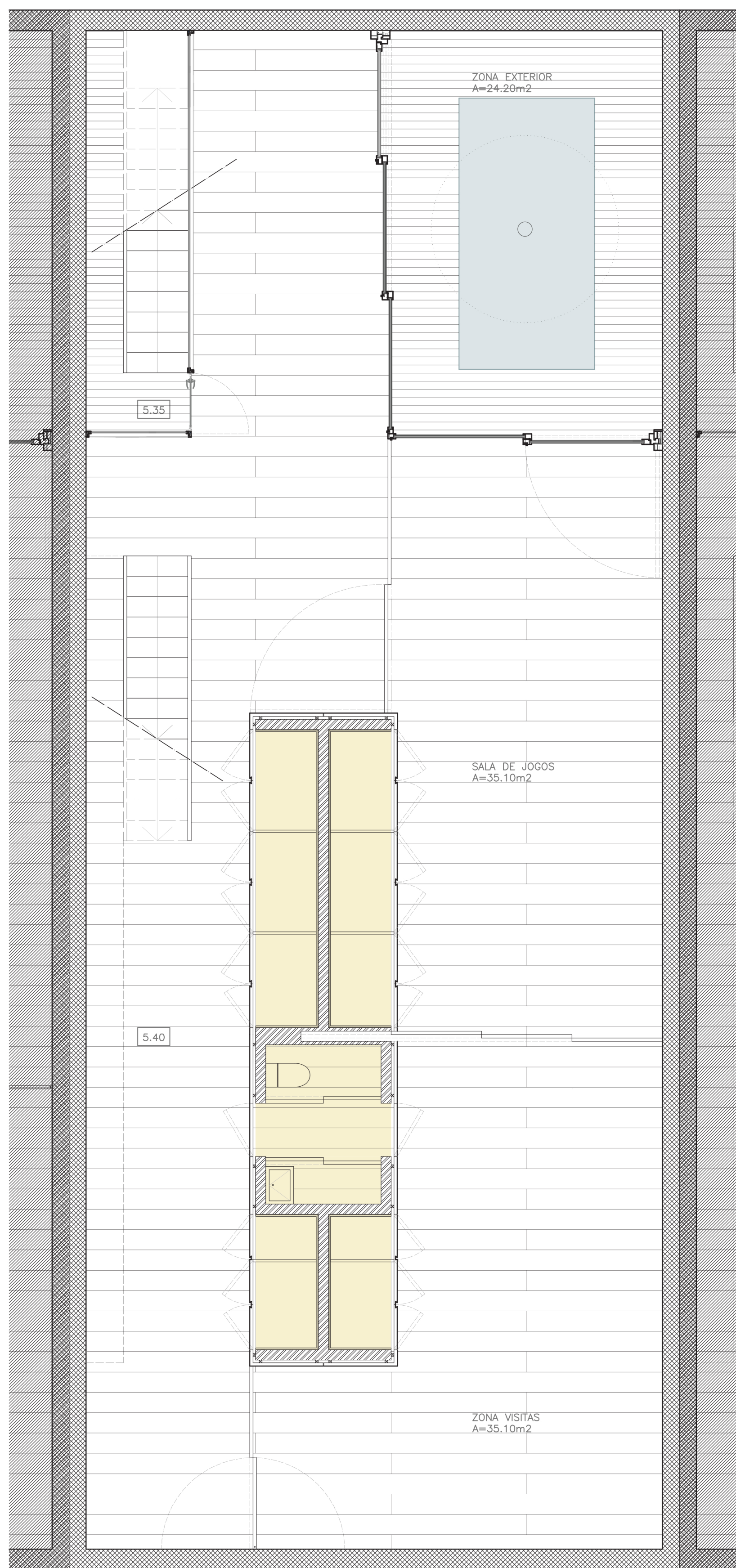


02 Edifício Rua da Boavista nº 142
Escala 1:100/ Pesquisa Tipológica

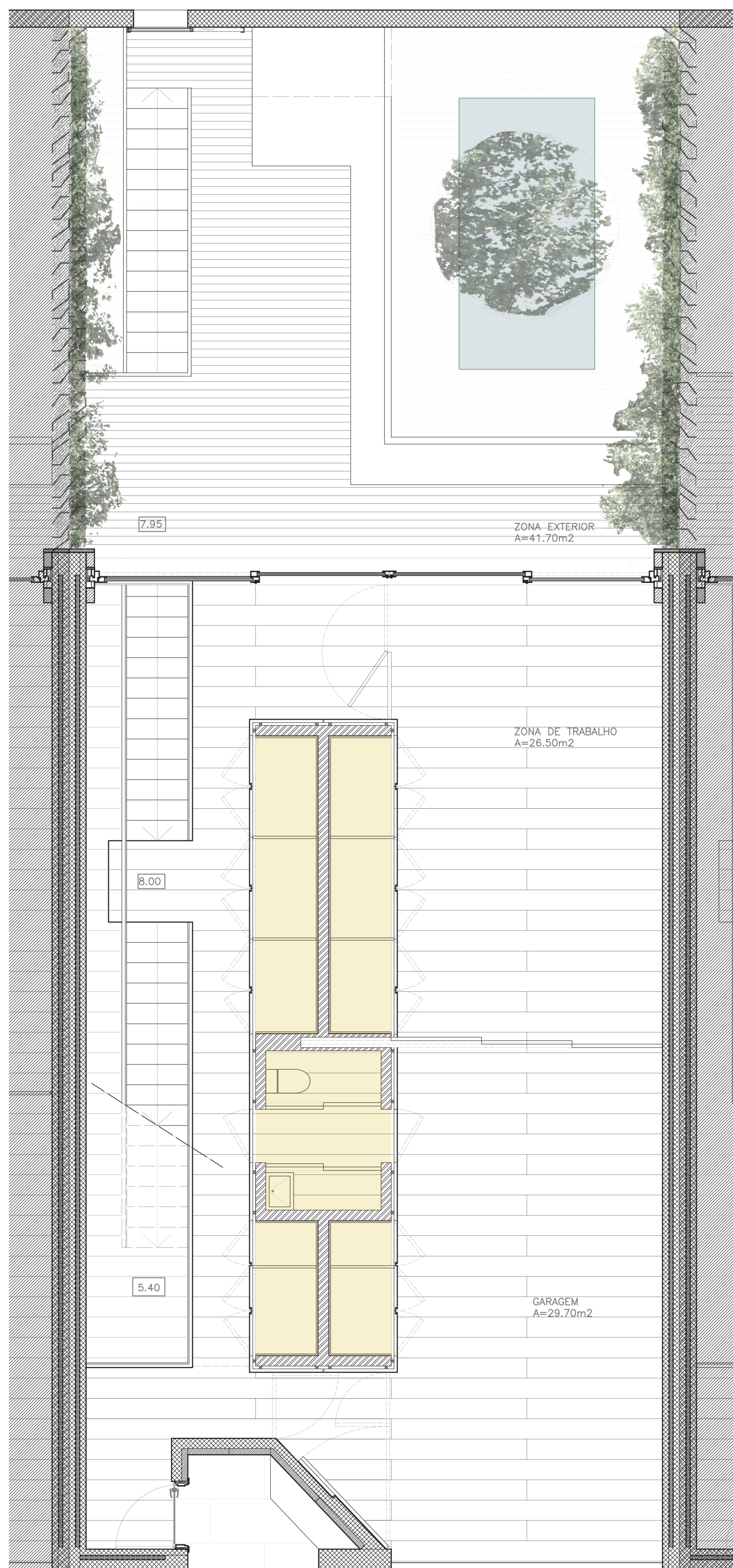
03 Bairro Alto Hotel
Escala 1:100/ Pesquisa Tipológica

04 Edifício Hermes
Escala 1:100/ Pesquisa Tipológica

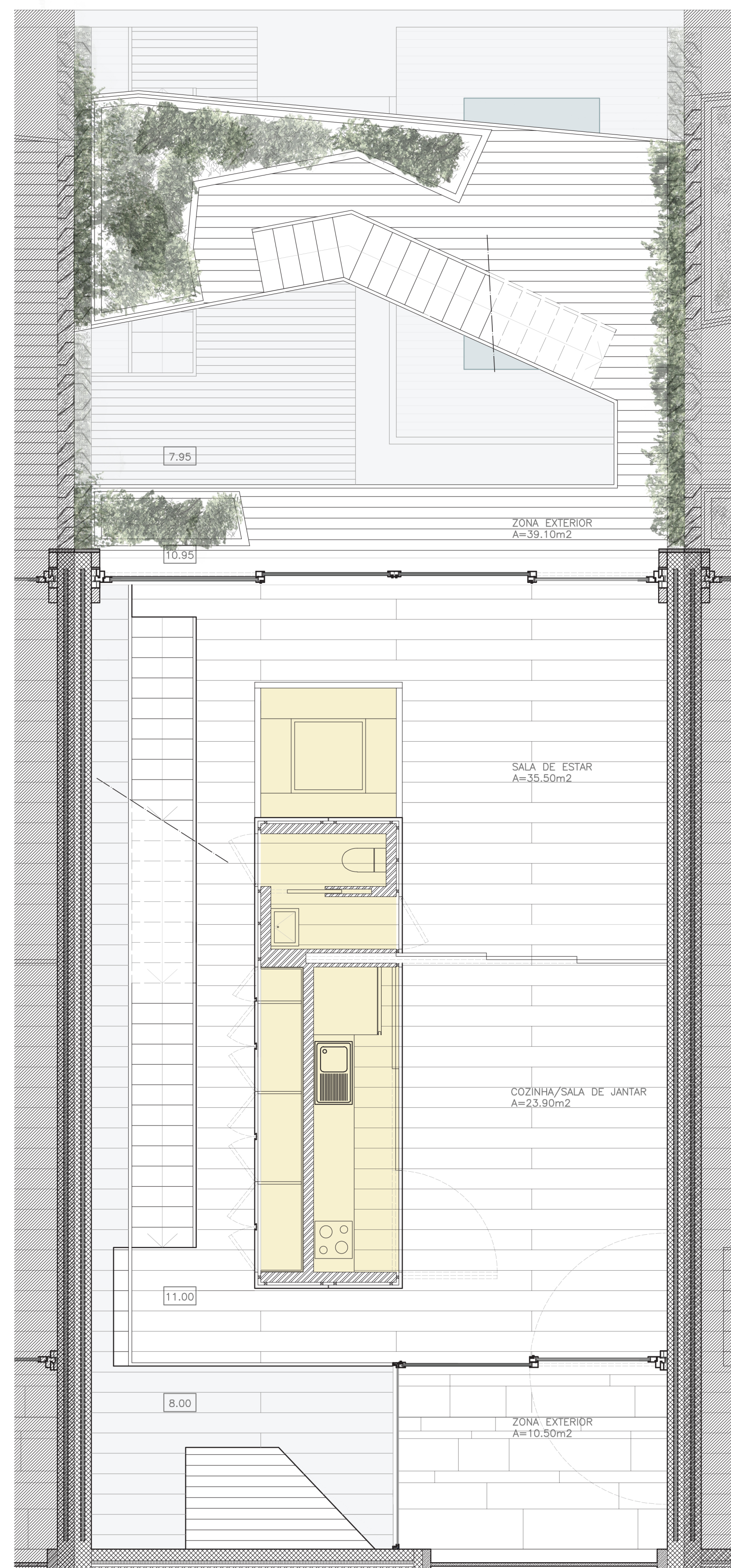
05 Quarteirão Império
Escala 1:100/ Pesquisa Tipológica



01 Planta da Cave
Escala 1:50

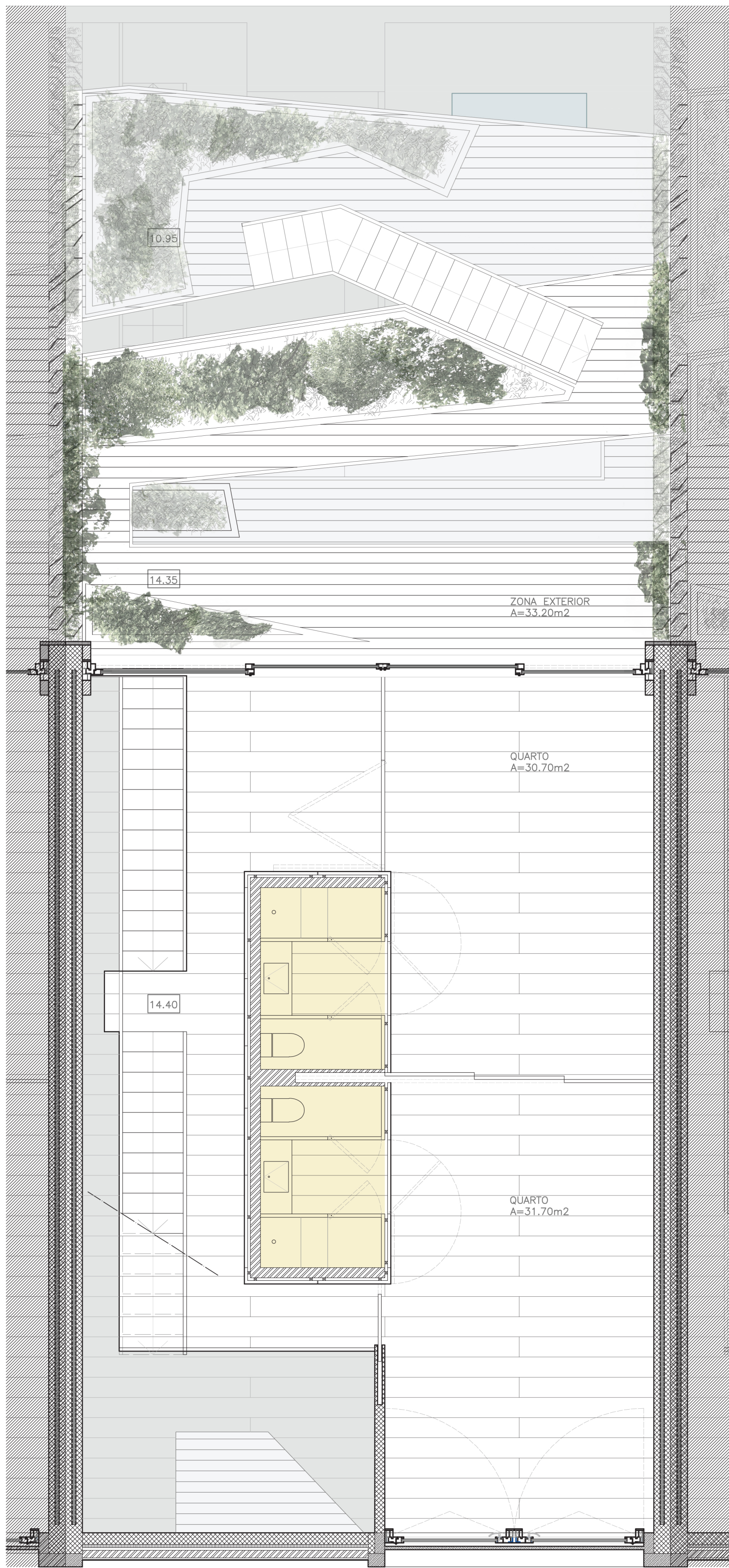


02 Planta do Piso 0
Escala 1:50

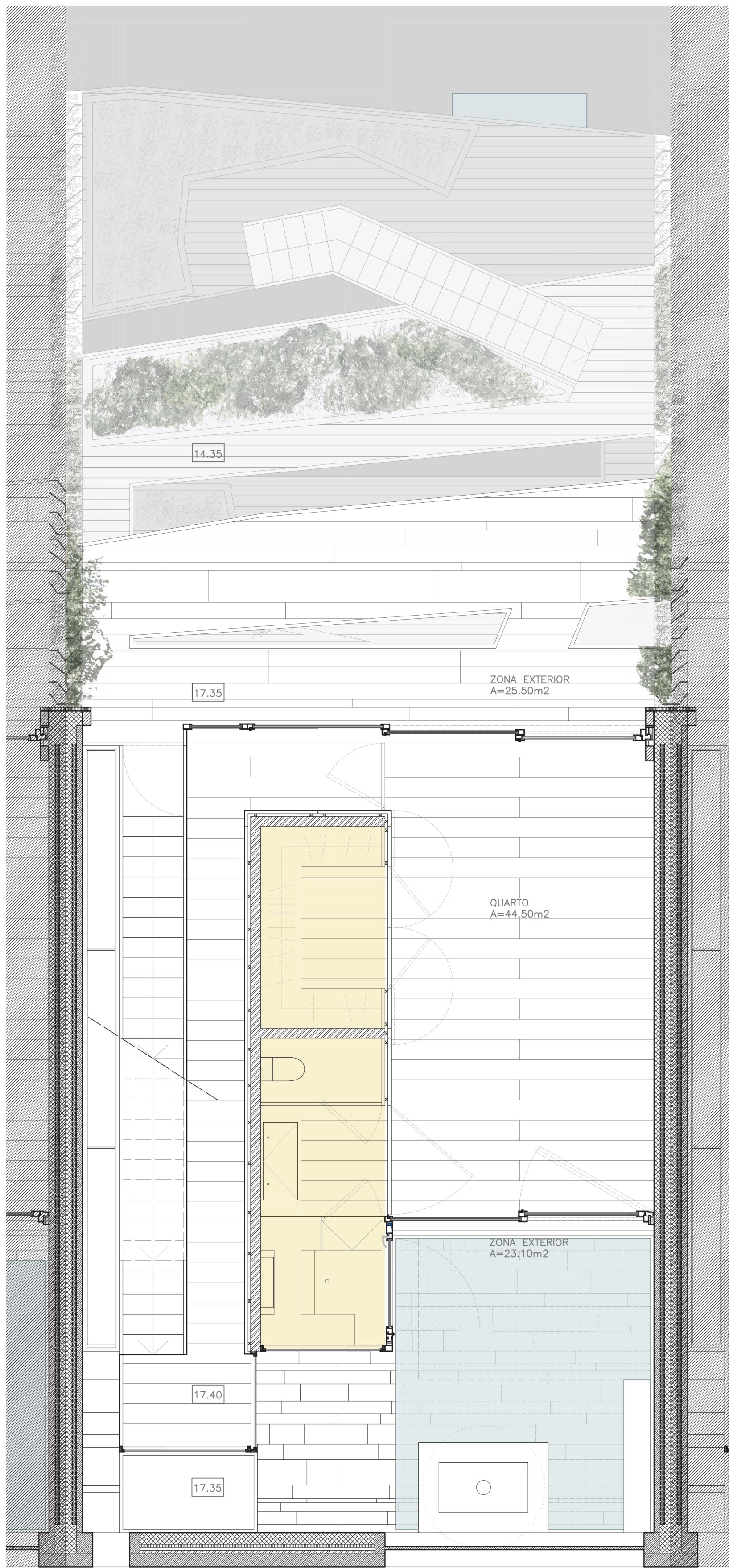


03 Planta do Piso 1
Escala 1:50

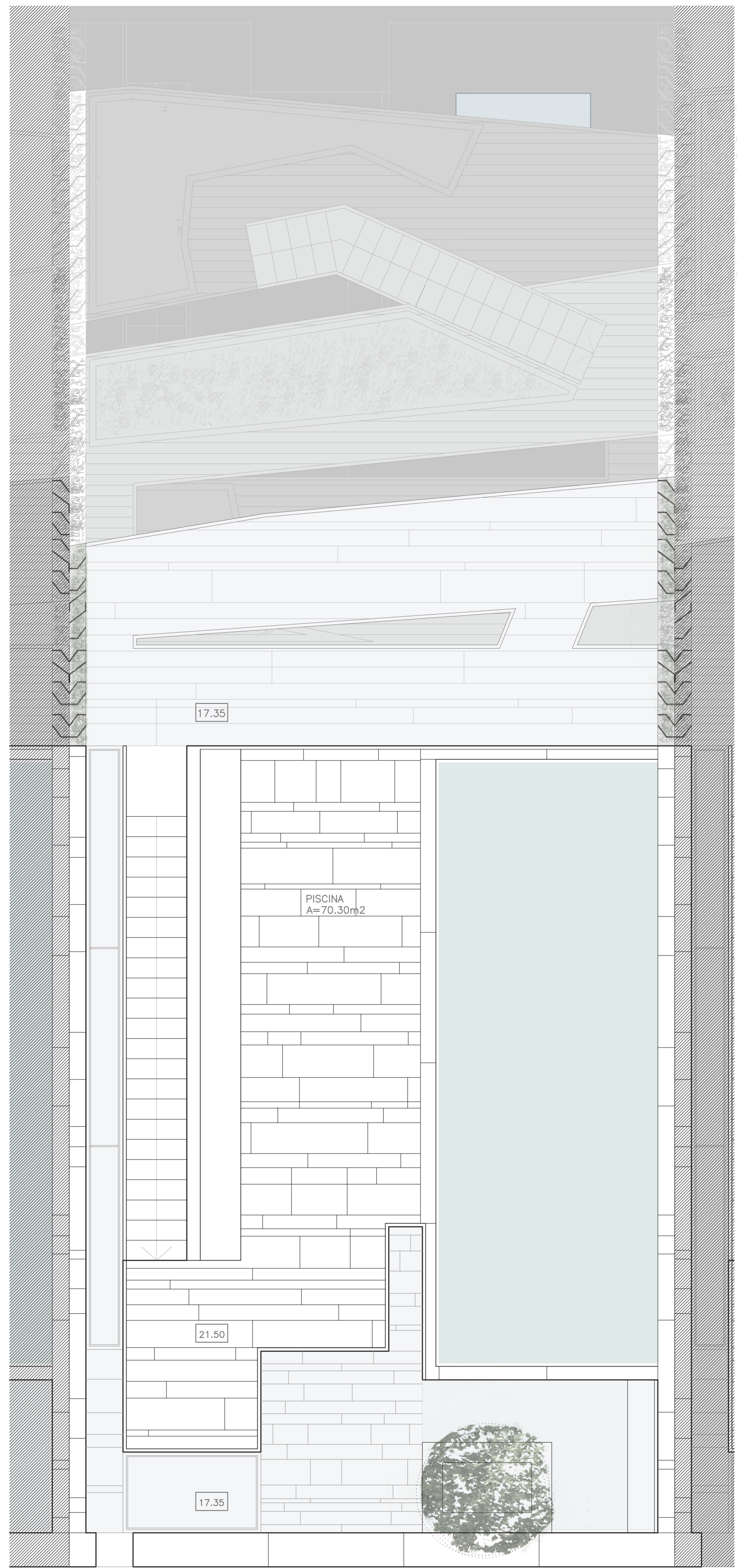




04 Planta do Piso 2
Escala 1:50

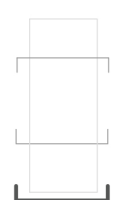
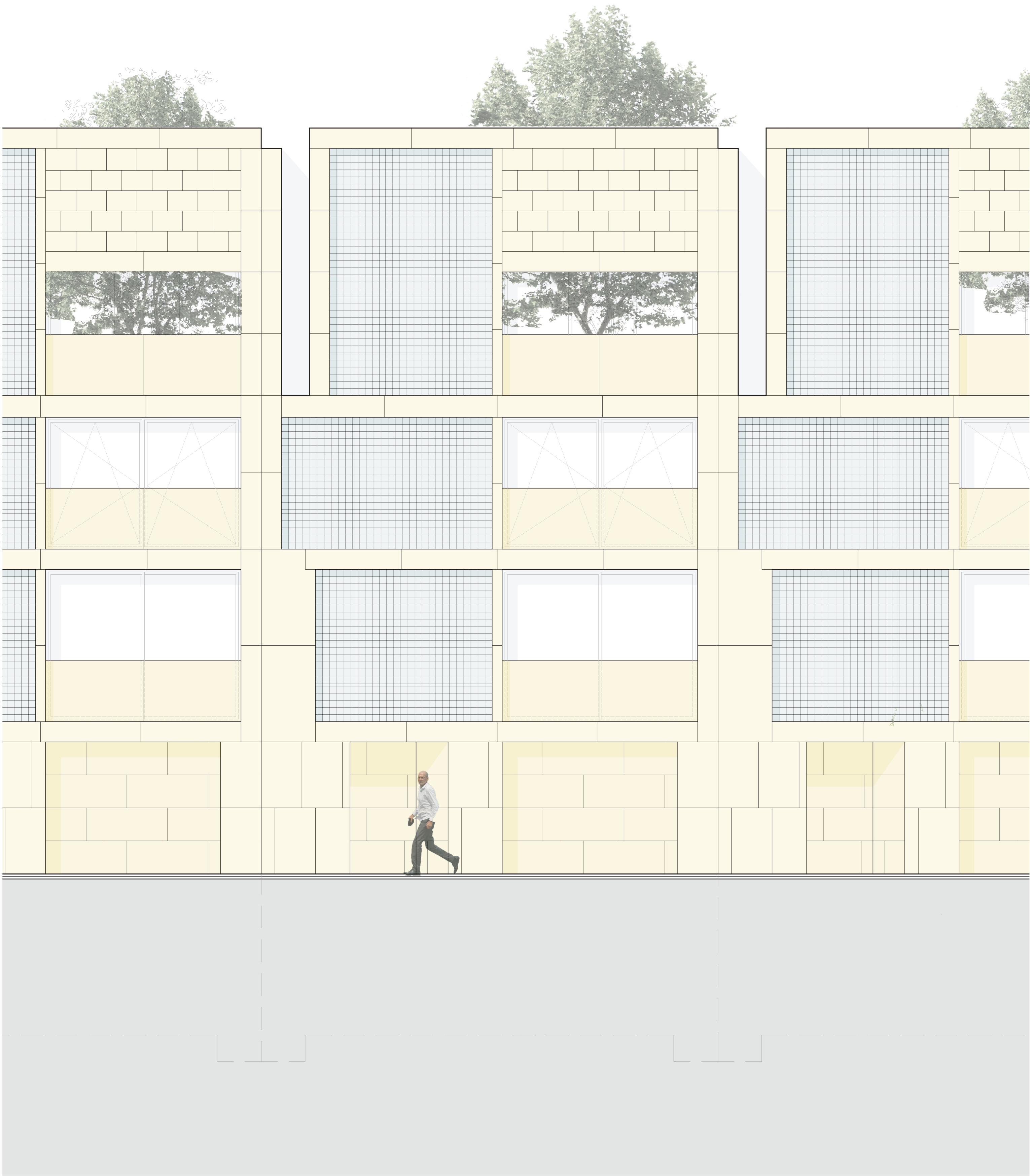


05 Planta do Piso 3
Escala 1:50

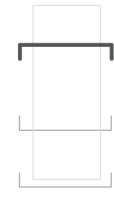
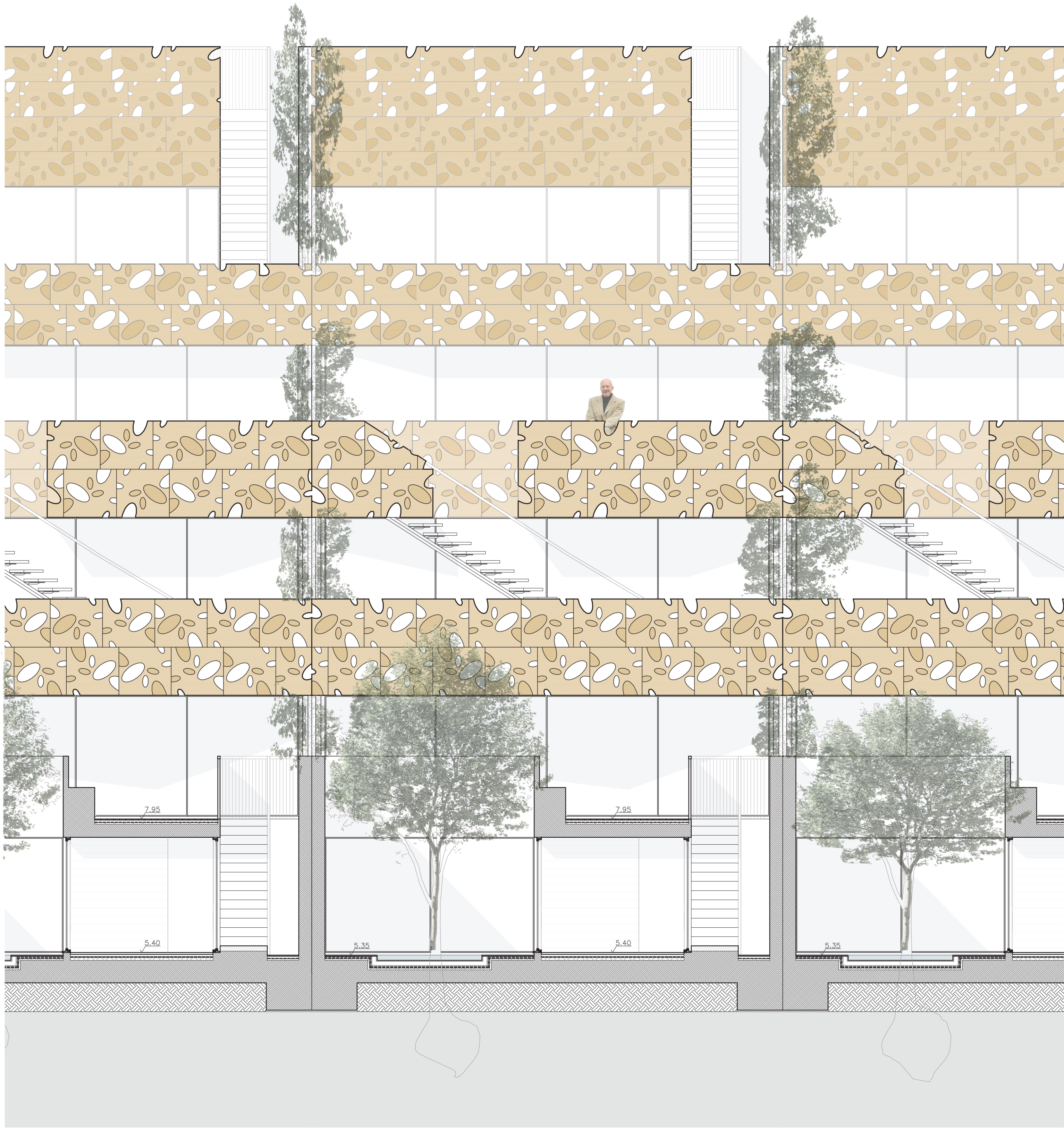


06 Planta de Cobertura
Escala 1:50

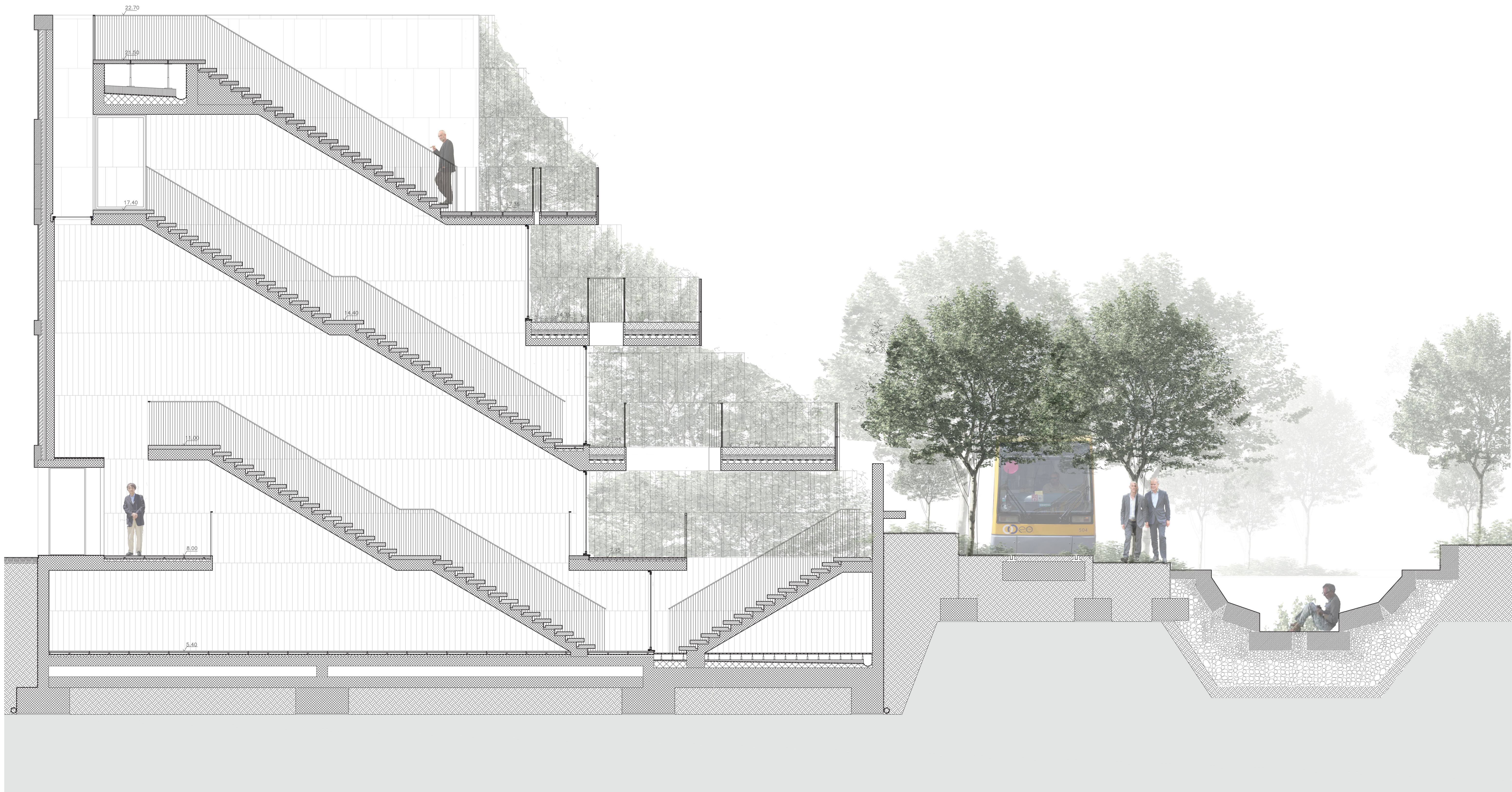




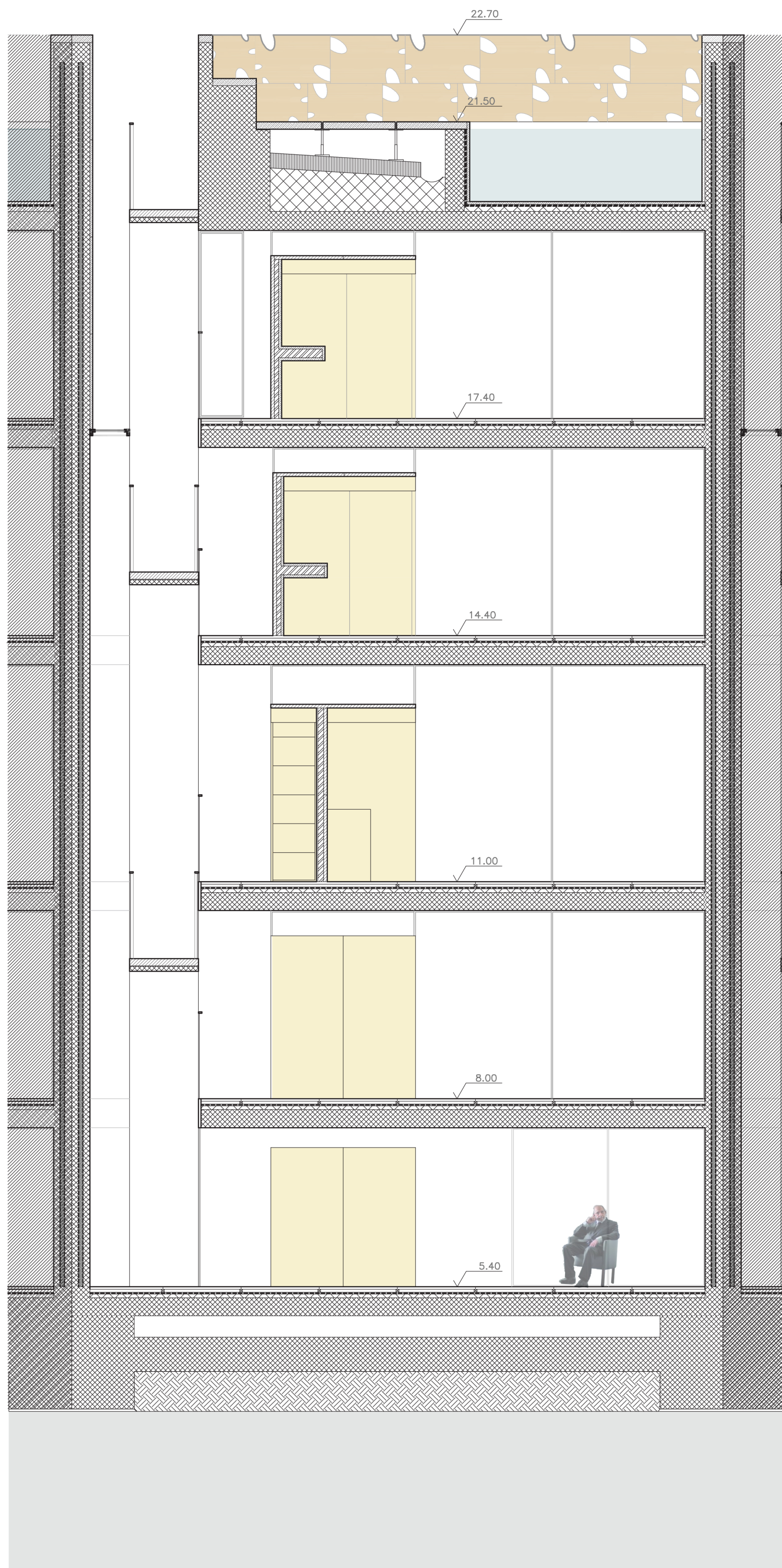
01 Alçado Rua Artur Lamas
Escala 1:50



02 Alçado Parque
Escala 1:50



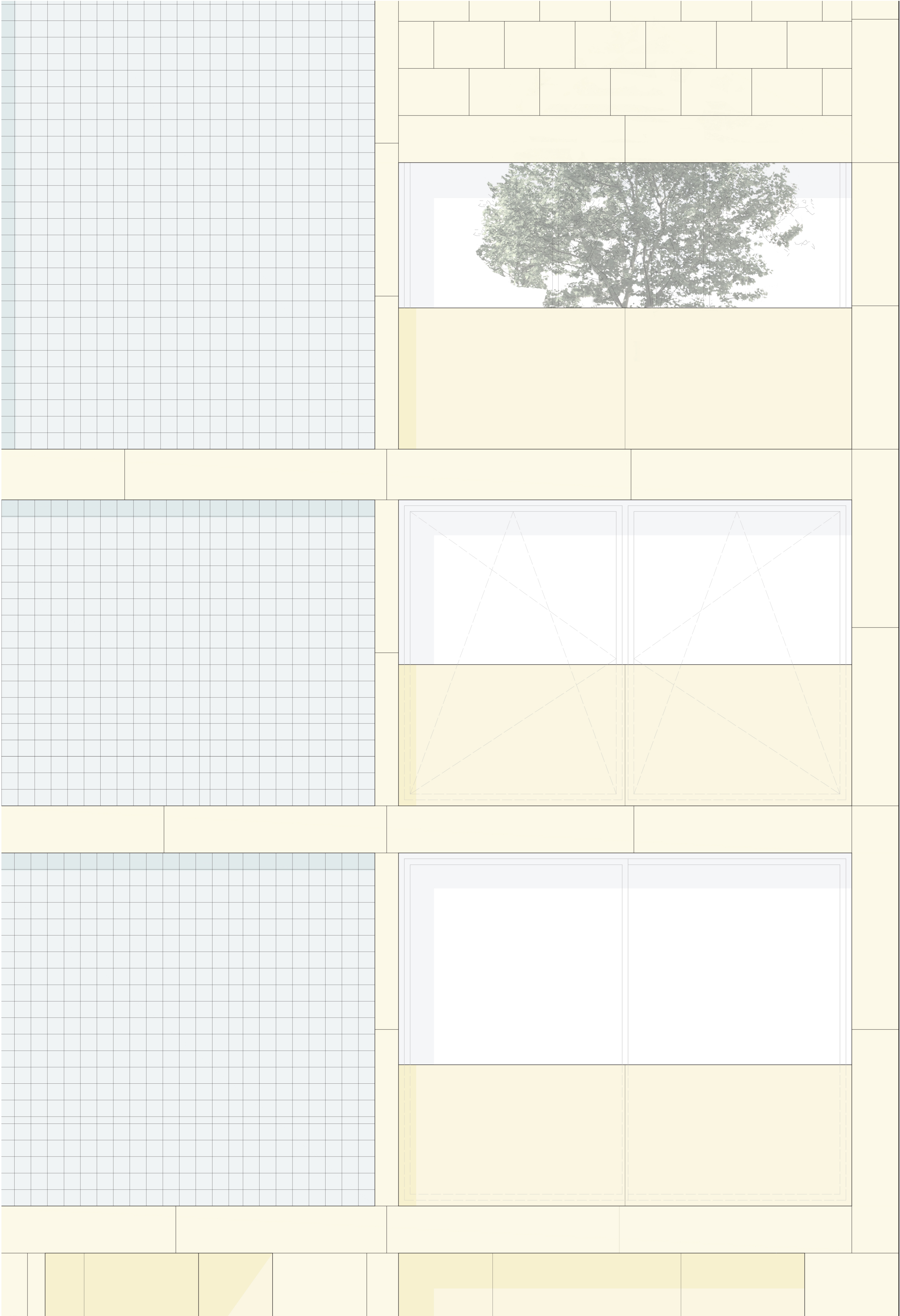
01 Corte Transversal pelas Escadas
Escala 1:50



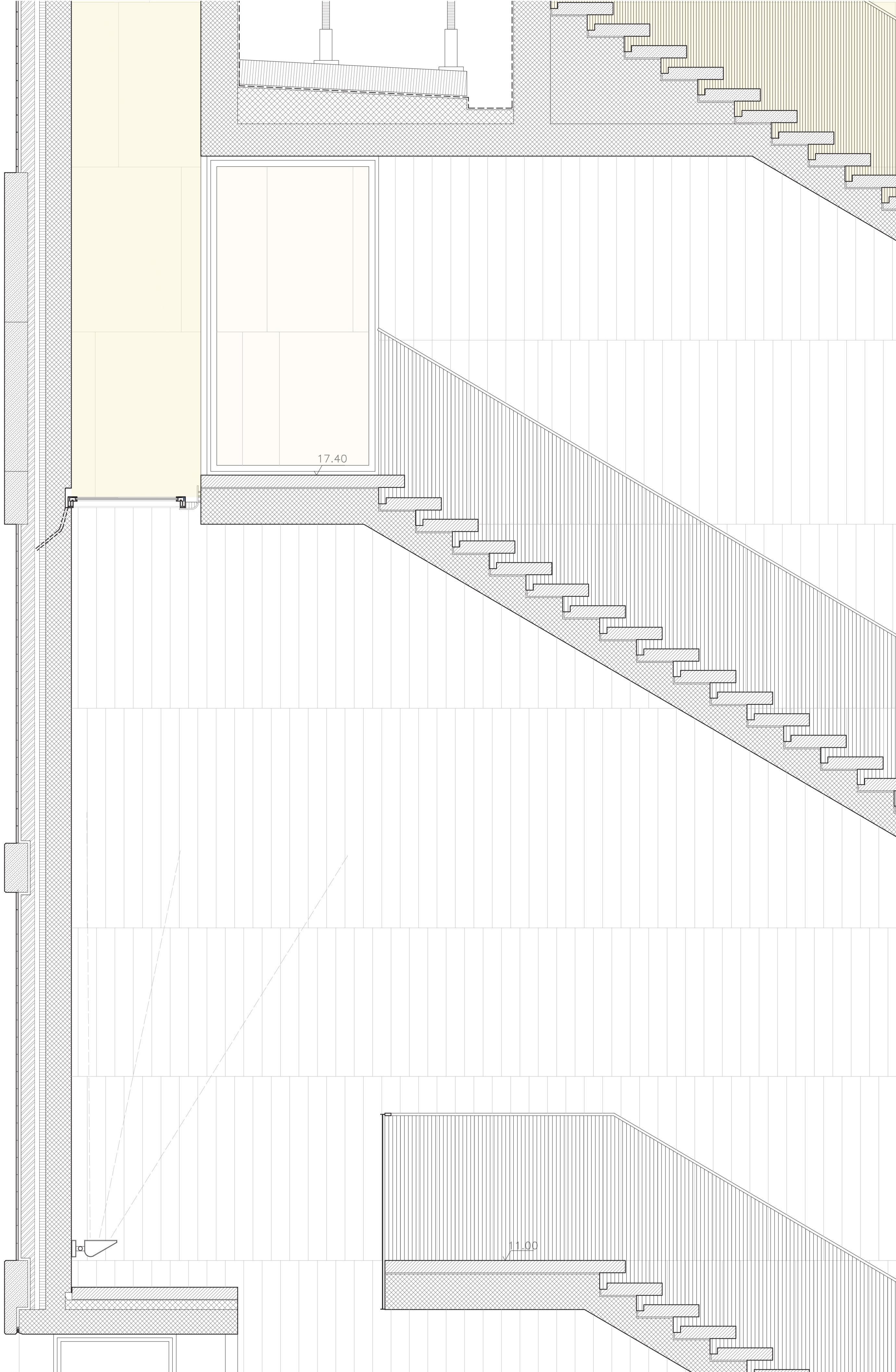
01 Corte Transversal pelo Motor
Escala 1:50



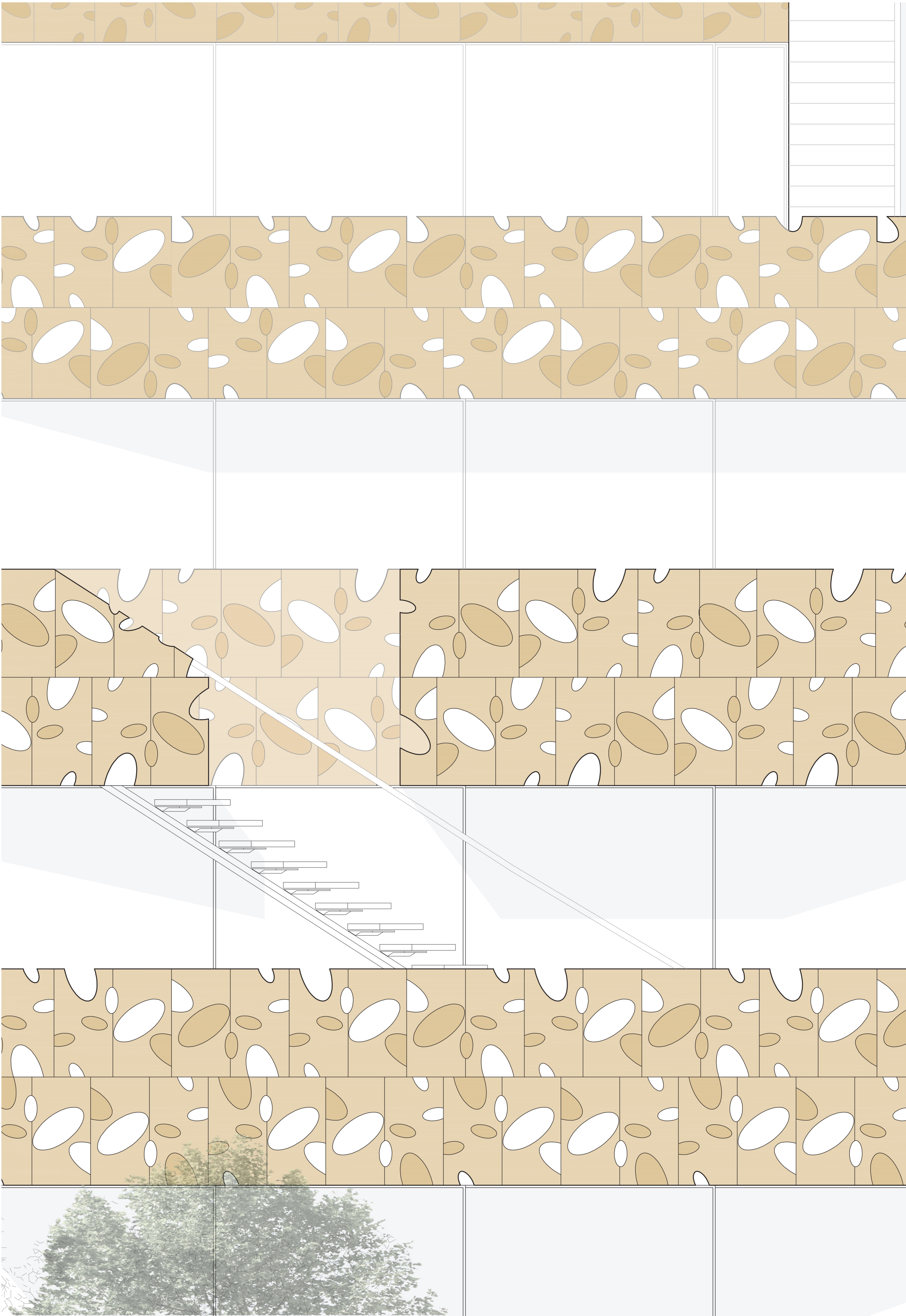
02 Corte Longitudinal pelo Núcleo
Escala 1:50



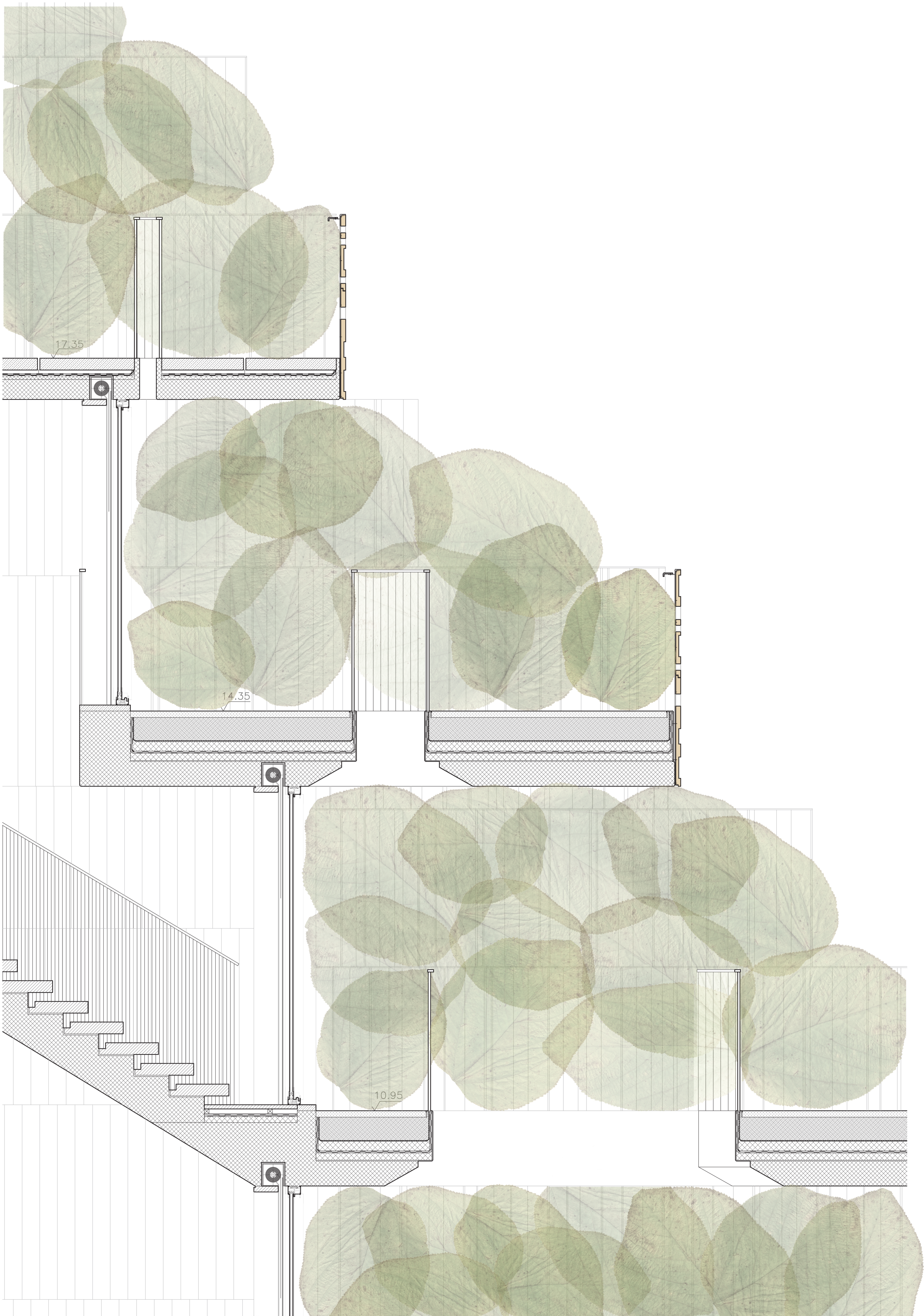
01 Alçado Rua Artur Lamas
Escala 1:20



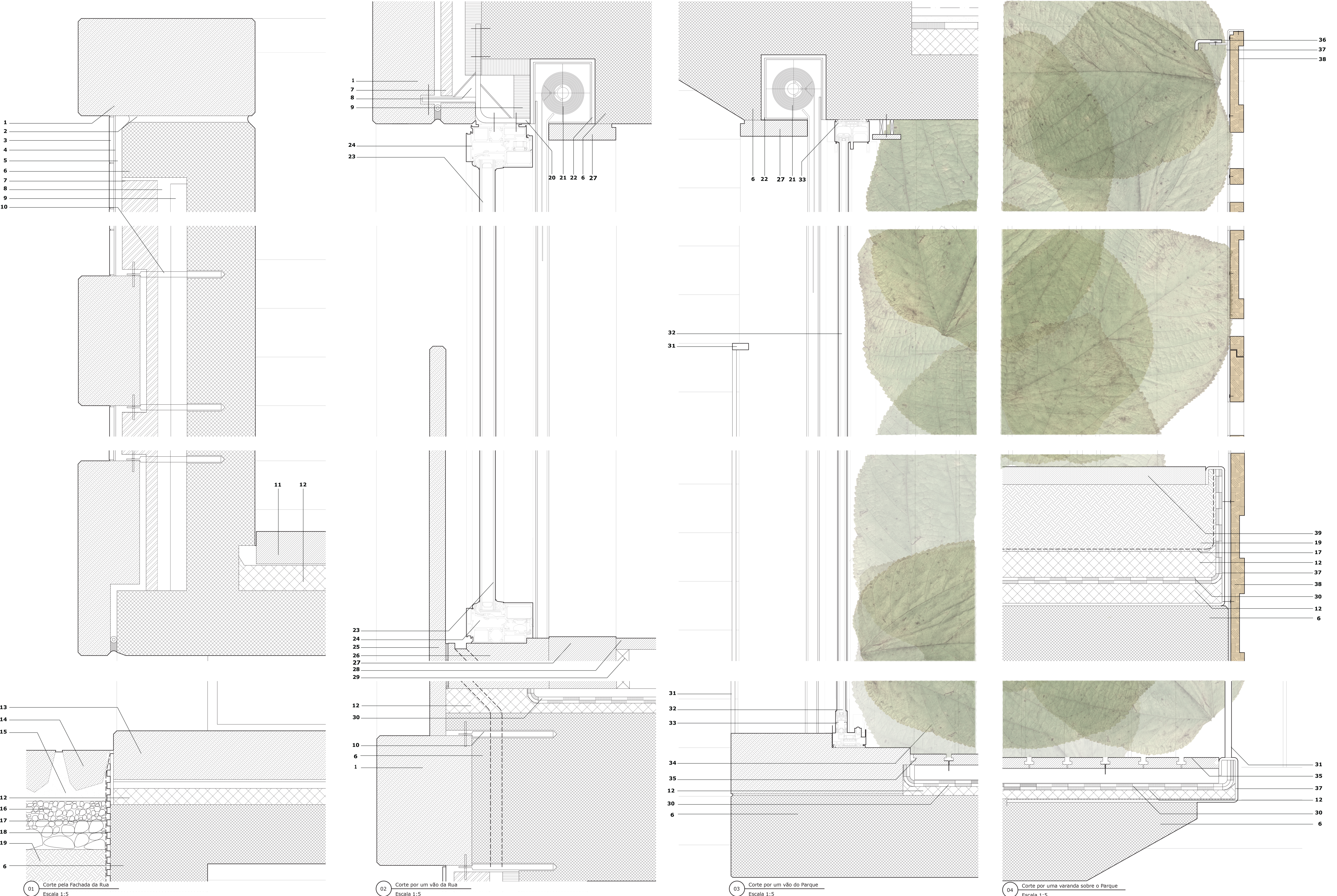
02 Corte pelas escadas da Casa
Escala 1:20



01 Alçado Parque
Escala 1:20



02 Corte pelas varandas da Casa
Escala 1:20



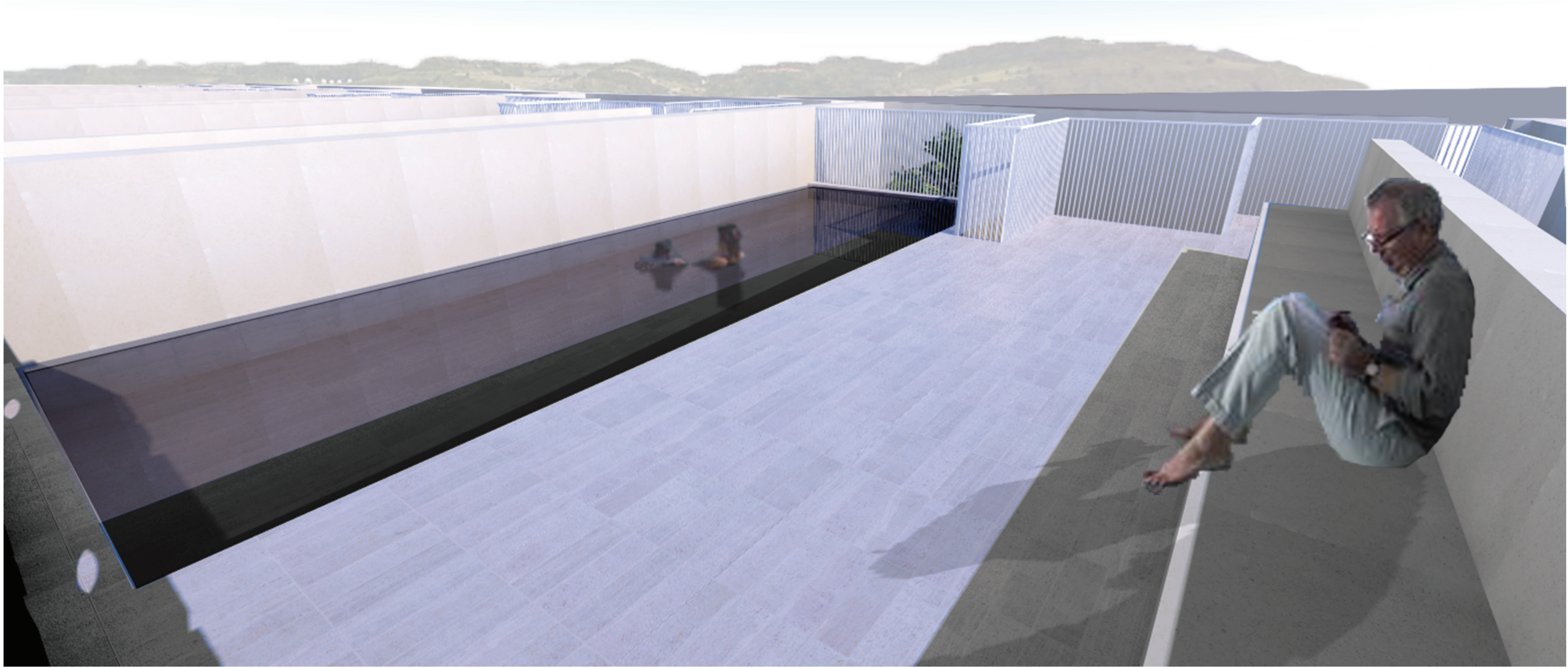


01 Vista da Rua Artur Lamas

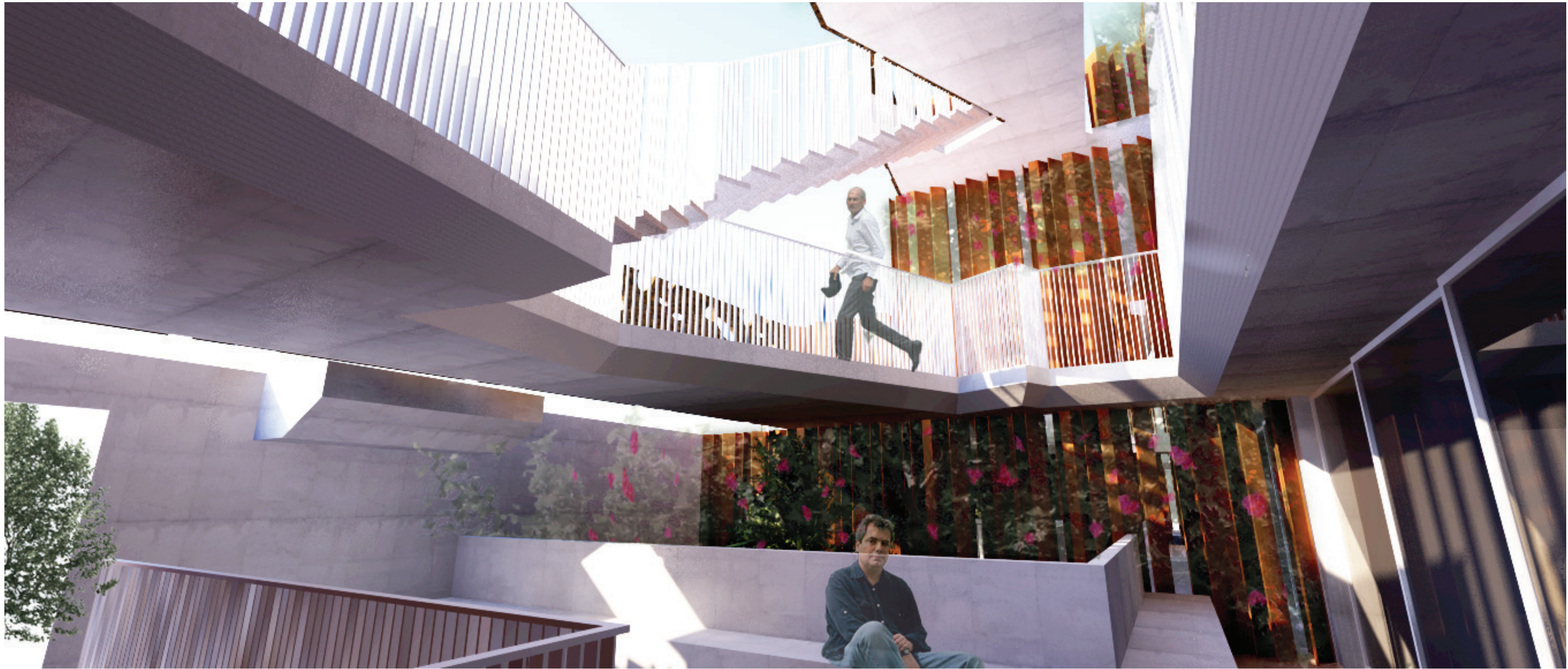


02 Vista do Parque Natural do Rio Seco





01 Zona da Piscina | Contemplação



02 Relação entre pátios exteriores



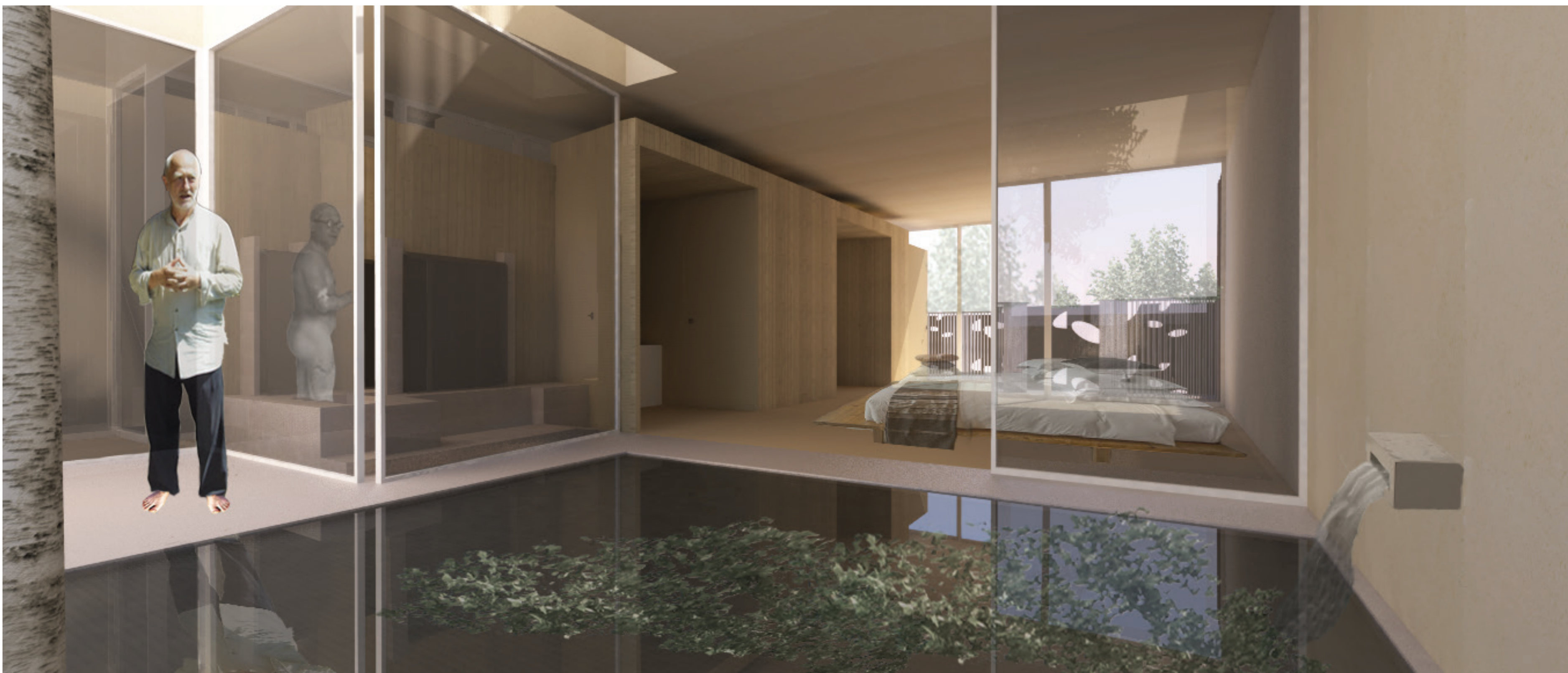
03 A casa no sentido Parque_Cidade



04 A casa no sentido Cidade_Parque



01 Comer Estar e Conviver na Sala



02 Relação interior|exterior na Suite Principal